

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Niele Rosa Pereira da Silva

**DA ORALIDADE À ESCRITA:**  
A contação de histórias na alfabetização

Rio de Janeiro  
2024



Niele Rosa Pereira da Silva

**DA ORALIDADE À ESCRITA:**  
A contação de histórias na alfabetização

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientadora: Professora Dra. Gisele Abreu Lira  
Corrêa dos Santos.

Rio de Janeiro  
2024

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S586 Silva, Niele Rosa Pereira da  
Da oralidade à escrita : a contação de histórias na alfabetização /  
Niele Rosa Pereira da Silva. - Rio de Janeiro, 2024.

118 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação  
Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,  
Extensão e Cultura.

Orientador: Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos.

1. Anos iniciais do Ensino Fundamental - Estudo e ensino. 2.  
Alfabetização. 3. Letramento. 4. Contação de histórias. 5. Escrita. 6.  
Oralidade. I. Santos, Gisele Abreu Lira Corrêa dos. II. Colégio Pedro  
II. III Título.

CDD 372.41

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Niele Rosa Pereira da Silva

**DA ORALIDADE À ESCRITA:**  
A contação de histórias na alfabetização

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: 27/05/2024.

Banca Examinadora:

---

Professora Dra. Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos (Orientadora)  
MPPEB - Colégio Pedro II

---

Professor Dr. Edgar Miranda da Silva  
MPPEB - Colégio Pedro II

---

Professora Dra. Claudia Hernandez Barreiros Sonco  
PPGEB - CAp-UERJ

Rio de Janeiro  
2024

## AGRADECIMENTOS

Na jornada que me trouxe até aqui, houve momentos felizes que intercalaram com frustrações, decepções, mas que foram superados pelo apoio de tantas pessoas incríveis que estiveram comigo nesse processo, o que não me permite não ser grata. Grata pela estrada que trilhei, pelas trocas nas aulas do MPPEB no Colégio Pedro II em São Cristóvão, grata pelas amizades que consolidei neste período, pelas escolhas feitas, pelas oportunidades e indagações que surgiram. GRATIDÃO!

Trabalhar com Educação no Brasil é, por si só, uma escolha diária, permeada por coragem, dedicação, comprometimento e amor. Mas acima de tudo isto, profissionalismo. O querer fazer o melhor, para o melhor. Parece utópico, mas é real! E eu tenho sorte de conhecer, conviver, estudar e trabalhar com muitas pessoas que fazem a mesma escolha, diariamente, por uma educação pública de qualidade.

No contexto profissional houve mudanças significativas em minha jornada durante o mestrado, eu vivi intensamente a sala de aula, a interação com os estudantes, com os responsáveis e com os outros professores, até que surgiu um novo desafio, ir para a gestão da escola, então eu assumi a coordenação pedagógica. Sou muito grata! Cada desafio, uma nova aprendizagem, novas conexões e reflexões. Inúmeras possibilidades para além das paredes da sala de aula. Além disso, não estaria aqui se não fosse pelas parcerias que encontrei nas escolas onde trabalhei e nas trocas diárias com professoras intensamente comprometidas.

Tudo que trilhei até aqui foi muito bem acompanhado por pessoas de extrema responsabilidade e comprometimento. Eu não posso deixar de falar da orientação que recebi em todo este processo, Gisele. Por essa professora orientadora tão solidária, generosa, responsável e humana eu sou eternamente grata! Dito isto, não posso deixar de citar as conexões sinceras que criei no mestrado, as professoras mestradas que seguiram esta jornada ao meu lado desde o início. A turma 2022 jamais será esquecida, a turma festeira e altamente argumentativa, mas muito carinhosa e feliz com a conquista de todos!

Quanto à minha família, minha mais intensa, respeitosa e amorosa gratidão. O eixo materno que sempre me cercou e foi/é minha fortaleza! Mas não só, todos que me cercam, que podem não ter um vínculo sanguíneo, mas são família. Amigos que se tornam família, se mostram família, FAMÍLIA.

*“A arma social de luta mais poderosa  
é o domínio da linguagem.”*

(Magda Becker Soares, 2015)

## RESUMO

SILVA, Niele Rosa Pereira da. **Da oralidade à escrita:** a contação de histórias na alfabetização. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2024.

O retorno das atividades escolares de forma presencial, após o período de distanciamento causado pela pandemia da Covid-19, revelou um aumento do desinteresse dos estudantes pela permanência no ambiente escolar e agravou a defasagem no processo de aprendizagem das habilidades de leitura e escrita na alfabetização. A pesquisa busca por metodologias e práticas pedagógicas que possibilitem a superação dos desafios educacionais citados, que foram potencializados com a pandemia. Em busca de minimizar as dificuldades da aprendizagem da língua escrita nos anos iniciais e estimular o interesse e participação nas aulas, a pesquisa tem por objetivo compreender as estratégias de desenvolvimento da escrita na alfabetização a partir da contação de histórias, enquanto ação pedagógica planejada. No processo de pesquisa, houve a elaboração de um material didático que reúne sugestões de sequências de atividades contextualizadas através da contação de histórias, para servir de apoio aos professores alfabetizadores que buscam o desenvolvimento da escrita dos estudantes. O público-alvo desta pesquisa são estudantes pertencentes a uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, localizada na zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. As etapas que constituem o percurso metodológico desta pesquisa são: 1) mapeamento das principais definições dos conceitos teóricos fundamentais, 2) identificação das estratégias utilizadas por professores alfabetizadores para desenvolver a escrita dos estudantes do ciclo de alfabetização, 3) planejamento das atividades que serão realizadas em sala de aula em busca do avanço da hipótese de escrita destes estudantes, 4) proposição das sequências didáticas ancoradas nas contações de histórias que desenvolvam as habilidades necessárias para a aprendizagem da língua escrita dos alfabetizandos, 5) aplicação dos procedimentos sugeridos no material didático proposto, a fim de verificar se há melhoria no desempenho da escrita dos estudantes. Como registro, geração e coleta de dados ocorreu a aplicação de um questionário semiestruturado para professores em vista de conhecer estratégias utilizadas no processo de alfabetização. Durante todo o processo de aplicação da pesquisa houve a realização de uma avaliação diagnóstica do desenvolvimento da escrita dos estudantes. O Produto Educacional desta pesquisa consiste em um *E-book* Didático-Pedagógico composto por sequências de atividades baseadas em livros literários infantis e sugestões pedagógicas direcionadas aos professores alfabetizadores acerca do uso deste material, a fim de auxiliá-los em suas ações pedagógicas. Essas atividades funcionam como sugestões metodológicas para serem aplicadas em sala de aula, com o objetivo de promover o desenvolvimento da hipótese de escrita dos alunos em processo de alfabetização. A partir dos resultados gerados durante a pesquisa foi possível observar que materiais didáticos específicos são um diferencial à medida que se adequam às necessidades de aprendizagem na alfabetização e que a contação de histórias, em sala de aula, estimula as crianças que estão na fase inicial da aprendizagem da língua escrita.

**Palavras-chave:** alfabetização e letramento; contação de histórias; escrita na alfabetização; oralidade.

## ABSTRACT

Silva, Niele Rosa Pereira da. **From Orality to Writing: Storytelling in Literacy**. 2024. Dissertation (Professional Master's Degree in Basic Education Practices) – Pedro II College, Vice-Rectorate for Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Professional Master's Program in Basic Education Practices, Rio de Janeiro, 2024.

The return to in-person school activities, following the period of distancing caused by the Covid-19 pandemic, has revealed an increase in students' disinterest in remaining in the school environment and has worsened the gap in the learning process of reading and writing skills during literacy. The research seeks methodologies and pedagogical practices to overcome the educational challenges mentioned, which were intensified by the pandemic. In an effort to minimize the difficulties of learning written language in the early years and to stimulate interest and participation in classes, the research aims to understand the strategies for developing writing in literacy through storytelling as a planned pedagogical action. In the research process, a didactic material was developed that gathers suggestions for contextualized activity sequences through storytelling, to support literacy teachers seeking the development of students' writing. The target audience of this research consists of students belonging to a 1st-grade class in a municipal school located in the South zone of Rio de Janeiro city. The methodological steps of this research are as follows: 1) mapping the main definitions of fundamental theoretical concepts, 2) identifying the strategies used by literacy teachers to develop students' writing in the literacy cycle, 3) planning activities to be carried out in the classroom aiming at advancing these students' writing hypothesis, 4) proposing didactic sequences anchored in storytelling to develop the necessary skills for literacy learning, 5) applying the suggested procedures in the proposed didactic material to verify if there is an improvement in students' writing performance. As part of data generation and collection, a semi-structured questionnaire was applied to teachers to understand the strategies used in the literacy process. Throughout the research application process, a diagnostic evaluation of students' writing development was conducted. The Educational Product of this research consists of a Didactic-Pedagogical E-book composed of activity sequences based on children's literary books and pedagogical suggestions directed to literacy teachers regarding the use of this material, in order to assist them in their pedagogical actions. These activities serve as methodological suggestions to be applied in the classroom, with the aim of promoting the development of students' writing hypothesis in the process of literacy. Based on the results generated during the research, it was possible to observe that specific didactic materials are an asset as they adapt to the learning needs in literacy and that storytelling in the classroom stimulates children in the early stages of learning written language.

**Keywords:** literacy; storytelling; acquisition of writing in literacy; orality.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propriedades do SEA para a alfabetização .....	34
Figura 2 - Níveis de Escrita no Ciclo de Alfabetização .....	43
Figura 3 - Categorização dos Níveis de Escrita.....	44
Figura 4 - Folha de Planejamento.....	48
Figura 5 - Motivação para alfabetizar.....	53
Figura 6 - Consequências escolares a partir da Covid-19 .....	54
Figura 7 - Livros literários na alfabetização .....	55
Figura 8 - Estratégias para motivar os estudantes .....	56
Figura 9 - Estratégias para desenvolver a escrita .....	58
Figura 10 - Como promover a escrita dos estudantes? .....	59
Figura 11 - Práticas compartilhadas .....	61
Figura 12 - Escrita inicial do estudante A .....	63
Figura 13 - Escrita inicial do estudante B.....	64
Figura 14 - Escrita inicial do estudante C.....	64
Figura 15 - Escrita inicial do estudante D .....	65
Figura 16 - Escrita inicial do estudante E.....	65
Figura 17 - Escrita inicial do estudante F.....	66
Figura 18 - Livro “O Pequeno Príncipe Preto” .....	68
Figura 19 - Sequência Didática 1 .....	68
Figura 20 - Releitura de um trecho do livro a pedido dos estudantes .....	69
Figura 21 - Expansão dos estudos da Baobá a partir do livro (uso de recurso audiovisual) ....	70
Figura 22 - Propostas diferenciadas de escrita para o desenvolvimento dos estudantes .....	70
Figura 23 - Uso de letras móveis para escrever palavras .....	71
Figura 24- Interesse pela leitura nos momentos “livres” em sala de aula .....	72
Figura 25 - Diagnose de escrita dos estudantes (segunda aplicação) .....	72
Figura 26 - Sequência Didática 2 .....	74
Figura 27 - Exploração da Capa do Livro .....	75
Figura 28 - Cruzadinha.....	76
Figura 29 - Ditado de palavras .....	77
Figura 30 - Escrita de frases .....	77
Figura 31 - Diagnose de escrita (terceira aplicação) .....	78

Figura 32 - Sequência Didática 3 .....	81
Figura 33 - Exploração da capa do livro “A cesta de Dona Maricota” .....	82
Figura 34 - Primeira atividade de escrita da Sequência Didática 3 .....	82
Figura 35 - Leitura livre.....	84
Figura 36 - Explorando a escrita de palavras .....	85
Figura 37 - Diagnose de escrita (quarta aplicação) .....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Categorização do ano escolar.....	51
Gráfico 2 - Formação docente .....	52
Gráfico 3 - Tempo de regência .....	52
Gráfico 4 - Tempo de regência na Unidade Escolar.....	53
Gráfico 5 - Elementos da rotina na sala de aula .....	55
Gráfico 6 - Tipos de textos utilizados .....	57
Gráfico 7 - Hábito de contar histórias.....	57
Gráfico 8 - Frequência da contação de histórias.....	58
Gráfico 9 - A contação de histórias na escola .....	60
Gráfico 10 - Aplicação da diagnose inicial de escrita .....	67
Gráfico 11 - Segunda aplicação da diagnose de escrita dos estudantes.....	73
Gráfico 12 - Terceira aplicação da diagnose de escrita dos estudantes .....	79
Gráfico 13 - Quarta aplicação da diagnose de escrita dos estudantes .....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Verbetes.....	26
Quadro 2 - Métodos de Alfabetização.....	32
Quadro 3 - Planejamento de Atividades “O Pequeno Príncipe Preto” .....	49

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Primeira comparação dos níveis de escrita.....	79
Tabela 2 - Segunda comparação dos níveis de escrita.....	87
Tabela 3 - Acompanhamento das Avaliações Diagnósticas de Escrita.....	91

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Problema de pesquisa.....	17
1.2 Objetivos Geral e Específicos.....	19
1.3 Justificativa.....	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 Oralidade e Escrita.....	24
2.2 Alfabetização e Letramento.....	28
2.3 A Contação de Histórias em Contexto Escolar.....	29
2.4 Aprendizagem e Desenvolvimento da Língua Escrita.....	32
3 METODOLOGIA.....	36
3.1 Tipo de pesquisa.....	36
3.2 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso em campo.....	37
3.3 População e amostra.....	37
3.4 Instrumentos de coleta de dados.....	39
3.5 Metodologia de análise de dados.....	39
3.6 Descrição das etapas da pesquisa.....	40
4 PRODUTO EDUCACIONAL.....	45
4.1 O Professor como Produtor de Material Didático.....	45
4.2 O Encantamento da Escrita.....	46
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	51
5.1 Etapa 1 - Contribuições das Professoras Alfabetizadoras.....	51
5.2 Etapa 2 - A Escrita dos Estudantes.....	61
5.2.1 - Diagnose Inicial de Escrita.....	62
5.2.2 - Sequência Didática 1.....	67
5.2.3 - Sequência Didática 2.....	73
5.2.4 - Sequência Didática 3.....	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A – TCLE PARA PROFESSORES.....	97
APÊNDICE B – Questionário Semiestruturado - Professores.....	99
APÊNDICE C - TCLE PARA OS RESPONSÁVEIS.....	105

APÊNDICE D – TALE PARA OS ALUNOS.....	107
APÊNDICE E – Diagnose Inicial de Escrita .....	109
APÊNDICE F - Sequência de Atividades “O Pequeno Príncipe Preto” .....	111

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo se deu a partir da necessidade de buscar metodologias pedagógicas eficazes no desenvolvimento das habilidades de aprendizagem da escrita dos estudantes que estão no processo de alfabetização, visto que, com o advento da pandemia da Covid-19 ocorreu o aumento no desinteresse dos estudantes pelo ambiente escolar, potencializando a defasagem das habilidades de leitura e escrita dos alfabetizandos. Segundo Silva *et al.* (2020, p. 2):

Atualmente as dificuldades de aprendizagem têm sido de grande preocupação, e crescem a cada dia, portanto uma busca por novas estratégias de ensino faz-se necessária, a fim de sanar tais dificuldades apresentadas no processo de alfabetização.

A partir dessa contextualização, o interesse dessa pesquisa é a compreensão de como a contação de histórias interfere no processo de ensino-aprendizagem das habilidades de escrita na alfabetização das crianças inseridas em uma rede pública de ensino municipal. Para corroborar esse questionamento, Lucena (2020, p. 11) traz em seu trabalho de pesquisa a seguinte afirmação:

Contar histórias para crianças pode abrir caminhos para o uso de vários textos e suportes reais, que pautados num contexto e planejados com significados, auxiliam no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, social e da aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

Em seu trabalho, Lucena (2020) defende a visão sobre a importância do ato de contar histórias fazer parte das práticas alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental, pois contribui para o letramento da criança. Torna-se cada vez mais necessária a inserção da ludicidade e de práticas de oralidade na sala de aula, visto que, proporcionam experiências nas quais as crianças sejam capazes de falar e ouvir. Isto potencializa sua participação na cultura oral, pois através da contação de histórias e das “implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui, ativamente, como sujeito singular e pertencente a um grupo social” (p. 10).

No trabalho de Silva *et al.* (2020, p. 312) ela traz informações que já alertavam quanto à necessidade de buscar metodologias e estratégias pedagógicas para minimizar o problema da alfabetização no Brasil, quando destaca que:

Com base nos dados coletados das provas do IDEB dos anos de 2015 e 2017 da cidade de Vazante, a pesquisa mostra também uma grande preocupação no declínio dos alunos em relação aquisição da leitura, escrita e interpretação de textos, e demonstra que não basta o aluno aprender ler, escrever se não souber fazer uso da leitura em sua vida social.

Nos trabalhos citados, as autoras revelam a importância da contação de histórias no ambiente escolar, como prática docente contínua e necessária para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, constituintes do processo de alfabetização. É necessário que o professor alfabetizador se instrumentalize, através do uso da literatura infantil, para estimular a participação ativa dos estudantes nas aulas propostas e no desenvolvimento das atividades que proporcionem o avanço da aprendizagem da língua escrita.

Nos trabalhos supracitados observa-se a ausência de materiais didáticos que reúnam sugestões de procedimentos e metodologias que proporcionem o uso da contação de histórias para desenvolver a língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Contudo, é importante ressaltar que no ano letivo de 2024, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), torna-se presente nas Unidades Escolares um material com orientações para os professores que visa a promoção de práticas leitoras, incluindo a contação de histórias. Dessa forma, este trabalho poderá contribuir para a promoção e ampliação de propostas didático-pedagógicas que venham complementar o material existente, denominado Caderno Pedagógico Roda de Leitura.

### **1.1 Problema de pesquisa**

A contação de histórias é uma prática que faz parte da cultura e da tradição de diversos povos. Ela é considerada uma forma de arte, de educação, de entretenimento e de transmissão de valores e conhecimentos. No contexto educacional, a contação de histórias pode ser utilizada como uma estratégia pedagógica para estimular o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, da imaginação, da criatividade, da memória, da atenção, da compreensão, da expressão, da criticidade e da sensibilidade dos alunos (Lucena, 2020). Além disso, a contação de histórias pode favorecer a formação de futuros leitores e escritores, ao despertar o interesse e o prazer pela literatura e pela escrita.

No entanto, apesar da importância e dos benefícios da contação de histórias para a alfabetização, observa-se que essa prática ainda é pouco valorizada e explorada nas escolas brasileiras. Muitas vezes, a contação de histórias é vista como uma atividade secundária, lúdica ou apenas recreativa, que não tem relação direta com o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Outras vezes, a contação de histórias é realizada de forma inadequada, sem planejamento, sem critério de seleção, sem interação, sem contextualização e sem continuidade. Esses fatores podem comprometer a utilização da contação de histórias como uma ferramenta pedagógica para a alfabetização.

Quanto ao desenvolvimento de habilidades da língua escrita que fazem parte do ensino de linguagens do ensino fundamental, a BNCC (2018, p. 65) afirma:

[...] aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Ao tratar do componente curricular de Língua Portuguesa, nos anos iniciais do ensino fundamental, a BNCC (2018) visa proporcionar, aos estudantes, experiências que colaborem com a ampliação de seu letramento, que possibilitem a participação significativa e crítica desses indivíduos nas diversas práticas sociais compostas pela oralidade, escrita e outras linguagens. Tendo em vista a relevância da aprendizagem da língua escrita para o desenvolvimento humano, como afirma Silva *et al.* (2020, p. 311) “ler e escrever são habilidades importantes para formação social do indivíduo”, torna-se urgente contribuir para o uso de ferramentas e metodologias, como práticas pedagógicas na alfabetização, para possibilitar o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes.

Como defende Silva *et al.* (2020, p. 311):

[...] é preciso preparar a criança para receber a leitura de forma lúdica e prazerosa, e a contação de histórias, o ato de ler um bom livro ajuda neste processo de transição da língua falada para a língua escrita.

Para dialogar com a afirmação anterior, Magda Soares (2020), traz uma reflexão importante sobre o desenvolvimento da escrita no processo de ensino aprendizagem dos anos iniciais, ao questionar o uso de textos que não tem significado real para os estudantes e são considerados “modelos” de textos para a alfabetização. A utilização de textos abordados fora de contexto, contribui para o empobrecimento da escrita no processo de alfabetização, como Soares (2020, p.81) critica em seu livro que “as fragilidades discursivas dos textos produzidos por estudantes em fase de alfabetização decorrem, em grande parte, dos “modelos” de texto que convivem, nos anos iniciais de escolarização”.

Diante desse cenário, surge o seguinte problema de pesquisa: Como a prática de contação de histórias, no cotidiano escolar, se relaciona com o desenvolvimento da escrita de crianças que estão em processo de alfabetização? Essa questão se justifica pela relevância teórica e prática de se investigar o papel da contação de histórias na alfabetização, bem como as formas de implementá-la de maneira adequada nas salas de aula. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a valorização e a difusão da contação de histórias como uma prática pedagógica que favorece a aprendizagem da escrita, bem como para a formação de professores que saibam utilizar essa estratégia de forma consciente e crítica.

## **1.2 Objetivos Geral e Específicos**

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneiras a prática de contação de histórias, enquanto estratégia pedagógica organizada e planejada, afeta o desenvolvimento dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, em uma turma pertencente ao ciclo de alfabetização.

Os caminhos percorridos, durante a pesquisa, a fim de possibilitar o alcance do objetivo geral foram:

1. Identificar as estratégias utilizadas por professores alfabetizadores para desenvolver a escrita dos estudantes pertencentes ao ciclo de alfabetização.
2. Realizar uma diagnose de escrita inicial dos estudantes participantes da pesquisa para verificação do nível de hipótese de escrita dos mesmos antes da aplicação do recurso pedagógico desenvolvido durante este trabalho.
3. Desenvolver um caderno pedagógico formado por sequências de atividades e propostas pedagógicas que contribuam para o avanço do nível de hipótese de escrita dos estudantes e que estejam contextualizadas com livros de literatura infantil que abordam temas diversos.
4. Aplicar o material didático proposto para o desenvolvimento da escrita dos estudantes inseridos no processo de alfabetização e adicionar sugestões metodológicas para contribuir com o planejamento dos professores alfabetizadores sobre o uso do caderno pedagógico proposto.
5. Analisar e refletir sobre os resultados da aplicação do material didático.

## **1.3 Justificativa**

O desenvolvimento desta pesquisa considera a importância da busca por metodologias e materiais didáticos que possam contribuir para minimizar, dentro da sala de aula estudada, os impactos negativos na educação nesse período “pós pandêmico” da Covid-19, visto que os estudantes se encontram cada vez mais desinteressados pelo ambiente escolar.

O distanciamento do ambiente escolar das crianças que fazem parte do ciclo de alfabetização, nesse período de dois anos letivos, acarretou o aumento na defasagem de aprendizagem por parte dessas crianças e, com isso, uma maior dificuldade em avançar na escrita de nossa língua materna. Como a pesquisa divulgada pelo DataSenado, Pimenta (2022) mostra:

O retorno às aulas presenciais em instituições públicas e privadas de educação básica de todo o país nesses primeiros meses de 2022 deixou evidente a especialistas e à comunidade escolar um quadro desafiador: recuperar o conteúdo não incorporado e curar sequelas psicossociais que atingem alunos e, não raras vezes, os professores. Afinal, a pandemia da covid-19 impôs a eles quase dois anos de afastamento total ou parcial do ambiente escolar.

Com isto, para justificar esta pesquisa de forma completa e coesa, serão abordados os tópicos a seguir: relevância acadêmica, relevância profissional e relevância social.

Quanto à relevância acadêmica, não foram encontradas teses e/ou dissertações de mestrado que abordassem a relação direta entre a prática de contação de histórias, como metodologia pedagógica no ciclo de alfabetização, e o desenvolvimento das hipóteses de escrita dos educandos. Fato este, que foi constatado a partir de pesquisa no banco de dados do Portal de Periódicos da CAPES. Para esta consulta foram utilizados alguns filtros na busca como: artigos publicados nos últimos cinco anos, publicações feitas na língua portuguesa (Brasil) e as palavras-chave usadas foram “contação de histórias”, “alfabetização” e “escrita”.

A importância do desenvolvimento desta pesquisa se dá pela verificação da necessidade de buscar procedimentos e práticas pedagógicas bem planejadas e organizadas que impulsionam o aprendizado da língua escrita na alfabetização, potencializando as metodologias que valorizem a oralidade dos estudantes e promovam uma aprendizagem significativa.

Embora a contação de histórias tenha se tornado uma prática docente cada vez mais frequente no contexto escolar, poucas pesquisas relacionam esta prática como procedimento metodológico nos anos iniciais do ensino fundamental para contribuir com o desenvolvimento da escrita dos alfabetizandos. Foram encontradas uma maior quantidade de pesquisas que abordam a contação de histórias no contexto escolar da educação infantil, porém o mesmo não ocorre no ensino fundamental. Também é possível perceber, através da leitura de outras pesquisas, que a contação de histórias continua sendo vista como algo facultativo ao processo de ensino-aprendizagem dos anos iniciais e não como prática contínua, organizada e planejada.

A inovação proposta nesta pesquisa ocorre pela relação estabelecida entre a prática da contação de histórias e o desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita, em contexto escolar, através da fundamentação teórica previamente estabelecida com os autores Magda Soares, Artur Gomes de Morais, Cléo Busatto, Celso Sisto, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. Para contribuir com os estudos que fundamentaram este trabalho, foi necessário buscar as definições dos conceitos de oralidade e escrita para compreender a possível relação entre eles no ensino inicial da língua.

Foi proposta como estratégia pedagógica para o desenvolvimento de escrita dos estudantes a prática de contação de histórias nas aulas de uma turma de alfabetização a fim de

contribuir para o avanço dos alfabetizandos em seu processo de ensino e para a melhoria da qualidade do que vivenciam no contexto escolar nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, houve a busca pela promoção de práticas pedagógicas contextualizadas com o letramento literário, crítico e étnico-racial.

Quanto à relevância profissional, durante a pesquisa houve a construção de um material didático, que é um *E-book* Didático-Pedagógico. Esse recurso pedagógico é composto por: orientações direcionadas aos professores alfabetizadores com sugestões metodológicas sobre o uso e inserção, de forma intencional, da contação de histórias no cotidiano escolar das turmas de alfabetização. Para isso são sugeridos o uso de textos literários diversificados e sequências de atividades a partir de livros literários infantis, previamente selecionados, para contribuir e estimular reflexões críticas acerca das relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental. O material proposto poderá servir como um recurso pedagógico de apoio ao docente alfabetizador na busca pelo desenvolvimento significativo da língua escrita durante o processo de ensino e aprendizagem inicial.

Apesar da existência de muitos estudos, pesquisas e discussões acerca das questões que envolvem a alfabetização no Brasil, ainda é possível perceber grandes problemas e déficits de ensino nessa área. Dessa forma, há a necessidade de compreender e promover práticas pedagógicas que venham contribuir com a melhoria da educação inicial dos alunos, principalmente nas escolas públicas que atendem as crianças das classes populares.

De acordo com a pesquisa de Manosso, Smaniotto e Fontana (2020) onde foram identificadas em 97 ementas e 68 bibliografias dos 70 cursos de Pedagogia de instituições públicas e privadas brasileiras, as lacunas na preparação para o entendimento da base epistemológica teórico-prática referente ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita e de processos sociais que influenciam e, que podem até determinar os sucessos ou fracassos na alfabetização. Isto demonstra um desafio a ser enfrentado quanto aos currículos de formação de professores, pois a prática pedagógica requer a aprendizagem de conhecimentos vinculados ao campo da didática, dos métodos, da avaliação, dos recursos e dos provocadores sociais e políticos externos à sala de aula e ao contexto escolar.

Como afirma Palma e Coelho (2020) é observada a ausência de uma (ou mais) disciplina(s) específica(s) que enfatize(m) a contação de histórias e, conseqüentemente, a valorização da oralidade como prática pedagógica por parte do professor. A prática da oralidade em sala de aula ainda é vista como algo não fundamental no processo de ensino e é a isto que também se propõe refletir nesta pesquisa.

Outro problema de fácil identificação nos anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, no ciclo de alfabetização, é quanto às práticas metodológicas popularmente difundidas, a grande questão do método de alfabetização que é intensamente abordado no livro “Alfabetização: a questão dos métodos” de Magda Soares (2016), onde se torna clara a necessidade de focar em como ocorre a aprendizagem do alfabetizando. Portanto, essa pesquisa busca contribuir com a reflexão crítica dos conceitos que a fundamentam e com a formação docente, através da partilha do *E-book* Didático-Pedagógico que foi elaborado para o uso dos professores alfabetizadores de forma qualitativa, intencional e planejada em busca de possibilitar a inovação na sua prática e no aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita.

A partir de pesquisas realizadas através da leitura das leis que direcionam e regulamentam a Educação Básica no Brasil, foi possível observar que há uma forte argumentação favorável ao uso do texto, oral e escrito, como centro do processo de ensino e aprendizagem. Como é afirmado no documento oficial da Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 67):

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

A afirmação destacada acima corrobora a investigação desta pesquisa que se propõe a contribuir com o uso do texto, neste caso através do uso do livro literário infantil, para que o mesmo seja o ponto de partida de todo o processo de ensino no período de alfabetização dos educandos. Da mesma forma, foi possível encontrar nos documentos orientadores as seguintes afirmações:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2018, p. 68)

Quanto à relevância social, há a intenção de contribuir com a redução das taxas de analfabetismo funcional<sup>1</sup> e com a promoção dos direitos da criança, principalmente das classes populares, cujo acesso principal à formação e informação é a escola pública. Nesta pesquisa pretende-se possibilitar o fomento da prática de contação de histórias como metodologia docente efetiva no cotidiano escolar das turmas de alfabetização e de promover maior segurança dos professores alfabetizadores para que tomem conhecimento adequado das metodologias que

---

<sup>1</sup>Analfabetismo Funcional segundo Magda Soares (2020, p. 10) aqueles que “tem muita dificuldade em fazer uso da leitura e da escrita em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em cartaz ou folheto.”

podem ser utilizadas em sala de aula. Acredita-se que professores e estudantes devem atuar como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem e não como figurantes em métodos de alfabetização que, por si só, não solucionam o fracasso escolar ainda vivenciado e constatado nas escolas públicas brasileiras.

O material didático que poderá servir como recurso para formação continuada de professores de alfabetização e/ou como apoio pedagógico ao ser utilizado em sala de aula com os alfabetizandos, assim como, a pesquisa que fez parte de sua elaboração. A pesquisa se propõe a pensar uma metodologia que visa proporcionar equidade do ensino para as classes populares, com valorização da oralidade em contexto escolar e contribuição para o desenvolvimento da escrita dos educandos através de uma aprendizagem significativa, lúdica e contextualizada. Toda contribuição para uma alfabetização efetiva, especialmente nas escolas públicas e para a redução do fracasso escolar, precisa ser valorizada e amplamente divulgada.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Soares (2020, p. 16) define *alfabetização* como o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. A autora reforça a importância em diferenciar o processo de aquisição da língua (oral e escrita) do processo de desenvolvimento da língua, destaca-se em sua obra que este último nunca é interrompido. Magda Soares defende que a alfabetização é um processo multifacetado (linguístico, social, econômico, político e psicológico), e que as áreas que o formam precisam estar presentes, também, nos materiais didáticos desenvolvidos para a aprendizagem dos estudantes em processo de alfabetização.

Segundo Morais (2012) ensinar cuidadosamente o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) torna-se essencial para possibilitar melhorias no processo de aprendizagem da alfabetização em nosso país. Contribuindo assim, para a redução dos índices de fracasso escolar que, infelizmente, ainda são evidentes e colaboram para a manutenção das desigualdades sociais. Ensinar o SEA através da perspectiva construtivista significa tratá-lo como objeto de conhecimento em si, com propriedades e concepções que os estudantes precisam aprender através do ensino apropriado. Esta concepção se adequa à ideia de alfabetizar letrando, o que corrobora com a sugestão da pesquisa de utilizar a contação de histórias como estratégia para a aprendizagem da língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

A importância de propor novas metodologias e sugestões didáticas para o desenvolvimento do ensino da língua escrita na alfabetização pode ser sustentada pela afirmação de Freitas (2009, p.9):

a clareza da pedagogia intencional requer dos docentes que estes guiem os processos didáticos voltados para o ensino e a avaliação de forma planejada, organizada e sistematizada, visando à promoção de transformações e avanços no desempenho do aluno e do educador [...] relacionar e utilizar conteúdos e metodologias que possibilitem mudanças na prática pedagógica.

Nesta pesquisa, serão trabalhados os conceitos de oralidade e escrita, alfabetização e letramento, do desenvolvimento da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental e da relevância da contação de histórias em contexto escolar. Espera-se que, com esses conceitos bem trabalhados durante a realização da pesquisa e aplicação dos procedimentos sugeridos, ocorra uma melhora no desenvolvimento da língua escrita e que proporcione maior engajamento dos alfabetizandos durante as aulas, no ambiente escolar.

### 2.1 Oralidade e Escrita

Para compreender os caminhos traçados durante a pesquisa serão trazidas aqui as definições dos conceitos de oralidade e escrita abordados neste trabalho e para iniciar a reflexão

sobre a relação entre os conceitos que nomeiam este tópico vejamos o que está publicado no Glossário Ceale a respeito do verbete “oralidade e escrita” da UFMG:

A relação entre a oralidade e a escrita é tema de estudo de várias áreas de conhecimento e, dependendo da abordagem escolhida, esses termos podem aparecer em uma relação de oposição ou de integração. A oposição entre escrita e oralidade foi utilizada como a grande divisão que separa as sociedades históricas e pré-históricas, civilizadas e selvagens. [...] Contudo, a crença de que a oralidade induziria a um pensamento pré-lógico deixou de ser dominante após o fim do colonialismo. A Psicologia, por sua vez, descreveu a gênese das funções psicológicas e simbólicas, analisando como o discurso oral de uma criança se transforma em discurso interior, isto é, em pensamento. Esse processo acontece tanto com crianças que vivem em sociedades ágrafas (sem escrita) quanto com crianças que convivem cotidianamente com a escrita. Já a Sociologia analisou a face oculta da cultura escolarizada, os saberes inscritos em redes de poder, a violência simbólica das classificações eruditas vinculadas exclusivamente ao domínio da escrita. (CHARTIER; FRADE, 2024, s/p.)

Com isto, é possível perceber que há diversas formas de compreender a relação entre oralidade e escrita. Ainda com base nos estudos realizados para o desenvolvimento do Glossário Ceale (2024, s/p.) é importante destacar que:

A escola trabalha com uma cultura escrita, com dispositivos que são organizados pela escrita, como livros, cadernos, fichários, quadros e tabelas. Os escritos que circulam nesses materiais acabam conduzindo a um modo de se expressar e pensar que é nutrido pelo modelo escrito e pelos poderes da escrita. No entanto, a escola é, além disso, espaço de encontro de culturas da oralidade, quando os alunos produzem textos orais de sua tradição familiar e de seus grupos de convivência, quando diferentes falares convivem no espaço escolar, quando muitos conhecimentos são transmitidos pela via da oralidade. A presença de escritos na vida social ou escolar e as tecnologias têm modificado as fronteiras entre a escrita e a oralidade: fala-se a distância (por telefone), a pessoas ausentes (recados na secretária eletrônica); dialoga-se por escrito (através de *emails*, *chats*, *tweets*). O oral passa a deixar seus traços em registros escritos e os numerosos escritos podem ser efêmeros como a fala. A grande diferença entre os modos de funcionamento oral e escrito deve ser relativizada quando as sociedades se tornam letradas. Além disso, a existência da escrita não é marco para estabelecer o fim de algumas práticas sociais que ocorrem numa cultura típica da oralidade. (CHARTIER; FRADE, 2024, s/p.)

É observado que a existência da escrita não anula a oralidade e vice-versa. Torna-se importante reconhecer que o conceito de oralidade, conforme os estudos divulgados pela UFMG através do Glossário Ceale (2024, s/p.), relaciona-se ao uso da comunicação oral da língua através de práticas sociais e discursivas, tanto em sua produção, quanto em sua escuta. Assim como:

A *oralidade* não se restringe ao estudo da materialidade da fala, mas envolve, em contextos socioculturais específicos, a fala associada a seu ritmo, entonação, volume e entrelaçada a múltiplas linguagens, como a gestualidade, a mímica, a imagem e até à modalidade escrita da língua (por exemplo, na TV, numa exposição oral em que se usa algum apoio escrito). Mesmo quando um indivíduo não se manifesta verbalmente, suas reações corporais (de interesse, curiosidade, tédio, indiferença, cansaço, emoção, entre outras) podem influenciar nas decisões discursivas tomadas por seu(s) interlocutor(es) e, com isso, no andamento da interação. [...]

A *oralidade* a ser trabalhada no espaço escolar deve ser, sobretudo, a que favorece o desenvolvimento da proficiência do aprendiz em gêneros orais formais públicos, ou seja, em gêneros que circulam em contextos de uso linguístico pouco comuns no dia a dia e para os quais exige-se um conhecimento que não figura no saber cotidiano. (MARCUSCHI, 2024, s/p.)

A partir da compreensão do último trecho acima, percebe-se a importância de trabalhar com a oralidade de forma intencional e didática para possibilitar o desenvolvimento significativo das habilidades de escrita dos anos iniciais do ensino fundamental, assim como, proporcionar um melhor envolvimento dos estudantes nas propostas oferecidas em sala de aula. Essa pesquisa está em consonância com os estudos realizados pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da UFMG, no qual Marcuschi (2024, s/p.) evidencia que:

Bons exemplos de gêneros da *oralidade* a serem estudados no contexto da alfabetização e dos anos iniciais da escolarização são, dentre outros, “**Contação de histórias**” (*grifo próprio*), quando as crianças são convidadas a (re)contar para os colegas histórias lidas ou ouvidas, “Debate regrado”, ocasião em que os alunos são orientados a discutir algum tema polêmico do seu cotidiano (restrição às guloseimas na hora do lanche, por exemplo), “Exposição oral”, contexto no qual os aprendizes devem expor sobre determinados conteúdos (os hábitos de seu animal de estimação, por exemplo). Por serem muito utilizados na escola, é costume partir-se do pressuposto de que o aluno domina esses gêneros, quando, ao contrário, sua produção e, também, sua escuta atenta (capacidade rotineiramente desconsiderada) **precisam ser ensinadas** (MARCUSCHI, 2024, s/p., grifo nosso), levando-se em conta a situação comunicativa, a construção do plano textual, o uso de materiais de apoio, dentre outros aspectos.

Conforme vem sendo refletido neste trabalho, as citações destacadas corroboram a hipótese da professora pesquisadora de que há a necessidade de trabalhar os conceitos de oralidade e escrita de forma intencional, organizada e planejada em sala de aula, para que seja possível desenvolver um bom processo de ensino e aprendizagem, principalmente, no período de alfabetização dos estudantes. O uso da contação de histórias como procedimento pedagógico, como ponto de partida da oralidade para o desenvolvimento das técnicas de escrita e aprendizagem da língua escrita em contexto escolar, torna-se cada vez mais urgente, acima de tudo, como um caminho possível para minimizar as defasagens do processo de alfabetização que ainda são consideradas acima do esperado.

A fim de proporcionar maior entendimento de alguns dos conceitos fundamentais utilizados neste trabalho, observe o Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1 - Verbetes**

Verbete	Citações destacadas
Escrita coletiva na alfabetização	“A <i>escrita coletiva</i> é uma estratégia que pode ser utilizada com objetivos distintos em uma sala de aula. Ela envolve grupos de alunos ou toda a turma e o professor que, necessariamente, atua como mediador no processo de elaboração textual. A

	<p>produção coletiva de textos pode ser desenvolvida com crianças que ainda não estão alfabetizadas e, também, com crianças em processo de consolidação das habilidades de ler e escrever, contribuindo significativamente para o aprendizado da escrita.” (SOUTO; SOUZA, 2024, s/p.)</p> <p>Fonte: ESCRITA COLETIVA NA ALFABETIZAÇÃO. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <a href="https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-coletiva-na-alfabetizacao">https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-coletiva-na-alfabetizacao</a>. Acesso em: 12 fev. 2024.</p>
Escrita espontânea	<p>“Considerando que nosso sistema de escrita é alfabético, a <i>escrita espontânea</i> pode ser compreendida como toda a produção gráfica da criança que se encontra em processo de compreensão do princípio alfabético, mesmo quando ainda não domina este princípio. O espontâneo designa essa possibilidade de escrever mais livremente, sem restrições e preocupações em errar, seja na escola ou em situações cotidianas. Nas pesquisas que tomam o desenvolvimento da aquisição da língua escrita pela criança como objeto de investigação, ela é considerada uma importante atividade, por desencadear e revelar processos de reflexão do aprendiz – uma vez que, para escrever, é necessário que pense nas características gráficas e produza indagações sobre como grafemas (letras) representam os fonemas (sons) da palavra a ser escrita.” (MONTEIRO, 2024, s/p.)</p> <p>Fonte: ESCRITA ESPONTÂNEA. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <a href="https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-espontanea">https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-espontanea</a>. Acesso em: 12 fev. 2024.</p>
Gêneros literários para criança	<p>“A literatura infantil que hoje se publica para crianças bebeu em fontes variadas da tradição literária, que se atualizam criativamente a cada geração de leitores – daí a importância de identificá-las. [...] Falar de gêneros da literatura pressupõe, assim, o diálogo com a tradição e com formas orais e escritas do texto literário, produzidas para crianças em diferentes épocas. [...] Convém, ainda, ressaltar que os gêneros da literatura infantil se caracterizam pelo equilibrado diálogo entre as imagens visuais e o texto verbal. Essa configuração, que lhe é peculiar, instaura modos de ler sensíveis aos efeitos produzidos <i>pelo</i> e <i>no</i> entrelaçamento dessas linguagens. Para isso, é preciso contar com a percepção de elementos como a cor, as formas, os traços da composição visual, tomados como componentes das escolhas de estilo que dividem as páginas com os textos verbais.” (MACHADO, 2024, s/p.)</p> <p>Fonte: GÊNEROS LITERÁRIOS PARA CRIANÇA. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <a href="https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/generos-literarios-para-criancas">https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/generos-literarios-para-criancas</a>. Acesso em: 12 fev. 2024.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os três conceitos se conectam com a pesquisa na medida em que são formas de promover o desenvolvimento da escrita na alfabetização, considerando os aspectos cognitivos, sociais e culturais envolvidos nesse processo. A escrita espontânea favorece a autonomia, a autoconfiança e a metacognição dos alunos. A escrita coletiva possibilita a troca de ideias, a negociação de sentidos e a construção coletiva do texto. Os gêneros literários infantis proporcionam o contato com diferentes formas de expressão, o enriquecimento do vocabulário e o estímulo à leitura.

A partir do estudo e da compreensão dos significados envolvidos nos conceitos do quadro acima, é possível compreender a relevância e consistência de determinadas práticas pedagógicas nas aulas que compõem o ciclo de alfabetização, principalmente, no que concerne à aprendizagem da língua escrita.

## **2.2 Alfabetização e Letramento**

Nesta pesquisa não será possível falar de alfabetização sem letramento ou vice-versa, visto que apesar de serem processos linguísticos e cognitivos distintos são processos de aprendizagem concomitantes e interdependentes para que ocorra a efetiva alfabetização dos educandos em ambiente escolar, conforme afirmação da saudosa Magda Soares (2020).

Em sua última e mais recente obra, Soares (2020, p.12) afirma que é preciso “aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar, Alfalettrar.” Com isto, a abordagem que será seguida nesta pesquisa será sobre a interdependência de práticas pedagógicas de alfabetização e letramento, de forma contínua e simultânea.

A respeito do conceito e entendimento do que é alfabetização, Soares (2020, p.27) diz tratar-se do processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, ou seja, do conjunto de técnicas que são necessárias para a prática da leitura e da escrita, possibilitando assim, o pleno conhecimento do sistema de escrita alfabética e das normas ortográficas. Já sobre o conceito de letramento a autora defende ser a capacidade de uso da escrita para inserir-se em práticas sociais e pessoais que envolvam a língua escrita. Para desenvolver tal capacidade é fundamental que o indivíduo desenvolva as habilidades de leitura e compreensão dos usos da escrita.

Magda Soares explicita a sua percepção sobre a relação entre os conceitos de alfabetização e letramento quando diz que (2020, p.27):

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Apesar de demonstrar a importante relação entre os processos de ensino e aprendizagem da alfabetização e do letramento, não é possível dizer que este letramento seja único, Soares (2020) traz reflexões acerca dos diversos tipos de letramento existentes e da necessidade de seu

ensino para que o indivíduo tenha sua efetiva participação nas práticas e interações sociais. Magda Soares (2020, p.32) fala que:

[...] o termo letramento tem sido conceituado ora como conjunto de capacidades para usar a língua escrita nas diferentes práticas sociais, ora para designar o próprio conjunto das práticas sociais que envolvem o texto escrito. [...] propõe-se a conciliação desses conceitos, necessária no contexto escolar, particularmente no ensino da língua, em que o objetivo é desenvolver as habilidades de leitura, compreensão e produção de textos na modalidade escrita [...] sempre com o objetivo de formar um leitor e produtor de texto competente e promover a apropriação da leitura literária - ou letramento literário, que é o contato e a interação com as obras de literatura infantil.

Entre os letramentos que Magda Soares traz para a reflexão, foi destacado aqui o letramento literário, pois este contribui para a compreensão da escolha do livro literário infantil como objeto central das ações pedagógicas propostas nesta pesquisa. Soares (2020, p.34) defende que “O texto deve ser o eixo central do processo de alfabetização”, pois possibilita a relação de interdependência e articulação dos processos de ensino da alfabetização e do letramento.

Desta forma, fica evidente a importância da realização de um trabalho pedagógico voltado para a alfabetização através do uso do texto como eixo principal desse processo de ensino, para proporcionar a aprendizagem do sistema de escrita alfabética em contexto de letramento. Soares (2020) mostra que um dos caminhos possíveis para isso é a construção de sequências didáticas, a autora afirma que para planejar uma sequência didática é necessário pensar, primeiramente, em um texto que desperte o interesse dos estudantes e que tenha a linguagem adequada ao desenvolvimento cognitivo dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem a que se propõe.

### **2.3 A Contação de Histórias em Contexto Escolar**

De acordo com o que Busatto (2012) traz em seu trabalho, o conto de literatura oral é uma prática que desempenha importante papel para muitos propósitos da formação humana, como a formação psicológica, a intelectual e a espiritual. Esta afirmação demonstra a relevância da prática de contação de histórias na sociedade e, principalmente, em contexto escolar, pois segundo a autora (BUSATTO, 2012, p.37) “Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.”

Em sua obra literária, Busatto (2012, p.38) faz importantes reflexões sobre o lugar da oralidade nos espaços de formação humana, como a escola. De tal maneira que afirma que a

oralidade é como “um patrimônio da cultura e sabedoria, legado pelas tantas etnias responsáveis pela formação da raça brasileira.”. A autora afirma que quando há a inserção dos contos orais em sala de aula, conseqüentemente, há a valorização das literaturas orais, o que contribui para que a diversidade cultural de nosso país verdadeiramente aconteça. Como também permite que os estudantes sejam apresentados à história da sociedade a qual pertencem de forma poética e lúdica, deixando o aprendizado mais significativo e interessante.

Segundo Cléo Busatto (2012, p.38):

A partir de um conto narrado é possível trabalhar os conteúdos de linguagem oral e linguagem escrita, desde a sintaxe até a semântica. Poderemos fazer novas leituras deste mesmo conto e traduzi-los através de diversas linguagens, como a história em quadrinhos, reportagem jornalística, texto teatral, poema.

Como é possível observar na citação acima, a autora demonstra que é possível trabalhar pedagogicamente conteúdos escolares a partir do uso de contos e narrativas orais, descaracterizando o uso da contação de histórias somente com o propósito de entreter as crianças. Em seu trabalho Busatto (2012) desenvolve diversas reflexões sobre as formas possíveis de usar a contação de histórias com objetivos didático-pedagógicos que poderão contribuir com o fomento do conhecimento cultural ao qual a criança está inserida.

Do mesmo modo que Busatto (2012) traz a reflexão sobre o olhar atencioso para a prática da contação de histórias com propósitos pedagógicos, os autores Pedraça *et al.* (2021, p.41) dizem que:

Contar histórias é uma estratégia educacional que pode dar uma contribuição significativa para a prática educacional. Pode parecer uma oportunidade para entreter e acalmar as crianças, mas o efeito vai além do entretenimento. Ouvir histórias fornece um ponto de partida para estimular a imaginação, educar, orientar, desenvolver e introduzir o conteúdo do programa às habilidades cognitivas. Portanto, é necessário aproveitar efetivamente este momento.

Portanto, fica evidente a relevância da prática de contação de histórias em contexto escolar, apesar de ainda não serem encontrados estudos que enfatizem esta prática de forma organizada, planejada e com intencionalidade para a promoção de uma aprendizagem da escrita mais significativa nos anos iniciais do ensino fundamental. O trabalho, que foi a publicação de um livro que fala sobre a importância da contação de história no processo de ensino-aprendizagem, do qual foi retirada a citação anterior, traz diversas contribuições acerca do tema, porém o enfoque é dado na educação infantil. Fato este, que corrobora a necessidade de expandir a pesquisa sobre as contribuições da prática de contação de histórias no ensino fundamental.

Os autores Pedraça *et al.* (2021, p.44) afirmam que:

As contações de histórias são ferramentas lúdicas, que promovem a imaginação, favorece que ela aprenda de uma forma mais prazerosa, contribuem com o processo evolutivo infantil enquanto ser humano.

Eles também discutem as diversas facetas da importância em organizar e planejar a contação da história de modo a proporcionar o melhor aproveitamento dos estudantes. A partir das reflexões trazidas nesta pesquisa, pretende-se possibilitar a reflexão docente sobre o lugar de alicerce que o livro literário infantil e a contação de histórias devem ocupar no cotidiano escolar dos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim como, também, compreender de que maneira a contação de histórias e o uso de sequências de atividades interdisciplinares contextualizadas ao livro escolhido, contribuem com as potencialidades dos estudantes, como: tornar o processo de ensino e aprendizagem instigante e criativo; estimular a curiosidade dos estudantes pelos conteúdos que são apresentados; promover o prazer pela escuta (oralidade) e o respeito aos turnos de fala; e desenvolver maior autonomia na aprendizagem da língua escrita. Pedraça *et al.* (2021, p.52) concluem em seus estudos que:

A contação de história favorece o desenvolvimento da criança: emocionalmente, socialmente ou fisicamente. As escolas são reconhecidamente responsáveis pelo desenvolvimento das crianças. Para formar uma pessoa com um desenvolvimento satisfatório, a história deve existir na vida cotidiana neste contexto. Quando usadas de forma lúdica e divertida, as histórias não apenas despertam o interesse pela leitura, mas também dão às crianças a oportunidade de vivenciar diferentes situações, se arrependem e resolver problemas criativamente.

Dentre os autores que defendem a importância da prática de contação de histórias em contexto escolar a fim de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem das crianças estão Aguiar *et al.* (2001), Wendt (2011) e Seidel (2007), todos foram referenciados na elaboração do livro “A importância da contação de história no ensino-aprendizagem” de autoria de Pedraça e colaboradores (2021).

Baptista (2022) traz algumas contribuições acerca do uso da literatura infantil para impulsionar a aprendizagem da língua escrita, tópico que será aprofundado a seguir. O autor diz que:

Quanto à literatura presente nos livros infantis, podemos dizer que ensina os bebês e demais crianças desde bem pequenas, a apropriarem-se de comportamentos típicos das culturas do escrito, tais como manusear o livro, passar suas páginas, compreender a necessidade de ficar em silêncio para ouvir a narrativa ou de saber quando e como interrompê-la. (BAPTISTA, 2022, p. 21)

O autor, Baptista (2022), defende que ao experienciar momentos de contação de histórias as crianças vivenciam situações de afeto e acolhimento, o que permite que elas sintam diversas emoções, que conheçam outras existências possíveis e, assim, ao imaginar e

transcender a sua própria realidade, possam constituir a si mesmas a partir dessas outras vivências, confrontando-as com as suas próprias, exercitando, assim, a diversidade.

## 2.4 Aprendizagem e Desenvolvimento da Língua Escrita

Para falar sobre aprendizagem da língua escrita, é importante destacar o trabalho de Morais (2012) que traz as concepções acerca da aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) e defende a ideia da necessidade de ensinar de modo sistemático e planejado a escrita alfabética. Já que a aprendizagem do SEA não é algo que ocorre naturalmente, precisa haver uma orientação sistemática para o ensino. O autor também defende que este processo de ensino e aprendizagem da língua escrita deve acontecer através do entrelaçamento de práticas de leitura e produção de textos com práticas de análise de palavras.

Não só Morais (2012) contribui com os estudos e compreensões acerca da aprendizagem da língua escrita, mas também Baptista (2022, p. 19) que afirma em seus estudos sobre o momento ideal para o ensino da escrita a partir da compreensão da mesma “como um largo e complexo processo, podemos dizer que a apropriação da linguagem escrita se inicia quando a criança chega ao mundo.”.

Baptista (2022) faz ressalvas importantes em seu trabalho sobre a forma de trabalhar com o ensino da língua escrita, que deve ser realizado de forma a fazer sentido para as crianças, para os estudantes, que a língua escrita seja ensinada de forma contextualizada, integrada às brincadeiras e atividades cotidianas. Em concordância, a autora Emilia Ferreiro (1991) defende em seus estudos que é determinante para proporcionar o aprendizado efetivo da língua escrita das crianças, o contato em situações sociais de uso da escrita, para que elas possam se apropriar desse objeto de estudo tão fundamental no desenvolvimento humano.

No livro “Sistema de Escrita Alfabética”, o autor Artur Gomes de Morais traz um compilado com reflexões críticas importantes sobre os tradicionais métodos de alfabetização, observe o Quadro 2:

**Quadro 2 - Métodos de Alfabetização**

Métodos Sintéticos		Métodos Analíticos	
Nome	Descrição	Nome	Descrição
<b>Alfabético</b>	A crença por trás deste método é que o educando já tem a compreensão de que as letras substituem os sons e que, através da memorização e a junção com os nomes das letras, ele torna-se capaz de ler as sílabas. Após aprender a ler	<b>Palavração</b>	Neste método o educando é ensinado a identificar e copiar um grupo de palavras, por um longo período letivo, para posteriormente dividir as palavras em sílabas e das sílabas para os fonemas, dos fonemas até as letras.

	muitas sílabas, o aprendiz perceberia que a união dessas sílabas forma palavras e, por consequência, começa a ler textos.		
<b>Silábico</b>	A crença por trás deste método é que o educando teria a compreensão de que além da formação das sílabas, as palavras poderiam ser lidas somente com duas letras. Através da memorização das sílabas o aprendiz formaria palavras e, por consequência, faria a leitura de textos.	<b>Sentencição</b>	Neste método do educando memoriza sentenças completas, de forma que seja possível identificar e copiar, para posteriormente realizar a análise das palavras em partes menores (sílabas e letras).
<b>Fônico</b>	A crença por trás deste método é que os fonemas já existam na mente do educando como unidades sonoras mentais. Contradizendo o método alfabético sobre a importância inicial de nomear as letras do alfabeto. Com isto, impõe ao aprendiz que aprenda a pronunciar os fonemas isolados das letras, decorá-los e em seguida realizar a junção para a formação de palavras e, conseqüentemente, a realizar a leitura de textos.	<b>Global</b>	Neste método o educando é apresentado a narrativas artificiais que, segundo afirma Morais (2012, p.30) “sem qualidade literária, escritas especificamente para alfabetizar”, funcionam como ponto de partida para que o aprendiz estude as frases de forma isolada, para posteriormente analisar as relações fonema-grafema, ou seja, as sílabas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Como é possível observar nas informações trazidas por Morais (2012) os métodos tradicionais precisam ser refletidos criticamente por terem se constituído através de uma visão adultocêntrica<sup>2</sup> e que pressupõe que a criança aprende de forma natural, sem precisar de um ensino direcionado, planejado e organizado. Dessa forma, nesta pesquisa pretende-se defender a importância do professor alfabetizador como indivíduo capaz de realizar um efetivo planejamento de suas práticas e flexibilizá-las a partir da observação diagnóstica do desenvolvimento de seus educandos.

Morais (2012) defende que o alfabeto deve ser visto como um objeto do conhecimento constituinte de um Sistema de Escrita Alfabética (SEA), que também pode ser denominado “sistema notacional alfabético” e não um código. Com isto, o autor defende a importância de evitarmos usar expressões como: codificar e decodificar nesse processo de ensino e

<sup>2</sup> Segundo a definição de Artur Gomes de Morais (2012, p. 31) uma visão adultocêntrica é quando “enxergam o funcionamento infantil como idêntico ao adulto.”.

aprendizagem da língua escrita. Morais acredita que essas expressões transmitem uma imagem equivocada e simplista do processo cognitivo que os educandos precisam realizar para serem alfabetizados.

### **Figura 1 - Propriedades do SEA para a alfabetização**

**Quadro 1.** Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado.

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCV, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Fonte: Morais (2012, p.51)

Segundo Morais (2012) é a partir da compreensão e internalização das propriedades do Sistema Alfabético de Escrita (SEA), sinalizadas na Figura 1, que os educandos se tornam alfabetizados. É evidente a importância do conhecimento e exploração do quadro apresentado

por Morais (2012, p.51) por parte dos professores alfabetizadores para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que promovam a aprendizagem e evolução da língua escrita nos anos iniciais.

A elaboração do Quadro 2 visa o esclarecimento sobre os tipos de métodos tradicionalmente identificados e praticados no processo de alfabetização, segundo estudos realizados anteriormente, porém este trabalho não tem a pretensão de defender ou recriminar nenhum deles. A professora pesquisadora, autora deste trabalho, atua em suas turmas de alfabetização através de uma costura intencional dos diferentes procedimentos metodológicos que perpassam pelos métodos de alfabetização tradicionais em diálogo com as reflexões atuais sobre alfabetização. O que demonstra a importância do docente, principalmente, professores que atuam na alfabetização, em manter seus estudos de forma crítica e reflexiva.

### **3 METODOLOGIA**

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010) a pesquisa é um conjunto de procedimentos definidos com o propósito de investigar, analisar e avaliar de forma crítica uma determinada questão ou um problema na área do conhecimento escolhida. As autoras também explicitam que para realizar uma pesquisa são necessárias as seguintes etapas: o levantamento de questões e/ou hipóteses, a coleta de dados e a análise e interpretação dos dados.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido com a participação de seres humanos nos termos das Resoluções CNS nº510/2016 e nº466/2012 e obteve parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII) por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE) nº 68084823.2.0000.9047.

Para identificar e compreender de que forma os materiais e métodos foram utilizados nesta pesquisa, a seguir, será apresentada de forma explícita a metodologia escolhida para abordar as questões e buscar soluções durante a sua realização.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

A pesquisa teve sua construção para a coleta e análise dos dados em duas etapas, a primeira foi a participação de três professoras alfabetizadoras da unidade escolar onde ocorreu a pesquisa para responder ao questionário semiestruturado, que foi elaborado e proposto pela professora pesquisadora. A segunda etapa foi a elaboração e aplicação do material didático proposto a fim de contribuir com o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes pertencentes à turma do 1º ano do ensino fundamental, da qual a professora pesquisadora estava como regente.

A professora pesquisadora em questão, utiliza o texto literário infantil como ponto de partida para a realização das atividades e propostas pedagógicas que são desenvolvidas no cotidiano escolar das turmas de alfabetização. O processo de ensino e aprendizagem é iniciado a partir da exploração do texto literário escolhido e da elaboração da sequência de atividades com propostas pedagógicas que busquem o desenvolvimento da escrita e da compreensão textual dos estudantes, assim como busca proporcionar um trabalho interdisciplinar dos conteúdos e habilidades exigidos para o ano escolar de aplicação desta pesquisa. Desta forma, a pesquisa apresentou características de estudo de caso, com abordagem qualitativa para buscar a compreensão do problema e possibilidades de solução. O trabalho tem caráter exploratório, pois existem pesquisas sobre a importância da contação de histórias na educação infantil e nos anos iniciais para o desenvolvimento da oralidade e da leitura, mas ainda há pouca divulgação

e análise sobre a influência da prática de contação de histórias no aprendizado inicial da língua escrita.

A análise dos dados gerados teve foco na interpretação qualitativa dos significados, pois buscou-se proporcionar a evolução da escrita dos estudantes envolvidos nesse processo, dentro de condições previamente determinadas, através da prática contínua, planejada e intencional de contação de histórias nas aulas. Os procedimentos metodológicos desenvolvidos durante a pesquisa conduziram para as atividades das crianças com o objetivo de desenvolver, da melhor maneira, as habilidades de escrita na alfabetização.

### **3.2 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso em campo**

O estudo foi realizado em uma escola da rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, que está localizada no bairro de Botafogo. A comunidade escolar é oriunda das comunidades localizadas na zona sul do Rio de Janeiro, mais especificamente dos bairros de Botafogo e Copacabana. Os estudantes participantes da pesquisa estão inseridos em uma turma regular de 1º ano do Ensino Fundamental I, que faz parte do ciclo de alfabetização da rede de ensino.

### **3.3 População e amostra**

Houve dois momentos de pesquisa e para tal foram separados dois grupos de participantes: as professoras alfabetizadoras da Unidade Escolar e os estudantes constituintes da turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, localizada na zona sul da cidade, da qual a professora pesquisadora foi a regente da turma durante todo o ano letivo de 2023. O estudo foi realizado na sala de aula da turma, com todos os estudantes presentes e, para análise dos dados gerados, foram utilizados os trabalhos realizados pelos 18 estudantes cujos responsáveis autorizaram sua participação na pesquisa.

#### **3.3.1 Critérios de inclusão**

Participaram da pesquisa estudantes regularmente matriculados em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Francisco Alves e para compor o grupo de professores que participaram do questionário semiestruturado, foram convidados os professores alfabetizadores da Unidade Escolar supracitada, que atuaram como regentes em turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental em 2023, totalizando assim quatro professoras participantes.

### **3.3.2 Critérios de exclusão**

Foram excluídos os estudantes que não estivessem na turma de 1º ano do Ensino Fundamental a qual a professora pesquisadora não fosse regente, ou que não pertençam ao grupo-etário determinado. Assim como, os professores que não fossem regentes dos anos iniciais do ensino fundamental, no ciclo de alfabetização (do 1º ao 3º ano) da Unidade Escolar onde ocorreu a pesquisa.

### **3.3.3 Riscos**

Conforme trata a resolução 466/2012 todas as pesquisas apresentam riscos, e no caso desta pesquisa, há a possibilidade de riscos mínimos, não-físicos em que o participante pode apresentar algum tipo de constrangimento ao responder as perguntas do questionário ou pelo fato das respostas dadas gerarem dados para a pesquisa. Bem como, os estudantes participantes desta pesquisa, poderiam sentir-se constrangidos durante o registro das aulas. Objetivando minimizar os riscos supracitados, os participantes tiveram a possibilidade de não obrigatoriedade de participação na pesquisa, havendo a possibilidade de, a qualquer momento, desligar-se da mesma. É importante ressaltar que houve o esclarecimento prévio aos estudantes, acerca do tipo de questões abordadas nas aulas e no desenvolvimento do projeto.

### **3.3.4 Benefícios**

Espera-se os seguintes benefícios da participação na pesquisa por parte dos professores alfabetizadores: compreender quais informações são consideradas relevantes em sala de aula na busca para proporcionar o maior envolvimento e participação dos estudantes nas atividades propostas através da contação de histórias, de modo que contribua com o desenvolvimento e avanço da escrita dos alunos inseridos no processo de ensino aprendizagem da alfabetização. Para os estudantes participantes da pesquisa, pretendeu-se proporcionar maior engajamento nas aulas através da realização de práticas pedagógicas envolvendo a oralidade com a inserção dos livros literários infantis, para que fosse possível colaborar com o desenvolvimento e avanço da escrita dos estudantes inseridos no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização.

Durante a pesquisa houve a elaboração de um material didático que se propõe a ser um recurso para uso dos professores, que seja um facilitador do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita dos estudantes na alfabetização. A aplicação do material didático será orientada de modo que possibilite a contribuição para o avanço dos alunos no desenvolvimento da escrita.

### 3.4 Instrumentos de coleta de dados

Os dados da pesquisa foram gerados e coletados a partir da realização de questionário semiestruturado (Apêndice A) que teve por objetivo investigar as práticas de contação de histórias nos anos iniciais do ensino fundamental e que foi respondido por professores alfabetizadores da unidade escolar onde aconteceu a pesquisa.

A escolha de um questionário semiestruturado, que foi disponibilizado aos professores através do *WhatsApp*, alocado na plataforma do *Google Forms*, foi feita pela facilidade de acesso dos participantes e para garantir maior agilidade nas respostas, o que poderia colaborar com a maior participação do grupo a ser analisado. A fim de garantir a cobertura de todas as respostas possíveis, o questionário foi constituído por questões objetivas e discursivas. Em todas as questões objetivas há a opção “outros”, para quando o participante tiver a necessidade de acrescentar algo que não esteja previsto nas opções do questionário.

Posteriormente, em outra etapa, houve a elaboração e aplicação de sondagem de escrita dos estudantes, que foi realizada e acompanhada durante todo o processo de pesquisa. A aplicação de sondagem de escrita dos estudantes trata-se de uma prática recorrente dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, onde é possível diagnosticar o nível inicial de escrita dos estudantes e, posteriormente, analisar o avanço (ou não) da escrita dos envolvidos.

Por consistir em uma análise qualitativa do que é proposto nesta pesquisa, a interação dos indivíduos presentes na sala de aula poderia ser usada e analisada, através da observação e anotações realizadas pela professora pesquisadora.

### 3.5 Metodologia de análise de dados

A metodologia utilizada para analisar os dados coletados e gerados durante a participação das professoras alfabetizadoras foi a análise de conteúdo, que é definida por Bardin (1977, p. 31) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Os dados coletados foram analisados seguindo as seguintes etapas estabelecidas por Bardin (1977): leituras preliminares, escolha e definição das unidades de classificação, processo de categorização e classificação, quantificação e tratamento estatístico, descrição científica e interpretação dos dados. As unidades de classificação foram utilizadas na análise dos

questionários semiestruturados através da busca pelo uso dos termos “contação de histórias”, “livros infantis” e “escrita”.

Para analisar o desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita dos estudantes participantes, foi utilizada a categorização dos níveis de escrita a partir dos estudos de Ferreira e Teberosky (1986) com atualização de Magda Soares (2020) e acompanhamento da diagnose (avaliação) de escrita dos envolvidos durante a aplicação do material didático proposto. As categorias estabelecidas para a análise da escrita dos estudantes foram: Pré-Silábico, Silábico Sem Valor Sonoro, Silábico Com Valor Sonoro, Silábico-Alfabetico, Alfabetico e Ortográfico.

### **3.6 Descrição das etapas da pesquisa**

A pesquisa foi iniciada através do levantamento do referencial teórico acerca dos conceitos estabelecidos a partir do problema de pesquisa nas áreas da alfabetização, letramento e escrita. Assim como da definição do local onde seria realizada a pesquisa. Este foi definido pela professora pesquisadora por ser a Unidade Escolar na qual trabalha, que fica localizada no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escola pública municipal dos anos iniciais do ensino fundamental.

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, a pesquisadora se reuniu, presencialmente, com as professoras alfabetizadoras que atuam na unidade escolar onde ocorreu a pesquisa e explicou sobre os objetivos da pesquisa, lhes entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e solicitou a todas, que estivessem disponíveis, para que respondessem ao Questionário Semiestruturado (Apêndice B) que serviu de material de apoio para a elaboração do Produto Educacional.

O convite para participação na pesquisa também foi enviado pelo aplicativo de mensagens instantâneas (*WhatsApp*) para todas as professoras que se disponibilizaram a responder o questionário, para que houvesse um novo registro e assim fosse estabelecido contato telefônico com a professora pesquisadora, para o caso de dúvidas das participantes. As professoras foram selecionadas por estarem no ano letivo de 2023 como professoras regentes de turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, da Unidade Escolar na qual a professora pesquisadora se encontrava, para participarem da pesquisa.

Ao aceitarem participar da pesquisa, foi enviado pelo contato telefônico o *link* que direcionou as professoras alfabetizadoras para o formulário do Questionário Semiestruturado, pois dessa forma haveria maior flexibilidade e respondem ao questionário conforme a disponibilidade de cada uma. O questionário semiestruturado respondido pelas professoras

alfabetizadoras participantes da pesquisa, foi realizado de forma remota, através do *Google Forms*, e teve como objetivo coletar informações sobre práticas pedagógicas realizadas durante suas aulas, ao buscarem o melhor desenvolvimento de escrita dos estudantes que estão em processo de alfabetização. Também fez parte das questões do questionário, coletar dados sobre a utilização, ou não, da contação de histórias e de livros literários infantis nas aulas ministradas por elas.

A partir dos dados gerados e coletados nos questionários respondidos pelas professoras alfabetizadoras, e em conjunto com o estudo teórico-literário realizado durante todo o processo de pesquisa, teve início a elaboração do Produto Educacional que intencionou-se a ser um material didático voltado para o uso da contação de histórias, como metodologia didático-pedagógica, para proporcionar o desenvolvimento e avanço da aprendizagem da língua escrita na alfabetização. Em seguida, com o material didático produzido, houve sua aplicação na turma do 1º ano do ensino fundamental, previamente estabelecida para a participação da pesquisa.

A turma selecionada para a aplicação da pesquisa e de estudo com o material didático produzido pela professora pesquisadora foi definida por ser a turma na qual a pesquisadora estava como regente no ano letivo de 2023. Sendo uma turma de 1º ano do ensino fundamental, na qual os participantes estão inseridos no processo inicial de alfabetização. Todos os estudantes pertencentes à esta turma participaram das atividades propostas, mas os dados utilizados para a análise durante a pesquisa, foram somente daqueles cujos responsáveis tenham autorizado, previamente, sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) e cujos estudantes também tenham aceitado participar através da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D).

Para a assinatura dos termos supracitados - TCLE e TALE - a professora pesquisadora reuniu-se com os responsáveis e com os estudantes para explicação sobre a pesquisa, os objetivos e os possíveis resultados (hipóteses) que pudessem contribuir para a aprendizagem qualitativa e significativa dos participantes. No caso dos responsáveis que por razões pessoais não tenham conseguido comparecer à reunião, foi disponibilizado horário semanal para retirada de dúvidas na Unidade Escolar, assim como o telefone de contato da professora pesquisadora para quaisquer dúvidas.

Para a elaboração do material didático, que se tornou o Produto Educacional desta pesquisa, ocorreu a curadoria dos livros de literatura infantil que foram usados durante as práticas de contação de história. Durante os estudos e participação das disciplinas do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica no Colégio Pedro II, foi possível

perceber que apesar de ser um tema atual e em ascensão, ainda há a necessidade de se abordar a temática dos povos originários - indígenas e africanos. Para isto, deu-se preferência por selecionar livros de literatura infantil que abordam esta temática, cujos protagonistas das narrativas são representantes dos povos africanos e indígenas.

Durante a pesquisa foram realizadas aulas semanais onde a professora pesquisadora teve como prática didático-pedagógica a contação das histórias previamente selecionadas e planejadas, conforme descrito no parágrafo anterior, e a organização de sequências de atividades a partir dos livros usados nas aulas. Para registrar como foram desenvolvidas as atividades propostas, houve registro fotográfico dos trabalhos realizados pelos estudantes, dos momentos de roda de conversa com a turma sobre a obra literária infantil proposta e observações da professora pesquisadora das falas dos estudantes participantes da pesquisa.

As sequências de atividades utilizadas durante as aulas foram organizadas de forma coesa no *E-book* Didático-Pedagógico que serviu como apoio da professora pesquisadora para a aplicação e análise da pesquisa.

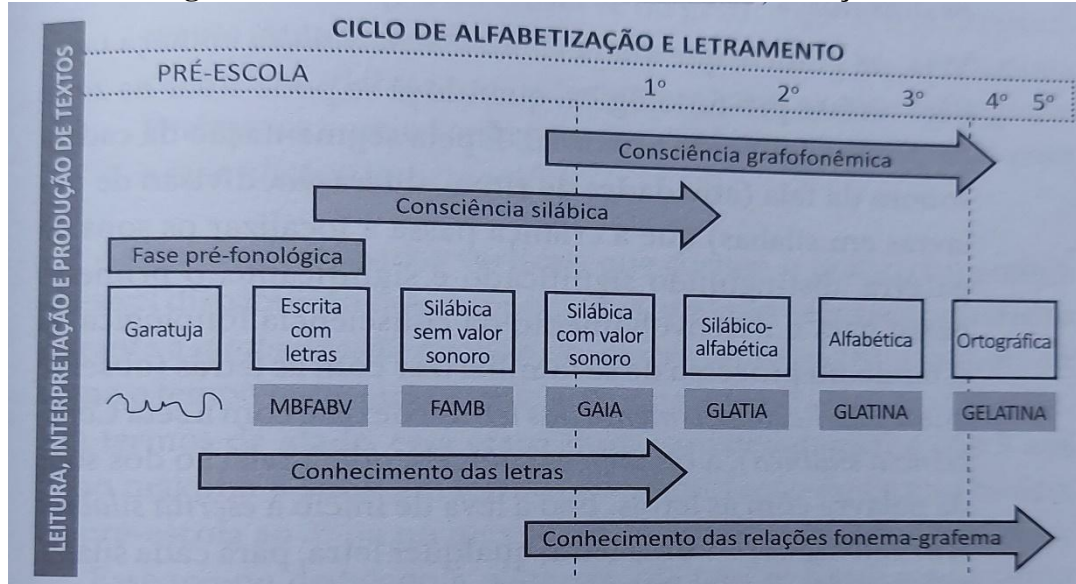
Para gerar dados a respeito da contribuição ou interferência do material didático proposto, na aprendizagem dos estudantes em processo de alfabetização, foram realizadas sondagens dos níveis de hipótese de escrita dos estudantes durante todo o processo de pesquisa. Ou seja, os estudantes, cujos responsáveis autorizaram a participação na pesquisa, realizaram atividades de sondagem de escrita antes, durante e depois da aplicação do material didático.

Com todos os dados coletados e gerados em mãos, houve o estudo e exploração dos mesmos dividido em duas etapas, a primeira acerca dos dados gerados nos questionários que foram respondidos pelas professoras alfabetizadoras através estudo das respostas inspirada na análise de conteúdo descrita por Bardin (1977) e a segunda etapa foi a realização da análise do desempenho da escrita dos estudantes a partir da categorização elaborada nos estudos iniciais de Ferreiro e Teberosky (1986) e aprimorada na última obra de Magda Soares (2020).

A partir das sondagens de escrita dos estudantes, realizadas durante todo o processo de pesquisa, houve a classificação e mapeamento de avanço, ou não, e análise sobre a compreensão da interferência do uso do material didático elaborado nos resultados obtidos. Além da utilização das sondagens, também foram utilizados registros das aulas e as anotações feitas pela professora pesquisadora, sobre a interação e participação dos estudantes nas propostas das atividades contextualizadas com o uso da contação de histórias.

Conforme dito anteriormente, nesta pesquisa será usada a classificação dos níveis de escrita dos estudantes a partir dos estudos de Soares (2020) e a fim de ilustrar que níveis são esses, observe o infográfico da Figura 2 a seguir:

**Figura 2 - Níveis de Escrita no Ciclo de Alfabetização**



Fonte: Magda Soares, 2020.

Através da observação do infográfico elaborado pela autora, é possível observar que a aprendizagem do sistema alfabético de escrita acontece simultaneamente ao convívio dos usos desse sistema, por meio da leitura e da escrita. Esta discussão terá seu aprofundamento registrado no subcapítulo 4.1, denominado “Alfabetização e Letramento”.

Para demonstrar e exemplificar a categorização dos níveis de escrita dos estudantes utilizadas nesta pesquisa, observe:

**Figura 3 - Categorização dos Níveis de Escrita**

<b>Nível de Escrita</b>	<b>Caracterização</b>	<b>Exemplificação Palavra: GELATINA</b>
Pré-Silábico	Apresenta sequência aleatória das letras do alfabeto.	MBFABV
Silábico Sem Valor Sonoro	Utilização de uma letra para cada sílaba da palavra, porém com dificuldade de correspondência sonora.	FAMB
Silábico Com Valor Sonoro	Cada sílaba da palavra é representada por uma letra que corresponde a um de seus fonemas.	GAIA
Silábico-Alfabético	Demonstra progressão na identificação das letras correspondentes às sílabas.	GLATIA
Alfabético	Apresenta avanço sobre as relações fonema-letas, incorporando as regras básicas de ortografia.	GLATINA
Ortográfico	Evidencia o desenvolvimento e a compreensão das regras ortográficas complexas da nossa língua.	GELATINA

Fonte: Adaptada pela autora de Magda Soares, 2020.

Dessa forma, a partir da análise das avaliações de escrita dos estudantes participantes houve a categorização (Figura 3) e o acompanhamento do desenvolvimento do nível de escrita de cada um, possibilitando intervenções pedagógicas adequadas quando necessário. No capítulo 7 poderá ser observada a evolução do grupo estudado e a atuação da professora pesquisadora em busca do melhor desempenho dos alfabetizados através do uso do material didático proposto.

## 4 PRODUTO EDUCACIONAL

### 4.1 O Professor como Produtor de Material Didático

Para abordar questões acerca da produção de material didático e/ou de recursos pedagógicos é importante falar sobre o conceito de *design instrucional* (DI), que é fundamentado pela autora e pesquisadora Andréa Filatro (2008). Segundo Filatro (2008), a origem do termo e de práticas de *design instrucional* surgiu na época da Segunda Guerra Mundial, onde houve um grande desafio instrucional e para o combate a este desafio foram convocados psicólogos e educadores norte-americanos para o desenvolvimento de materiais de treinamento (instrução) para o serviço militar.

Com o passar dos anos, e após a discussão sobre o conceito de design instrucional por diversos autores, nos anos 1970 surge uma série de modelos de DI refletindo a consolidação deste campo. Nos anos 1980, os estudos da autora anteriormente referenciada, sinalizam que os microcomputadores e as soluções em formato multimídia passam a dominar a literatura e a prática do design instrucional, ao mesmo tempo em que ocorre o crescimento na utilização dos modelos de desenvolvimento instrucional nos negócios e nas agências não oficiais de ensino. Na década seguinte, com a expansão da Internet há o surgimento de muito mais do que inovações tecnológicas, mas também a conjugação de novas abordagens ao processo de ensino e aprendizagem.

Em suas pesquisas Filatro (2008, p.9) afirma que:

[...] o design instrucional tem se voltado também à criação de ambientes de aprendizados apoiados por tecnologias de informação e comunicação on-line, reunindo uma variedade de recursos, como repositórios de informação (livros-texto, enciclopédias, vídeos, revistas); suportes simbólicos (processadores de texto, aplicativos gráficos, programas de banco de dados); micromundos e programas de simulação; kits de construção (blocos, software de manipulação matemática) e gerenciadores de tarefas.

A autora defende a importância de ressaltar que no Brasil o campo do design instrucional surgiu diante da necessidade de incorporar tecnologias de informação e comunicação às ações educacionais. E com o descobrimento do design instrucional organizam-se equipes multidisciplinares em busca de uma saída para o planejamento e implementação de soluções educacionais qualitativas e uma peça importante desta equipe é o designer instrucional. Este profissional é de suma importância para que haja o equilíbrio entre educação, comunicação, tecnologia, conteúdos e gestão de processos.

Com esse conhecimento, é possível utilizar as novas tecnologias digitais para adaptar os conteúdos às necessidades e preferências do seu público-alvo, produzindo materiais

adequados, personalizados e interativos. Recursos didáticos que valorizam a transferência clara de informações, o engajamento dos estudantes, a inovação e o multiculturalismo podem facilitar e enriquecer o processo de aprendizagem, contribuindo para a qualidade do ensino.

É importante destacar que há variações da nomenclatura de designer instrucional, entre elas o designer educacional, que se torna o termo mais adequado à perspectiva de educação estudada nesta pesquisa. Mas por que abordar a atividade realizada por este profissional dentro da pesquisa? A resposta é simples, o professor pode atuar como designer educacional no contexto escolar ao qual está inserido, mesmo que não se perceba como tal. Pretende-se conscientizar o docente de como a sua atuação enquanto potencial produtor de recurso/material didático é de extrema relevância para o processo de aprendizagem dos educandos, especialmente, aos que demonstram maior dificuldade de aprendizagem e/ou nos anos iniciais do ensino fundamental.

## **4.2 O Encantamento da Escrita**

O Produto Educacional foi elaborado durante o processo da pesquisa em questão e configurou-se em um *E-book* Didático-Pedagógico, denominado “O Encantamento da Escrita”, a fim de ser utilizado como recurso pedagógico por professores alfabetizadores e/ou professores dos anos iniciais do ensino fundamental que busquem novas metodologias e procedimentos didático-pedagógicos para desenvolver as habilidades de aprendizagem da língua escrita inicial dos estudantes através do uso de obras literárias infantis que são inseridas em sala de aula por meio da prática de contação de histórias.

Para a construção deste material pedagógico foi usado todo o aporte teórico que fundamentou a pesquisa, porém com ênfase nos estudos a respeito dos conceitos de alfabetização e letramento de Soares (2020), concepções acerca da aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética na perspectiva de Morais (2012) e sobre a relevância da contação de histórias no trabalho de Busatto (2012).

Este material encontra-se dividido em duas partes:

- Parte I - Sugestões Pedagógicas: composto por sugestões acerca da elaboração do planejamento para a aplicação das sequências didáticas assim como, orientações de organização para a prática pedagógica de contação de histórias. Também será possível encontrar nesta parte do Produto Educacional o planejamento completo e descritivo de uma das sequências didáticas que foram utilizadas durante o processo de geração e coleta de dados da pesquisa, para exemplificar o que está sendo sugerido.

- Parte II - Caderno de Atividades: composto por cinco sequências didáticas elaboradas a partir da contação de histórias de livros infantis com temas variados e, sempre, necessários. As obras literárias infantis selecionadas para este material e aplicação da pesquisa já mencionada, foram: “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França, “Escola de Chuva” de James Rumford, “A Cesta de Dona Maricota” de Tatiana Belinky, “Uirapuru” de Mauricio de Sousa e “Leo e a Baleia” de Benji Davies (2014).

É possível observar a seguir uma amostra do que compõe o *Ebook* Didático-Pedagógico proposto. Trata-se do planejamento da aplicação de uma sequência de atividades que foi elaborada a partir do livro “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França. O modelo do planejamento utilizado foi inspirado nos planos didáticos encontrados no livro “Alfabetar” de Magda Soares (2020) em consonância com o modelo utilizado na Unidade Escolar da qual a professora-pesquisadora atua (Figura 4).

Figura 4 - Folha de Planejamento


<b>PLANEJAMENTO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	
<b>DEFINIÇÕES INICIAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Livro:</li><li>• Tempo estimado:</li><li>• Turma:</li><li>• Tema:</li></ul>
<b>HABILIDADES</b>	
<b>RECURSOS</b>	
<b>ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS</b>	
<b>AVALIAÇÃO</b>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Neste planejamento, vide Quadro 3 a seguir, foram contempladas as habilidades constituintes do Currículo Carioca (SME-RJ) que são esperadas para os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental. As atividades elaboradas no planejamento serão encontradas no APÊNDICE F.

**Quadro 3 - Planejamento de Atividades “O Pequeno Príncipe Preto”**

<b>DEFINIÇÕES INICIAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro: “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França (2020).</li> <li>• Turma: 1º ano do ensino fundamental.</li> <li>• Tempo estimado: 8 dias, de 1 a 2 tempos de aula por dia.</li> <li>• Tema: Respeito à Diversidade.</li> </ul>	
<b>HABILIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e ler palavras a partir de diferentes gêneros textuais.</li> <li>• Identificar relações fonema/grafema em diferentes textos.</li> <li>• Resolver problemas de adição, envolvendo números de até dois algarismos, com os significados de juntar, acrescentar, com o suporte de imagem e/ou material manipulável, utilizando estratégias.</li> </ul>	
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França.</li> <li>• Folhas de papel pardo ou cartolina e folhas coloridas;</li> <li>• Datashow ou projetor.</li> <li>• Vídeo “A Lenda do Baobá” Canal Multirio: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GrFxlj7hgw">https://www.youtube.com/watch?v=GrFxlj7hgw</a></li> </ul>	
<b>ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS</b>	AULA 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do livro e exploração das informações contidas na capa do livro.</li> <li>• Distribuição de folha individual com a capa do livro.</li> <li>• Ampliação da atividade com o uso de cartaz coletivo da capa do livro para localização das informações explícitas.</li> <li>• Elaborar, coletivamente, uma lista de palavras sobre o que é possível observar na capa.</li> <li>• Exploração de palavras com a letra P.</li> </ul>
	AULA 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início da leitura do livro – páginas 6 a 13 “O Planeta do Pequeno Príncipe Preto”.</li> <li>• Compreensão oral e coletiva do texto.</li> <li>• Realização de autorretrato das crianças a partir da inspiração da página 11 do livro.</li> <li>• Confecção de cartaz coletivo do Baobá - Partes das Plantas (relacionar ao conteúdo de Ciências).</li> <li>• Exploração de palavras com a letra B.</li> </ul>
	AULA 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação da leitura do livro - páginas 15 a 17 “O Planeta do Rei/ O Planeta Terra/ O Planeta Terra da Raposa”.</li> <li>• Compreensão oral e coletiva do texto.</li> <li>• Destacar a palavra REI e explorar palavras com a letra R.</li> <li>• Cruzadinha de palavras com P, B e R.</li> </ul>

<b>ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS</b>	AULA 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação da leitura do livro – página 19 “Afeto”.</li> <li>• Compreensão oral do texto.</li> <li>• Elaborar, coletivamente, uma lista de palavras que representem sentimentos.</li> <li>• Atividades de matemática: Sequência Numérica (de 5 em 5); Par ou Ímpar; Cálculos.</li> </ul>
	AULA 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação da leitura do livro – páginas 20 a 25 “O Planeta Terra e o Pequeno Príncipe Preto”.</li> <li>• Compreensão oral do texto.</li> <li>• Ditado de palavras: BAOBÁ-REI-PLANETA-MENINO-SEMENTE-AFETO-RAIO-PRÍNCIPE-REI-TERRA.</li> <li>• Construir, coletivamente, pequenas frases sobre as palavras estabelecendo relação com o texto lido/ouvido.</li> <li>• Registrar e ilustrar as frases.</li> </ul>
	AULA 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Término da leitura do livro - páginas 27 a 29 “De Volta”.</li> <li>• Compreensão oral e coletiva do texto, com registro em folha de atividades.</li> <li>• Caça-Palavras com palavras que apareceram na história.</li> <li>• Desafio de escrita de uma pequena frase.</li> </ul>
	AULA 7	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retomada da história contada através do livro “O Pequeno Príncipe Preto”:</li> <li>• Autoditado para monitoramento (diagnose) da escrita dos alunos das palavras.</li> <li>• Reescrita coletiva do texto lido (registro no caderno).</li> </ul>
	AULA 8	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogos e desafios matemáticos contextualizados com a história do “O Pequeno Príncipe”.</li> <li>• Situações-problema registrados no caderno (usar materiais concretos – Material Dourado, tampinhas).</li> <li>• Ditado estourado, imagem abaixo, das palavras trabalhadas durante as atividades do livro.</li> </ul>  <p>Fonte: Acervo próprio (2022)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autoavaliação.</li> </ul>
<b>AVALIAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividades de escrita durante a aplicação da sequência didática.</li> <li>• Autoavaliação no último dia de aplicação.</li> <li>• Mapa de monitoramento de escrita dos estudantes.</li> </ul>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os objetivos da construção das atividades desse Produto Educacional foi contribuir e engajar os estudantes nas propostas pedagógicas sugeridas a fim de colaborar para o melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita na alfabetização. Como também colaborar com o aumento da ludicidade em sala de aula, através da prática docente de contação de histórias para promover a inserção de livros literários infantis nas propostas pedagógicas. Esperamos que este produto educacional sirva de inspiração para que sejam desenvolvidas e adaptadas as atividades além do que é proposto e que possam proporcionar a reflexão e ampliação das práticas docentes.

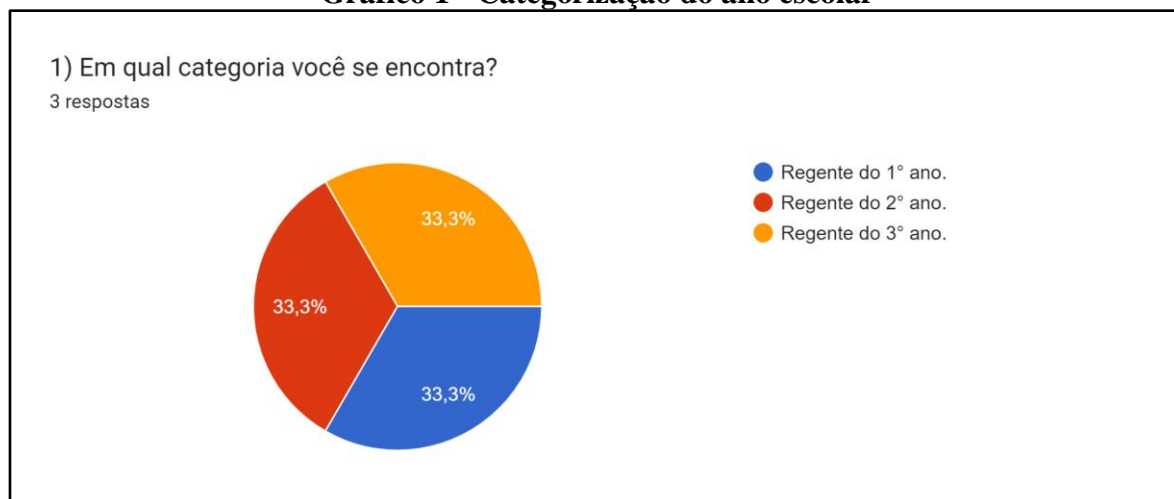
## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos os resultados e análises de uma pesquisa que se dividiu em duas etapas. A primeira foi realizada a partir da participação das professoras alfabetizadoras regentes de turmas do ciclo de alfabetização da Unidade Escolar onde aconteceu a pesquisa. A segunda etapa foi realizada a partir do acompanhamento do desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes participantes da pesquisa. Para acompanhar a descrição e discussão dos resultados do trabalho desenvolvido durante o processo da pesquisa, veja as seções a seguir.

### 5.1 Etapa 1 - Contribuições das Professoras Alfabetizadoras

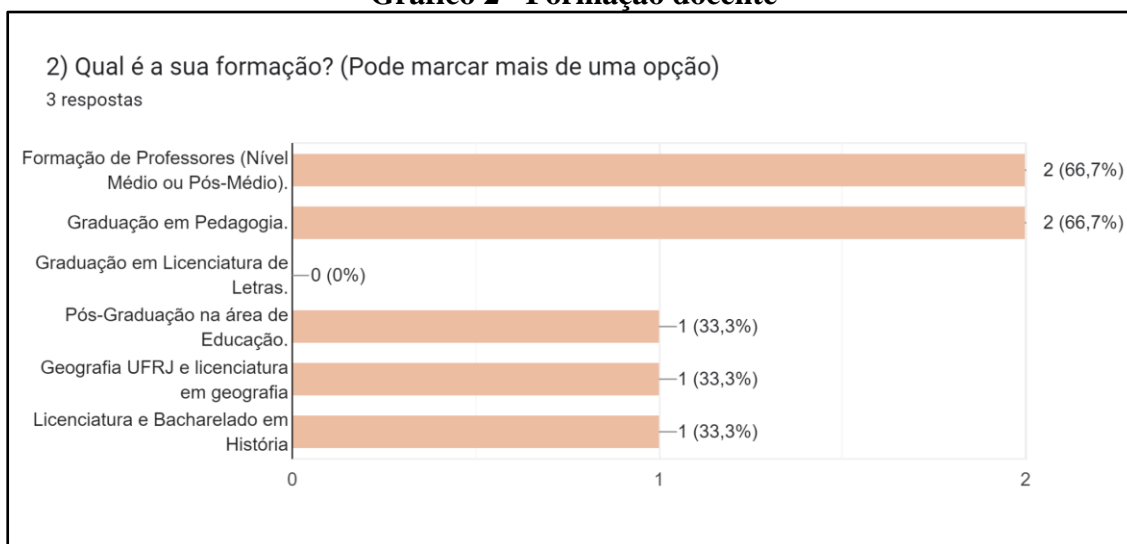
Para coletar informações sobre as práticas mais utilizadas por professores alfabetizadores em sala de aula, na busca pelo desenvolvimento das habilidades de escrita na alfabetização, foi elaborado e aplicado um questionário semiestruturado (Apêndice B). Participaram desta etapa três professoras alfabetizadoras regentes dos anos iniciais (ciclo de alfabetização) da Unidade Escolar onde aconteceu a pesquisa. A partir da análise do Gráfico 1, é possível observar que houve a participação de uma professora regente de cada ano do ciclo de alfabetização que compõe a rede municipal de ensino na qual ocorreu esta pesquisa.

**Gráfico 1 - Categorização do ano escolar**



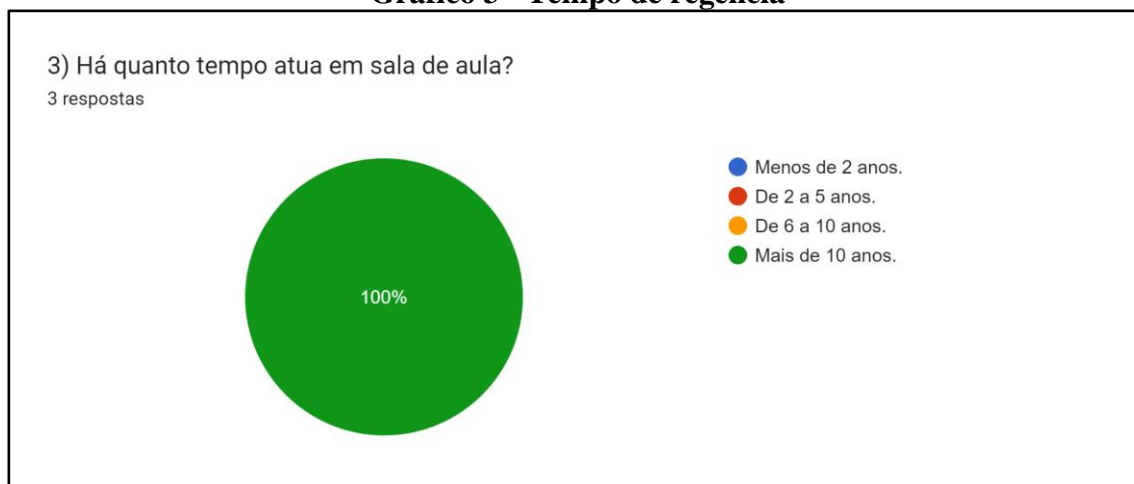
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A pergunta seguinte do questionário foi sobre a formação das professoras, vejamos no Gráfico 2:

**Gráfico 2 - Formação docente**

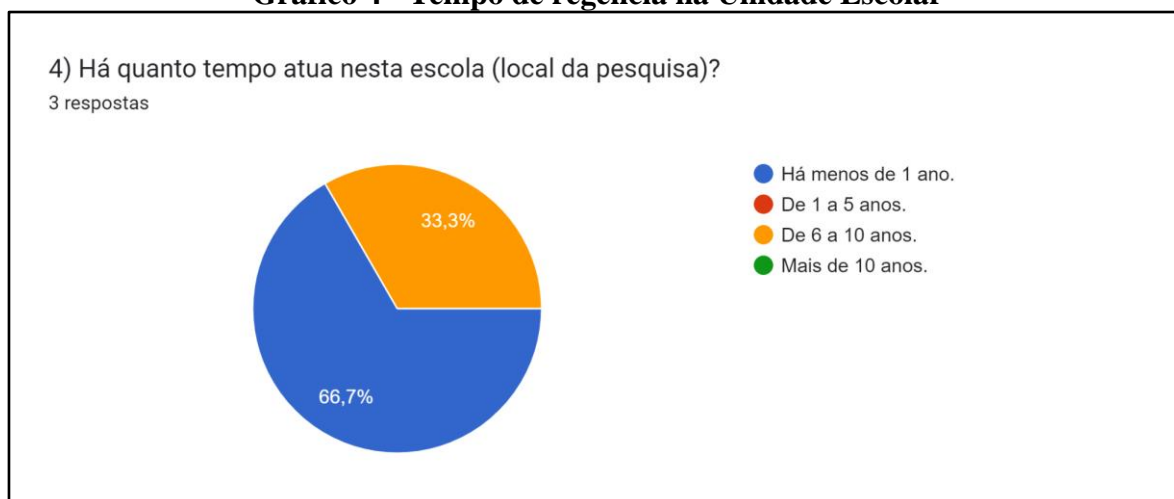
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

De acordo com as respostas obtidas nesta questão, observa-se que a formação inicial das professoras foi em educação e que todas seguiram a carreira docente na graduação de licenciaturas, havendo uma professora que prosseguiu e realizou uma Pós-Graduação também na área de Educação.

**Gráfico 3 - Tempo de regência**

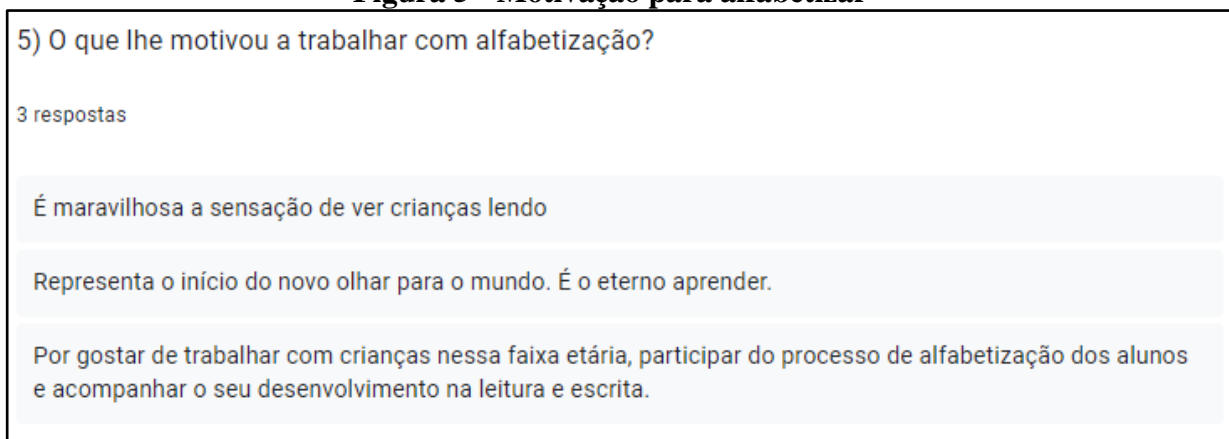
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A partir da observação das respostas das professoras no Gráfico 3 é possível observar que todas possuem uma experiência de atuação docente superior a 10 anos. Porém, como será visto no Gráfico 4, duas professoras são novas na Unidade Escolar (U.E.) em questão e uma tem maior tempo de atuação na U.E. Esse dado é relevante para pesquisa, pois contamos com a colaboração de professoras experientes no magistério.

**Gráfico 4 - Tempo de regência na Unidade Escolar**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A questão 5 do questionário, foi uma questão na qual as professoras precisaram responder de forma discursiva sobre o que as motiva para trabalhar com a alfabetização na escola. Observe as respostas abaixo na Figura 5.

**Figura 5 - Motivação para alfabetizar**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

É importante observar que das três respostas obtidas nesta questão, a primeira professora foca no contentamento ao verificar que os alunos estão desenvolvendo as habilidades de leitura, a segunda responde de forma ampla sobre o aprender e a terceira professora coloca em foco o desenvolvimento da escrita junto à leitura. Interessante que as três categorias distintas que surgem ao mesmo tempo se entrelaçam nas respostas das docentes: satisfação pessoal com o progresso das crianças, reconhecimento da importância da alfabetização para o desenvolvimento cognitivo e convívio social e o desejo de compartilhar experiências de leitura e escrita com crianças. Como Tardif (2002) apresenta em seus estudos, esses fatores certamente se relacionam com experiências pessoais e profissionais vivenciadas por elas.

A questão 6, que será analisada a seguir, aborda sobre a influência da Covid-19 no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, vejamos na Figura 6.

**Figura 6 - Consequências escolares a partir da Covid-19**

6) Em relação a aprendizagem dos estudantes, que observações você faz acerca do retorno das aulas presenciais após o período de isolamento social, devido a pandemia da Covid-19?

3 respostas

Não há comparação de aulas online e presenciais

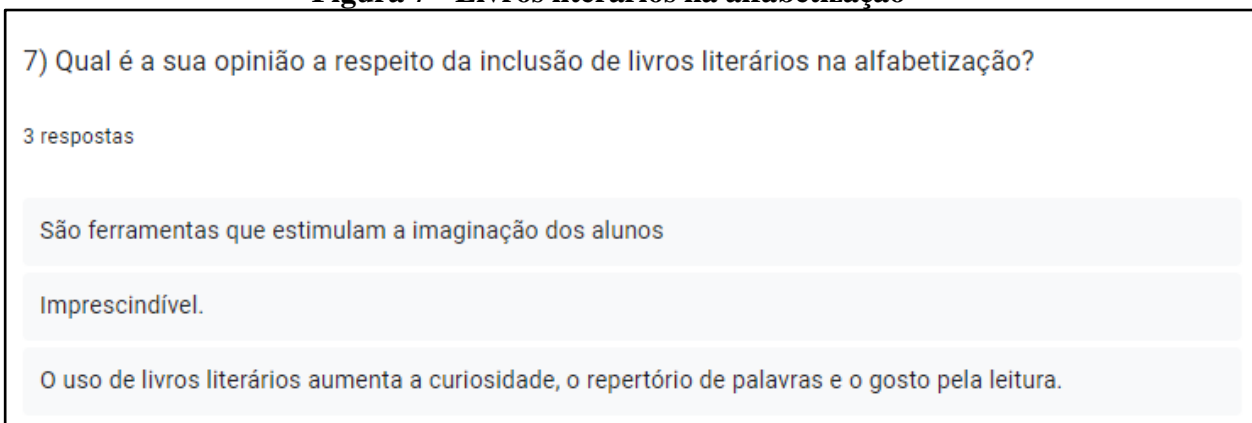
As crianças voltaram ainda mais dispersas, carentes do contato com seus semelhantes e, muitas com o psicológico abalado. O que interfere e muito na aprendizagem.

Alunos com dificuldade de socialização e habilidades para sua idade não foram desenvolvidas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Todas as professoras sinalizaram as dificuldades que surgiram e/ou foram potencializadas com o advento da pandemia Covid-19. É possível observar que características que dificultam o aprendizado no ambiente escolar foram pontuadas, como: dispersão dos estudantes, carência pela falta de contato com os pares, dificuldades de socialização e a defasagem nas habilidades que já são esperadas para o grupo-etário do ciclo de alfabetização.

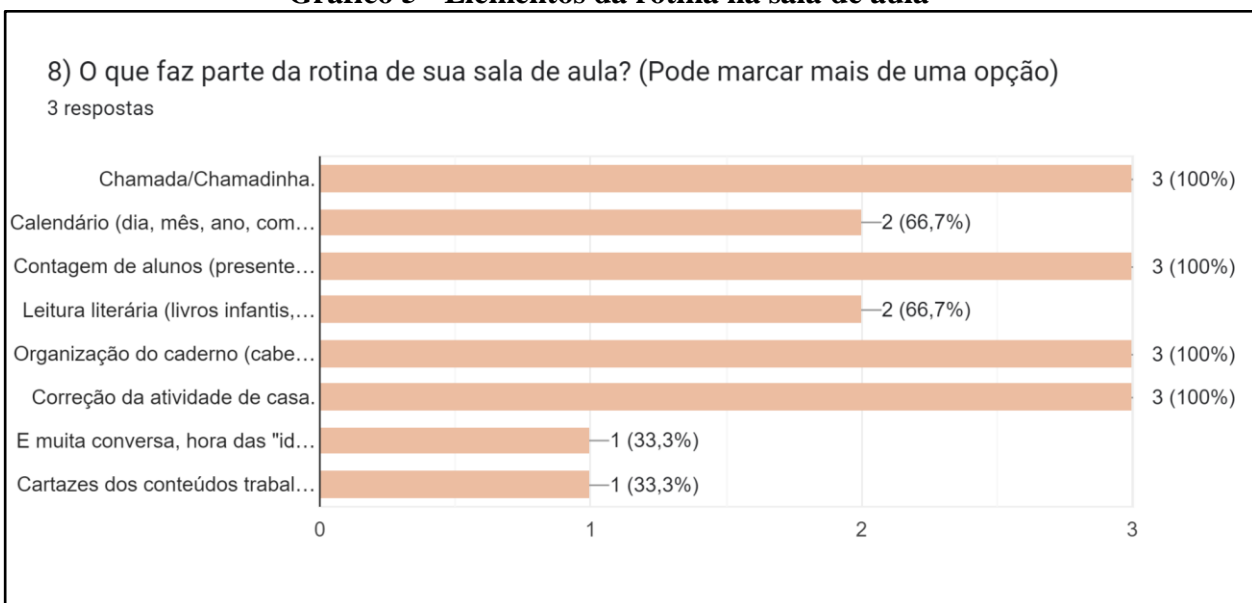
As respostas das professoras coadunam com os estudos de Pimenta (2022) sobre os impactos negativos da pandemia de Covid-19 na alfabetização. Esses impactos são: 1) perda de contato com a escola e os colegas, que afetou a socialização e o desenvolvimento emocional das crianças; 2) dificuldade de acesso e adaptação às tecnologias digitais, que prejudicou a participação e o acompanhamento das aulas online; 3) falta de recursos, formação e apoio pedagógico adequados, que comprometeu a qualidade do ensino remoto; 4) desigualdade social e educacional, que aumentou as diferenças entre os alunos e dificultou a inclusão e a equidade; 5) necessidade de reorganização e reorientação das práticas pedagógicas, que exigiu dos professores novas habilidades e competências, assim como, maior investimento em formação continuada.

**Figura 7 - Livros literários na alfabetização**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A questão 7 do questionário (Figura 7) pretendia coletar impressões das professoras sobre a inclusão dos livros literários infantis nas práticas docentes das turmas de alfabetização e foi observado que todas consideram o livro infantil uma ferramenta de grande importância na sala de aula.

Em concordância com os autores Cosson (2014) e Soares (2020) as professoras apontam os seguintes benefícios da inclusão da literatura na alfabetização: o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da expressão dos alunos; a ampliação do vocabulário, da compreensão e da interpretação dos textos; o despertar do interesse, do prazer e do hábito da leitura; a formação de futuros leitores críticos, reflexivos e autônomos.

**Gráfico 5 - Elementos da rotina na sala de aula**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O Gráfico 5 mostra que apenas duas das três professoras sinalizaram a prática de leitura literária como um elemento constituinte da rotina escolar de suas turmas de alfabetização. Fato que pode evidenciar a importância e necessidade de investimento na formação continuada dos professores alfabetizadores de forma a contribuir para o incentivo de livros literários infantis nas práticas pedagógicas realizadas em sala de aula.

### Figura 8 - Estratégias para motivar os estudantes

9) Que estratégias você utiliza para motivar a participação dos alunos nas atividades propostas?

3 respostas

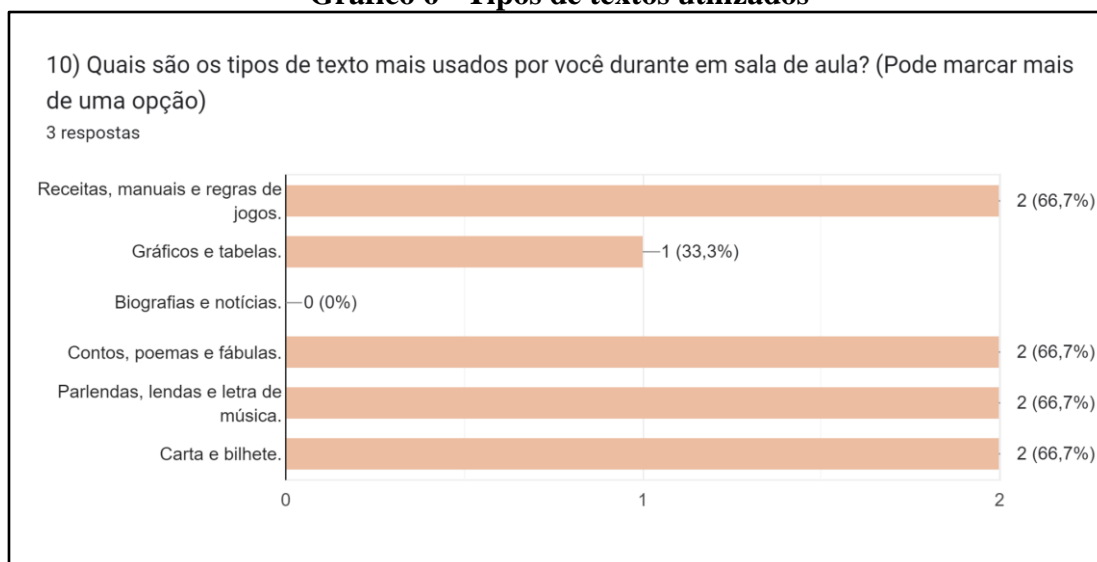
Motivo os alunos que todos os dias aprendemos coisas nova e, isso é muito bom, não só para os alunos como também para os professores .

Apresento a importância das atividades. As crianças hoje atendem e entendem o diálogo direto.

Sempre que possível faço uma atividade lúdica.

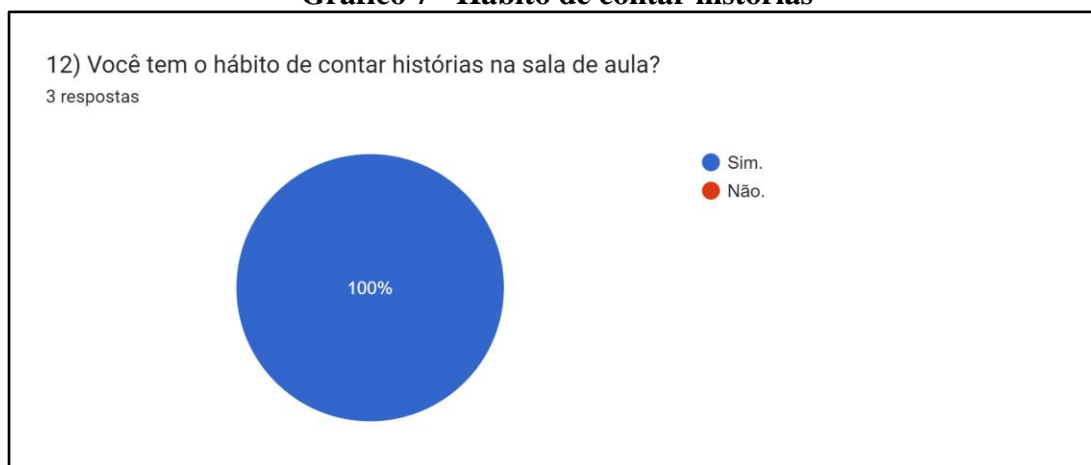
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na questão apresentada (Figura 8) houve a busca por informações sobre quais estratégias as professoras utilizam para motivar o engajamento dos estudantes nas propostas realizadas em sala de aula. Foi possível constatar que os elementos considerados importantes pelas docentes foram: proporcionar alguma novidade para a sala de aula, dialogar de forma direta com os estudantes e a busca pela ludicidade. As respostas das professoras corroboram com o pensamento dos autores Lucena (2020) e Sisto (2005) no que tange à importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem, principalmente nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com Bettelheim (2002), a curiosidade estimula a imaginação que ajuda a criança a aprimorar seu intelecto e a esclarecer os seus sentimentos; a se equilibrar entre seus medos e desejos; a identificar suas dificuldades e, simultaneamente, propor soluções para os problemas que a perturbam.

**Gráfico 6 - Tipos de textos utilizados**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Esta questão tinha o objetivo de coletar informações sobre os tipos e/ou gêneros textuais mais recorrentes nas práticas pedagógicas propostas nas turmas de alfabetização da Unidade Escolar (Gráfico 6). Foi possível constatar que os tipos textuais mais utilizados pelas professoras participantes são os instrucionais e narrativos, o que dialoga com os estudos de Aguiar e Bordini (1998) sobre a percepção dos tipos textuais mais adequados para a faixa etária dos estudantes que estão em processo de alfabetização.

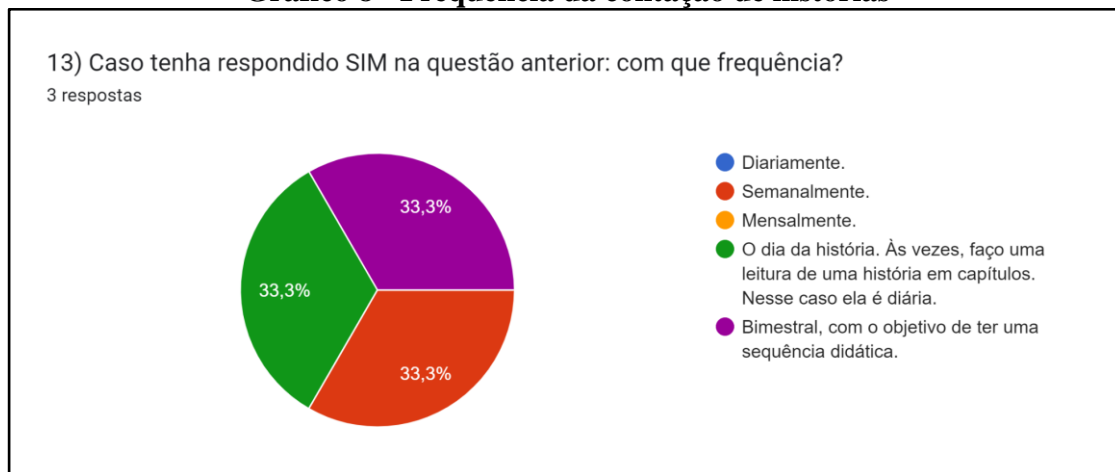
**Gráfico 7 - Hábito de contar histórias**

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

É possível observar no Gráfico 7 que as três professoras participantes responderam de forma positiva quanto ao hábito de contar histórias em sala de aula. E, na questão seguinte,

houve uma divisão de respostas quanto à frequência com que realizam essa contação de histórias nas aulas. Vejamos:

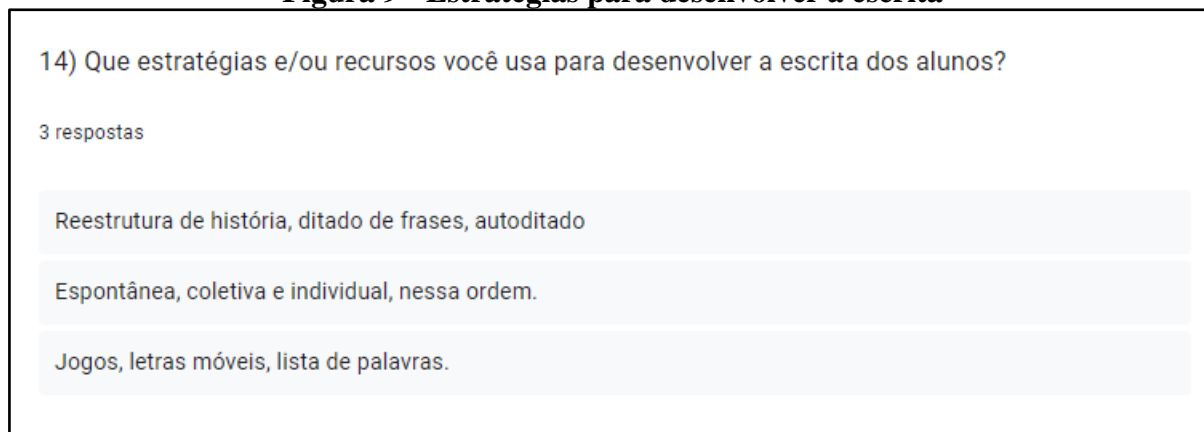
**Gráfico 8 - Frequência da contação de histórias**



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quanto à frequência da realização da prática de contar histórias em sala de aula, uma professora realiza de forma bimestral com a preocupação em propor uma sequência didática em contexto com a história contada, a segunda professora realiza a contação de histórias de forma semanal e a terceira professora estabelece com a turma o dia da história. As respostas obtidas nas duas questões anteriores (Gráficos 7 e 8) ressaltam a importância da contação de histórias em sala de aula na alfabetização e imprimem a necessidade de estabelecer um planejamento adequado para a aplicação de uma sequência didática de forma intencional, conforme é defendido nos estudos de Soares (2020).

**Figura 9 - Estratégias para desenvolver a escrita**



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na questão sinalizada na Figura 9, houve a abordagem sobre as estratégias que as professoras utilizam para desenvolver as habilidades de escrita dos estudantes. As professoras apontam estratégias semelhantes às indicadas pelo Instituto NeuroSaber (2023) que são a alfabetização fonológica (associar letras e sons); leitura compartilhada (ler e discutir em voz alta para as crianças); escrita criativa (espontânea); aprendizado compartilhado (trazer situações do cotidiano) e avaliação contínua.

**Figura 10 - Como promover a escrita dos estudantes?**

15) Ao identificar que o aluno encontra-se estagnado em um nível de escrita, silábico ou pré-silábico, o que faz para promover o avanço?

3 respostas

Faço trabalhos de recuperação paralela, com trabalhos mais simples, como nome do aluno, escrita de figuras com sílabas simples, alfabetário de animais

Recomeço, com as orientações, estratégias que foram utilizadas. Recorro a ações diversificadas de outras colegas....

Uso de letras móveis, cruzadinha.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na questão da Figura 10 sobre o que fazer no caso de o estudante estagnar em um nível de escrita, demonstrando dificuldade, as professoras sugerem o uso de recursos visuais, como letras móveis; uso de situações simples que tenham sentido e propósito para criança como escrever o seu nome, nome de animais e também a modificação da abordagem pedagógica com o estudante, havendo assim, uma orientação individualizada da professora. As respostas obtidas nas questões supracitadas dialogam com os estudos de Morais (2012) acerca da aprendizagem inicial da língua escrita.

No entanto, as respostas ainda mostram uma tendência tradicional no qual o docente é uma figura central do processo de alfabetização, desconsiderando os avanços que poderiam promover com a interação e a troca entre as crianças, incentivando a escrita colaborativa, a revisão e a correção das atividades entre os alunos. Magda Soares (2016, 2022) afirma que as crianças não precisam apenas da voz dos professores, elas também precisam falar, exercitando

a oralidade, para que desenvolvam a consciência fonológica<sup>3</sup> e avancem no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

**Gráfico 9 - A contação de histórias na escola**



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As questões do Gráfico 9 pretendiam consultar a opinião das professoras acerca da relação/influência da contação de histórias na aprendizagem da escrita dos alfabetizandos. As três professoras participantes responderam de forma positiva para a correspondência da prática de contar histórias com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita nas turmas de alfabetização.

<sup>3</sup> Segundo Soares (2022, p.77) consciência fonológica “consiste na capacidade de refletir os segmentos sonoros da fala [...] capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas.”.

Tais colocações demonstram que os estudos de Pedraça (2021), Busatto (2012) e Soares (2020) confirmam a importância da contextualização no processo de alfabetização e, principalmente, com o uso da prática de contação de histórias como caminho viável e prazeroso na aprendizagem da língua escrita.

Ao final do questionário foi solicitado que as professoras participantes compartilhassem uma prática pedagógica considerada de sucesso por elas, em sua vivência. Vejamos na Figura 11.

**Figura 11 - Práticas compartilhadas**

18) Agora é a sua vez!

Se puder, compartilhe uma prática pedagógica que você considere ter sido bem sucedida, em sua sala de aula, para o avanço da escrita dos alunos:

3 respostas

Gosto muito de trabalhar com escrita de frases que fazem parte do cotidiano do aluno

Contei uma história "Menina Bonita do cabelo de fita". A partir da contação fizemos as imagens da história, com personagens e ambiente em cartões. Cada grupo de criança ficou com um personagem e ambiente. Depois fizemos uma apresentação teatral. Foi filmado. Houve necessidade cadê vários grupos apresentarem a mesma história. Fiz uma exposição no mural da sala utilizando o papel "pardo" onde escrevi cada parte da história e coleí as imagens da ilustração que elas fizeram. Foram três dias de atividades.

Fazer lista de palavras e ditado estourado.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os resultados dos questionários das professoras alfabetizadoras destacaram as lacunas e limitações do uso da contação de histórias como estratégia para o desenvolvimento da escrita em suas formações acadêmicas e experiências profissionais. Logo, esses resultados não foram aproveitados na construção desse conhecimento nem na produção do produto educacional.

## 5.2 Etapa 2 - A Escrita dos Estudantes

Para gerar dados e, posteriormente, analisar a escrita dos estudantes participantes da pesquisa foi realizado o monitoramento da escrita dos estudantes participantes através da realização diagnóstica da escrita inicial (Apêndice E) e de outras três aplicações de diagnoses de escrita presentes no escopo das sequências didáticas elaboradas, que constituem o Produto Educacional desta pesquisa. Participaram desta etapa dezoito estudantes pertencentes à turma de 1º ano (alfabetização) cuja regente foi a professora pesquisadora. A partir da análise das

atividades de escrita propostas durante a pesquisa, foi possível observar o desenvolvimento qualitativo e ortográfico dos níveis de hipótese de escrita dos estudantes envolvidos. Apesar de haver participantes que demonstraram maior dificuldade na aprendizagem inicial da língua escrita, todos demonstraram progressão qualitativa no processo de ensino e aprendizado.

No princípio do que se propôs esta pesquisa havia a pretensão de aplicar de 5 a 6 sequências didáticas, porém devido às questões burocráticas que envolvem autorizações, logística e cronograma escolares, a pesquisa foi realizada com a aplicação plena de 3 sequências didáticas<sup>4</sup>. Os livros literários infantis utilizados no desenvolvimento das atividades de escrita propostas foram:

- “O Pequeno Príncipe Preto” de Rodrigo França;
- “Escola de Chuva” de James Rumford;
- “A Cesta de Dona Maricota” de Tatiana Belinky.

Desse modo, as sequências didáticas centradas na contação de histórias foram estruturadas para promover a evolução da escrita dos alfabetizandos em três etapas principais: 1) Introdução à Narrativa: os alunos foram apresentados a diferentes tipos de histórias; 2) Estímulo ao desenvolvimento da escrita: após a familiarização com cada trecho da história, simultaneamente, os alunos foram incentivados a praticar a escrita a partir das atividades planejadas, recebendo feedbacks construtivos da professora; 3) Diagnose de escrita e Autoavaliação. Essas sequências didáticas foram cuidadosamente planejadas para permitir que os alunos construíssem as habilidades de escrita de maneira significativa.

A seguir, serão expostas declarações, impressões e registros da aplicação do material didático proposto e da análise da escrita dos estudantes participantes, sob a perspectiva da professora pesquisadora com base nos teóricos que fundamentaram a pesquisa.

### **5.2.1 - Diagnose Inicial de Escrita**

Para iniciar a coleta de dados proposta para o desenvolvimento da pesquisa, a professora pesquisadora realizou uma reunião com os responsáveis dos estudantes participantes, para esclarecer ao que se propunha as atividades que seriam realizadas com a turma. Houve a adesão de 18 participantes na pesquisa, após essa conversa. Em seguida, foi necessário um momento

---

<sup>4</sup> O acesso integral das sequências didáticas utilizadas estará disponível no Produto Educacional resultante desta pesquisa.

prolongado da aula, para que a professora pesquisadora pudesse fazer uma roda de conversa com os estudantes e explicar sobre o processo ao qual estavam inseridos.

Os estudantes, que estavam na faixa etária entre 6 e 7 anos, se mostraram muito empolgados por perceberem o protagonismo que vivenciaram durante as aulas. Surgiram algumas dúvidas, eles queriam saber se seriam fotografados e filmados nas aulas, mas foi esclarecido que isto só ocorreria mediante autorização de todos os presentes. A turma participante da pesquisa demonstrava características de pouca timidez, os estudantes, em sua maioria, eram extrovertidos e havia alunos em estudo de caso por apresentarem dificuldades de aprendizagem inicial da alfabetização. Porém, todos reagiram de forma positiva à participação da pesquisa.

E assim, foi realizada a primeira avaliação diagnóstica de escrita dos estudantes (Apêndice E), em um período de 2 tempos de aula (1h40m). Observe, abaixo, os registros (Figuras 12, 13, 14, 15, 16 e 17) de algumas avaliações coletadas:

**Figura 12 - Escrita inicial do estudante A**



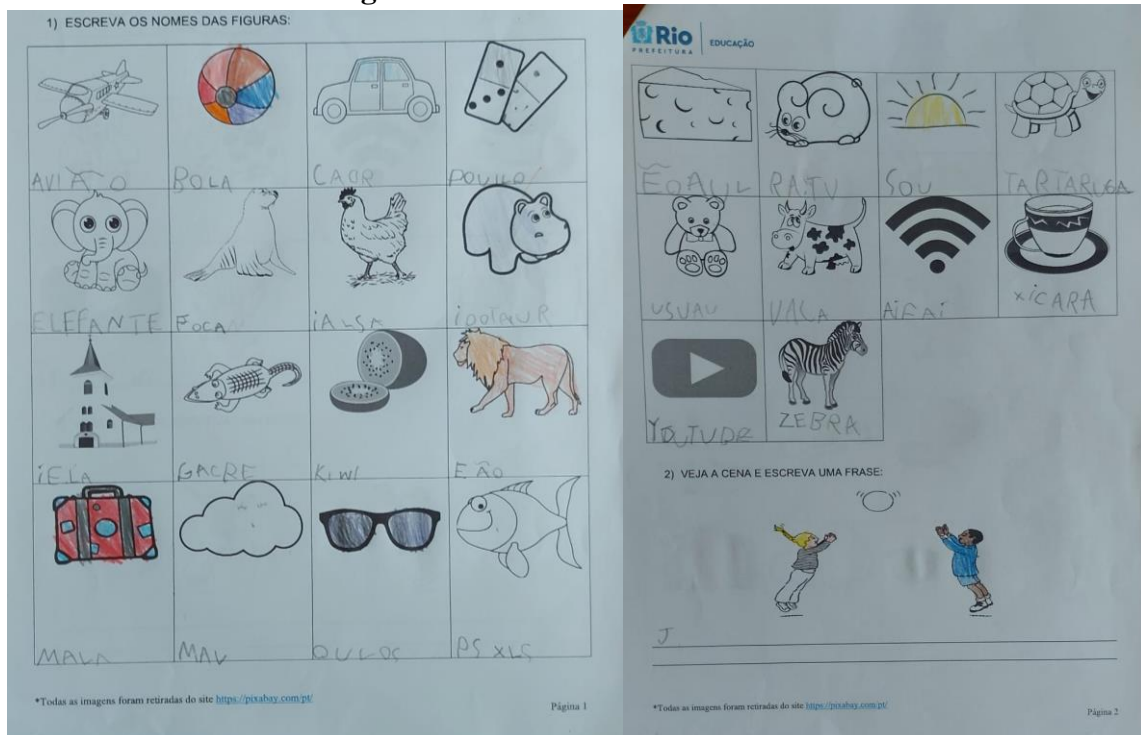
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 13 - Escrita inicial do estudante B**



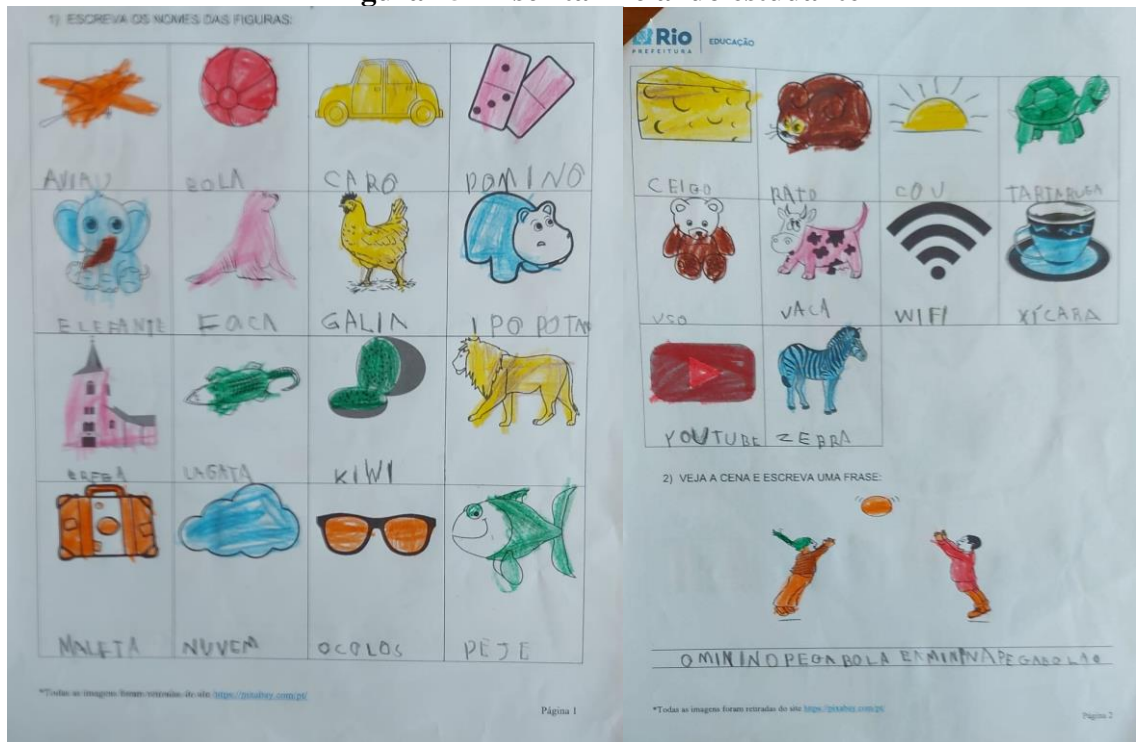
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 14 - Escrita inicial do estudante C**



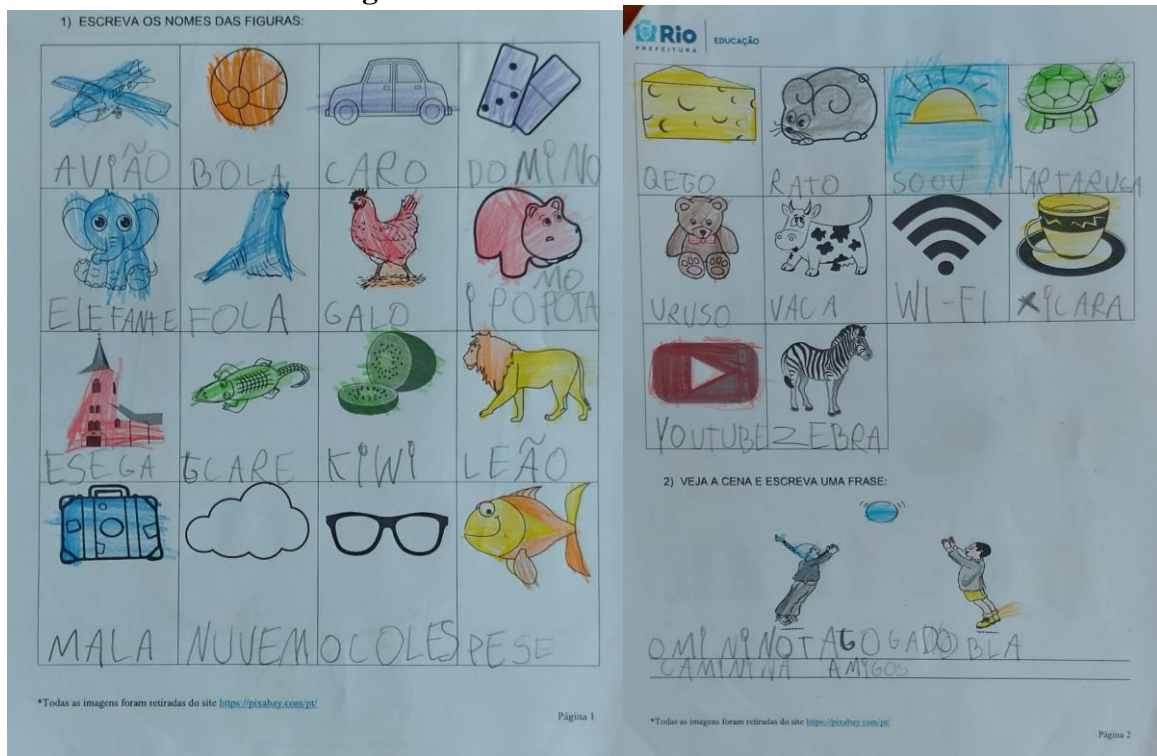
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 15 - Escrita inicial do estudante D**



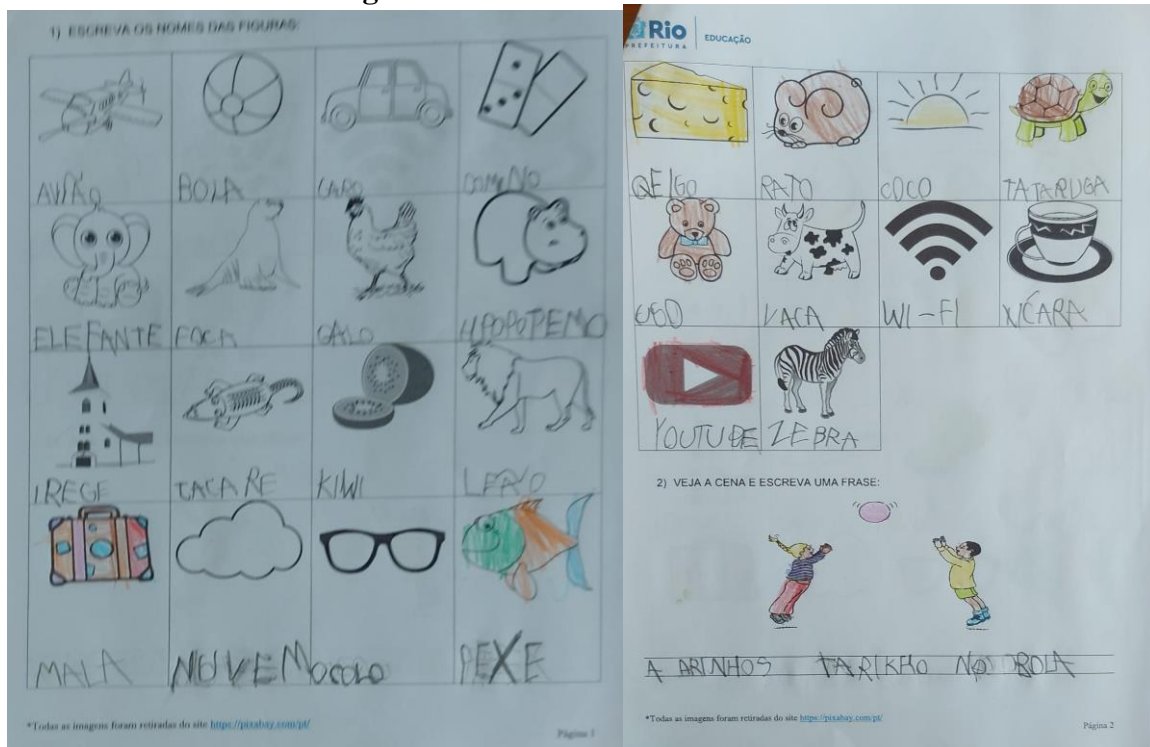
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 16 - Escrita inicial do estudante E**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 17 - Escrita inicial do estudante F**

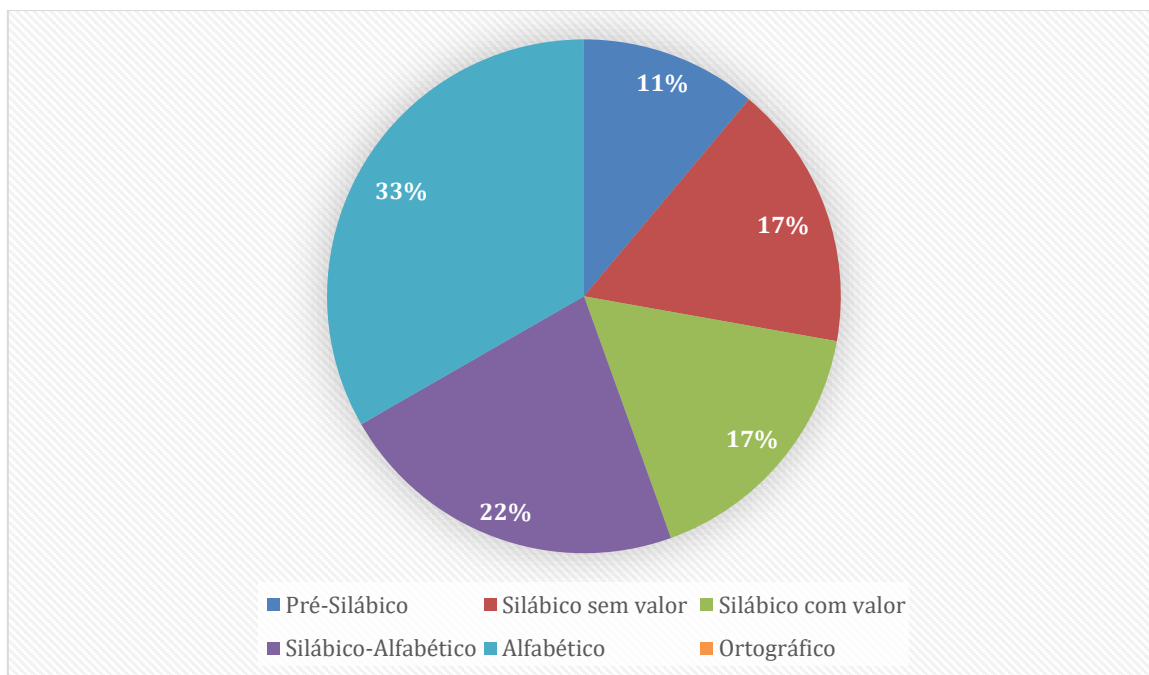


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

As figuras utilizadas na diagnose inicial de escrita foram selecionadas de forma intencional, para que houvesse maior possibilidade de acerto dos estudantes, visto que são imagens comumente utilizadas nos recursos visuais (cartazes, silabário, alfabetário etc.) presentes nas salas de aula das turmas de alfabetização. A fim de contribuir com a autoconfiança dos estudantes durante a realização da atividade proposta.

Tendo dito isto, foi possível observar que alguns estudantes não conseguiram identificar e representar, através da escrita, as letras corretas que nomeiam as figuras da atividade. No desafio de escrever uma frase que se relacione com a imagem, foi nítida a percepção de que os estudantes ainda não haviam desenvolvido plenamente as habilidades que contribuem para esta ação. Ou seja, mesmo aqueles que escreveram corretamente diversas palavras, não conseguiram desenvolver uma frase da forma correta. Esta percepção demonstra que o que Moraes (2012) fala sobre a aprendizagem do sistema de escrita alfabético e o processo que a envolve, precisa ser trabalhado, respeitado, organizado e ensinado.

Nesta primeira aplicação e monitoramento da escrita dos estudantes, após a coleta e análise da atividade proposta, houve a seguinte percepção quanto aos níveis de escrita dos participantes apresentada no Gráfico 10:

**Gráfico 10 - Aplicação da diagnose inicial de escrita**

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Sabendo que para categorizar os dados coletados no que concerne à identificação do nível de escrita dos estudantes, foram estabelecidos 6 níveis (Pré-Silábico, Silábico sem valor sonoro, Silábico com valor sonoro, Silábico-Alfabético, Alfabético e Ortográfico), é possível verificar nessa primeira diagnose de escrita que não houve nenhum estudante que tenha tido sua escrita diagnosticada como o nível mais desenvolvido, Ortográfico. É importante ressaltar, também, que para a realização da atividade diagnóstica inicial, não houve nenhuma contextualização, apenas a proposta da escrita.

### 5.2.2 - Sequência Didática 1

Para iniciar o trabalho pedagógico envolvendo a primeira sequência didática, houve uma disposição diferenciada das mesas e cadeiras dentro da sala de aula, para que fosse possível realizar uma roda de conversas com os estudantes. Nesse momento, a professora pesquisadora apresentou ao grupo o livro (Figura 18) que seria lido/ouvido e estudado durante os próximos dias, durante as aulas.



**Figura 20 - Releitura de um trecho do livro a pedido dos estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Foi possível observar o interesse dos estudantes nas aulas que envolviam o momento da contação da história do livro. Para desenvolver este trabalho, a professora pesquisadora utilizou estratégias de organização e pausas durante a leitura, para o melhor aproveitamento do livro e de todas as informações e mensagens que o mesmo pretendia passar aos ouvintes/leitores. A leitura do livro não se deu de forma contínua e ininterrupta, pois isto não seria proveitoso para o trabalho pedagógico que se pretendeu realizar. Dos oito dias em que se propôs o desenvolvimento da sequência didática, seis dias foram contemplados com o momento da contação de histórias, tempo para retomada do que havia acontecido antes e espaço para sugestões do que viria a seguir. Todo este processo fazia parte do planejamento da professora regente na intenção de envolver os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de engajá-los, cada vez mais, nas aulas e nas atividades que seriam propostas.

Portanto, ficou nítida a importância de haver um preparo da professora para a realização da leitura e das atividades que seriam desenvolvidas a partir daquele momento. Os estudantes se mostraram, dia após dia, mais envolvidos no enredo da história lida/ouvida e, conseqüentemente, estimulados a escreverem e ilustrarem sobre os assuntos que perpassam os acontecimentos da história. Além disso, também foi possível realizar um trabalho interdisciplinar através do uso de recurso audiovisual para a expansão do conhecimento da história da Baobá (Figura 21), que surge no livro como personagem fundamental. Os estudantes demonstraram curiosidade acerca do tema e assim foi possível explorar, em sala de aula, temas

pertinentes ao conteúdo de Ciências de forma lúdica e significativa, partindo do interesse próprio da turma.

**Figura 21 - Expansão dos estudos da Baobá a partir do livro (uso de recurso audiovisual)**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 22 - Propostas diferenciadas de escrita para o desenvolvimento dos estudantes**

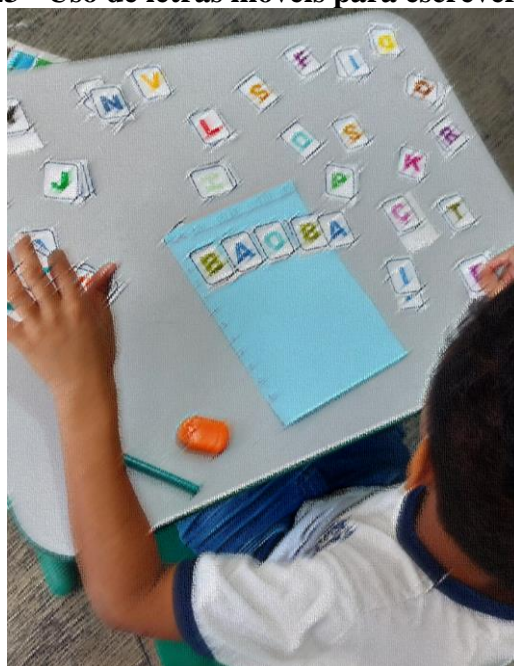


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Nas imagens acima (Figura 22) é possível observar o esforço da professora pesquisadora em utilizar diferentes níveis de dificuldade para desenvolver a escrita dos estudantes em suas aulas. Na primeira imagem encontram-se 3 propostas distintas, em todas há a intenção de que os estudantes exerçam as habilidades de escrita, mas com níveis de dificuldades diferentes. Nas outras duas imagens há o registro dos estudantes realizando as atividades propostas.

No que se refere a primeira imagem, em que é possível observar diferentes propostas didáticas, a primeira atividade demonstra que o estudante domina de forma satisfatória o Sistema Alfabético de Escrita (SEA) e pode ser desafiado a escrever frases sobre as figuras, na segunda atividade é proposto que o estudante escreva, da melhor forma, os nomes das figuras e a terceira atividade foi elaborada para envolver a participação dos estudantes que demonstraram maior dificuldade na apreensão do SEA, propondo assim que o estudante estabeleça a relação da palavra com a figura. Em uma turma de anos iniciais do ensino fundamental, principalmente, na alfabetização o uso de atividades diversificadas torna-se fundamental para que todos estejam envolvidos no que é proposto pela professora, apesar de suas limitações.

**Figura 23 - Uso de letras móveis para escrever palavras**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Como é possível observar na imagem acima (Figura 23) há outros recursos disponíveis no espaço escolar que podem contribuir com o desenvolvimento e aprendizado significativo da escrita dos alfabetizandos, como o uso de letras móveis para escrever palavras durante um ditado ou outra atividade proposta.

**Figura 24- Interesse pela leitura nos momentos “livres” em sala de aula**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Durante as aulas, a professora pesquisadora percebeu que o interesse dos estudantes pelos livros (Figura 24) que estavam, desde o início do ano letivo, disponíveis na sala de aula para os momentos “livres”, que ocorrem quando o estudante finaliza a atividade rapidamente, tornou-se cada vez maior. Foi necessário inserir mais obras literárias infantis na caixa de leitura da turma, ao longo das semanas que seguiram o trabalho realizado desta primeira sequência didática.

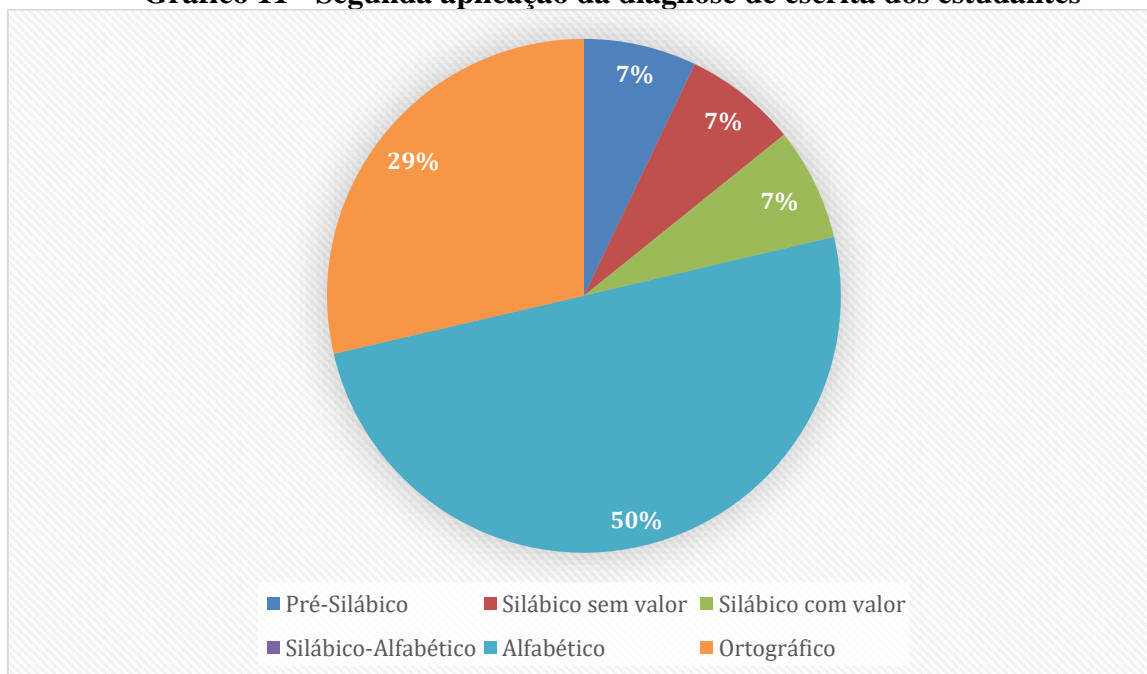
**Figura 25 - Diagnóstico de escrita dos estudantes (segunda aplicação)**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ao final da aplicação e estudo da sequência didática 1, houve a realização da 2ª aplicação do diagnóstico de escrita dos estudantes (Figura 25). O resultado obtido quanto aos níveis de escrita dos participantes está a seguir:

**Gráfico 11 - Segunda aplicação da diagnose de escrita dos estudantes**



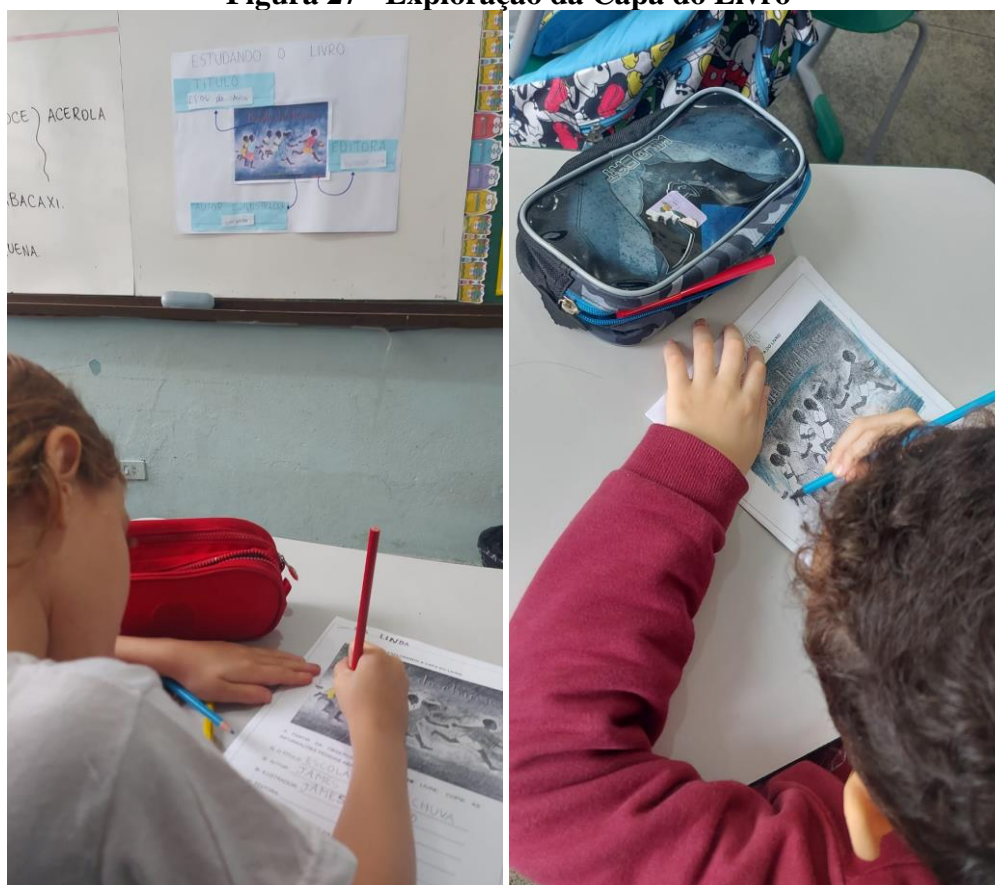
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

### 5.2.3 - Sequência Didática 2

A segunda sequência didática desenvolvida durante a pesquisa foi realizada a partir da leitura e estudo do livro “Escola de Chuva” de James Rumford (Figura 26). A escolha deste livro se deu a partir da intenção em trabalhar um livro literário infantil que dialogasse com o planejamento bimestral da escola, onde seria trabalhada a importância e identidade da Unidade Escolar na qual os participantes e a professora pesquisadora estavam inseridos.



**Figura 27 - Exploração da Capa do Livro**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Como é possível observar na Figura 27 houve a confecção de um cartaz coletivo que foi desenvolvido a partir da realização da atividade proposta na sequência didática. Este recurso ficou disponível no mural da sala da turma para que pudesse ser consultado livremente a partir da busca dos estudantes.

Dando continuidade aos estudos propostos na sequência didática, foi realizada a exploração coletiva da palavra ESCOLA (Figura 26) e os estudantes perceberam o som da letra S após a vogal, a partir daí, foram propostas atividades a fim de estimular o reconhecimento desta forma ortográfica para contribuir no desenvolvimento do aprendizado da língua escrita, pois como afirma Moraes (2012, p.15) “é preciso ajudar as crianças a cedo descobrirem as regras ou propriedades do sistema alfabético e que a consciência fonológica tem um grande papel nessa empreitada.”. Dentre as atividades propostas a fim de consolidar a compreensão da escrita das palavras com S após vogal, foi a cruzadinha (Figura 28).

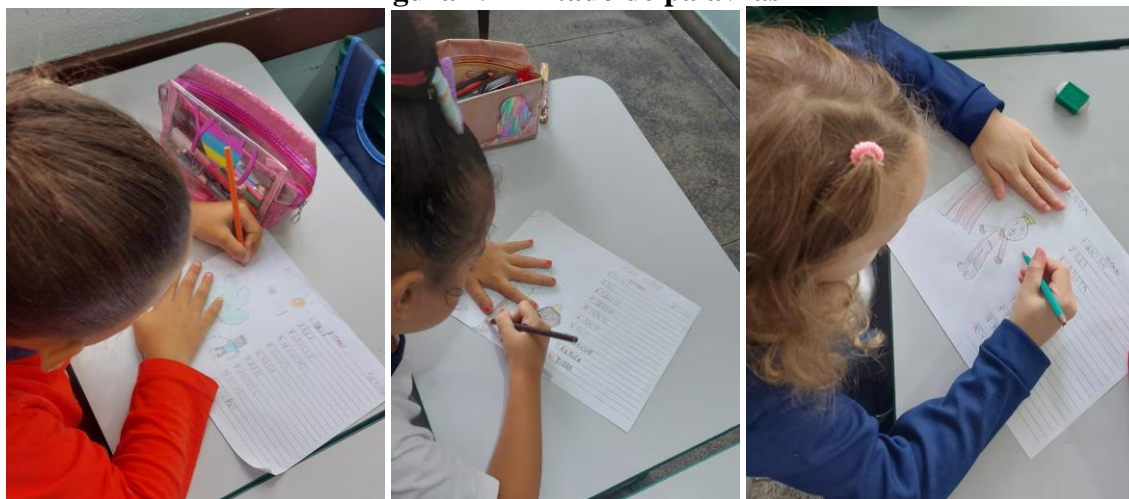
**Figura 28 - Cruzadinha**

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Como também foram propostas atividades, sempre com o foco no desenvolvimento da língua escrita por parte dos alfabetizandos, de ditado de palavras (Figura 29) e escrita de frases (Figura 30). A relevância da proposta de atividades que partem da oralidade para a escrita, como o ditado de palavras ou frases, se comprova a partir do que Morais (2012, p.131) destaca em sua pesquisa ao afirmar que “consciência fonológica envolve também a análise de sílabas, de rimas e de palavras dentro de palavras” o que amplifica a consciência fonêmica por parte dos estudantes.

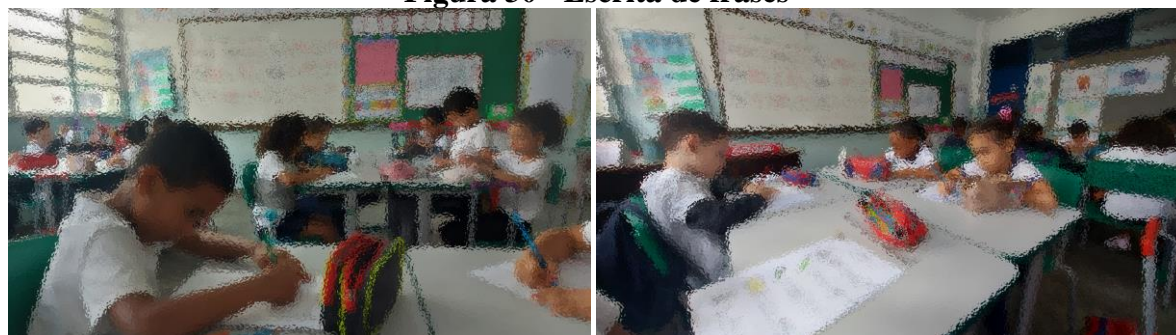
A professora pesquisadora iniciava as propostas explicando oralmente o que deveria ser feito e esclarecendo que aqueles que precisassem de ajuda, seriam atendidos individualmente durante a aula. Todas as atividades propostas pela professora pesquisadora tinham a intenção principal de acolher todos os estudantes, mesmo sabendo dos diferentes níveis de dificuldade apresentados por eles.

**Figura 29 - Ditado de palavras**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 30 - Escrita de frases**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Durante o desenvolvimento da Sequência Didática 2 foi possível perceber que o interesse dos estudantes pela história lida/ouvida não foi tão evidenciado quanto na Sequência Didática 1. A que se deve esta diferença? Não foi possível definir ao certo, mas a história não foi tão atrativa aos estudantes como a anterior. Os estudantes não demonstraram interesse na continuidade da história e não apresentaram uma compreensão do que estava acontecendo no enredo desta contação de histórias.

As possíveis hipóteses sobre a percepção do desinteresse da turma seriam: 1) o conteúdo da história não se relacionou com a vivência das crianças, visto que na história as crianças precisam construir e reconstruir o espaço escolar para que seja possível o desenvolvimento das aulas; 2) o enredo da história “Escola de Chuva” apresenta um tom mais calmo e contemplativo e os alunos participantes desta pesquisa demonstraram uma preferência por histórias de ação e aventura.

Houve uma certa frustração da professora pesquisadora ao perceber este desinteresse, mas houve também a tentativa de reverter a situação através da apresentação de um mapa onde

foi possível explorar com os estudantes a localização de onde a história se passava. Nesta aula, a turma mostrou-se mais participativa, porém logo desviaram o assunto para a região onde moravam e o entorno da escola.

A partir disso, a professora pesquisadora decidiu planejar para a aula seguinte o compartilhamento da tela do notebook e mostrou a localização da escola e de algumas referências dadas pelos estudantes, através do *Google Maps*. Apesar desta ação não estar previamente descrita no planejamento da sequência didática, foi necessária a flexibilidade da professora e dos estudantes para que se oportunizasse uma maior participação dos estudantes nas atividades que seriam propostas.

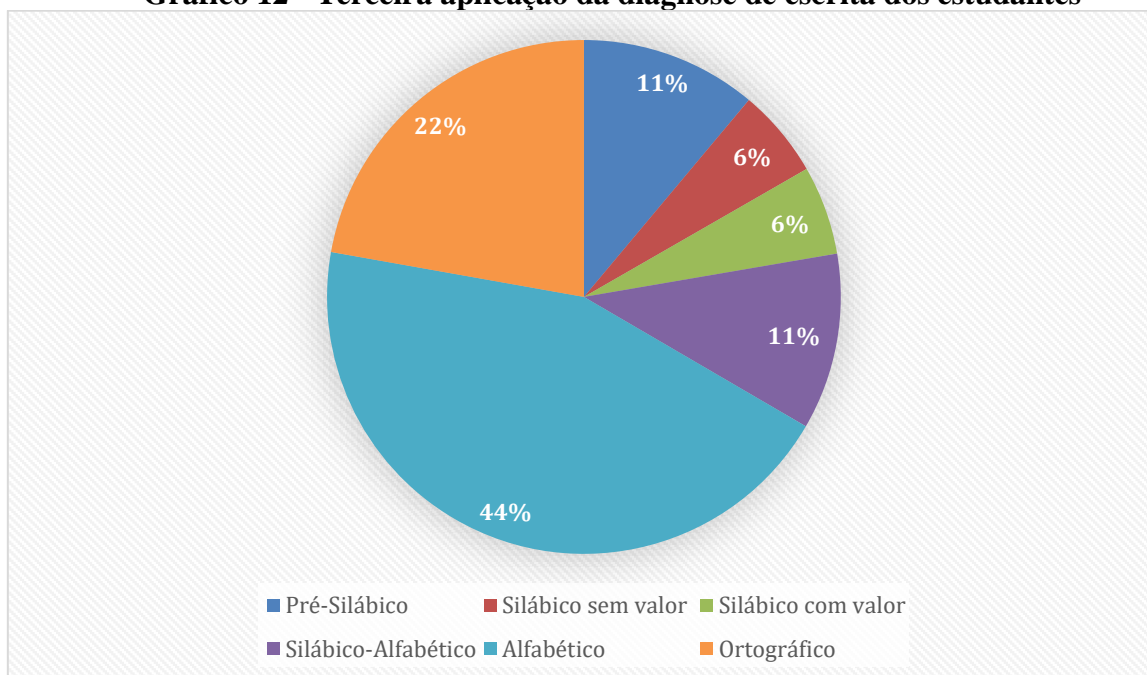
Assim como na primeira sequência didática realizada com a turma, ao término das aulas desenvolvidas durante a segunda sequência didática houve a realização da diagnose de escrita (Figura 31). Para esta diagnose, foram selecionadas palavras estudadas durante o período, sendo contextualizadas com a história “Escola de Chuva” e com as dificuldades ortográficas que foram trabalhadas nas atividades propostas na Sequência Didática 2, para a percepção do desenvolvimento da escrita dos estudantes.

**Figura 31 - Diagnose de escrita (terceira aplicação)**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A partir da análise da escrita dos estudantes nesta terceira aplicação, foi possível chegar ao seguinte resultado:

**Gráfico 12 - Terceira aplicação da diagnose de escrita dos estudantes**

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para analisar de forma qualitativa o desenvolvimento de escrita dos estudantes entre as duas avaliações de escrita propostas, será necessário observar na tabela abaixo.

**Tabela 1 - Primeira comparação dos níveis de escrita**

NÍVEIS DE ESCRITA	AVALIAÇÃO DE ESCRITA	
	Segunda Diagnose	Terceira Diagnose
Pré-Silábico	7%	11%
Silábico sem Valor Sonoro	7%	6%
Silábico com Valor Sonoro	7%	6%
Silábico-Alfabético	0	11%
Alfabético	50%	44%
Ortográfico	29%	22%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

É importante observar que os dados numéricos não respondem por si só, pois a análise dos dados desta pesquisa ocorreu através de uma abordagem qualitativa, sobre o

desenvolvimento da aprendizagem inicial da escrita dos estudantes a partir da contação das histórias propostas nas sequências didáticas realizadas. Quantitativamente, a primeira sequência didática (segunda diagnose) apresenta números melhores quanto ao processo de ensino e aprendizagem da língua escrita dos alfabetizandos, mas a professora pesquisadora observou que o interesse dos estudantes foi maior durante o desenvolvimento da primeira sequência didática. Analisando a Tabela 1, fica explícita a segurança e autoconfiança dos estudantes com relação ao conhecimento e escrita das palavras, apresentando maior número de acertos na avaliação diagnóstica.

O mesmo não ocorreu durante o desenvolvimento da segunda sequência didática (terceira diagnose), visto que foi sinalizado pela professora pesquisadora um desinteresse e, por conseguinte, uma frustração na participação dos estudantes nas atividades que eram propostas. Sendo assim, foi possível observar que livros literários infantis que despertam maior interesse dos estudantes tendem a promover uma melhor aprendizagem da língua escrita, pois os alfabetizandos demonstram uma participação mais ativa e, conseqüentemente, significativa a partir de temas de seu interesse.

#### **5.2.4 - Sequência Didática 3**

A terceira sequência didática proposta durante a pesquisa foi realizada com a escolha do livro literário infantil, que é considerado um clássico em turmas de alfabetização, “A cesta de Dona Maricota” de Tatiana Belinky (Figura 32). A princípio a professora pesquisadora não tinha a intenção de usar esta obra literária, havia a pretensão de seguir com textos em que os protagonistas fossem negros e/ou indígenas, para possibilitar uma identificação maior com os estudantes. Porém, devido ao não interesse consistente no livro apresentado na Sequência Didática 2, a professora ponderou que a utilização de um livro com a linguagem mais simples e com personagens originalmente inanimados, poderia engajar e despertar, novamente, o interesse dos estudantes.

**Figura 32 - Sequência Didática 3**

The figure shows a didactic sequence for the book "A Cesta de Dona Maricota" by Tatiana Belinky. It consists of several components:

- Book Cover:** The cover features the title "A CESTA de DONA MARICOTA" by TATIANA BELINKY, illustrated by Martinez. It shows a woman with glasses and a basket full of various fruits and vegetables.
- Worksheet 1 (Top Left):** A form for students to fill in their name and class. Below it, it says "ATIVIDADES DO LIVRO 'A CESTA DE DONA MARICOTA'".
- Worksheet 2 (Top Middle):** A worksheet titled "A CESTA DE DONA MARICOTA VOLTOU COM MAIS UM FRUTO! DE QUAL TIPO É O ALIMENTO QUE ELA COMEU?". It shows illustrations of a carrot, orange, cucumber, banana, lemon, and corn, each followed by a row of six empty circles for counting.
- Worksheet 3 (Top Right):** A worksheet titled "PREENCHE E DISTRIBUI: OS BASTOS DE ABAIXO DE ACORDO COM A QUANTIDADE". It shows three baskets labeled "FRUTOS", "LEGUMES", and "VERDURES" with empty boxes for writing the number of items.
- Worksheet 4 (Bottom Middle):** A worksheet titled "CLASSIFICAÇÃO DE FRUTOS E LEGUMES". It shows a grid of 10 items (strawberry, orange, cherry, grape, banana, blackberry, kiwi, apple, pear) numbered 1 through 10. Below the grid are 10 numbered lines for classification.
- Worksheet 5 (Bottom Right):** A worksheet titled "CLASSIFICAÇÃO DE ALIMENTOS". It shows a grid of 10 items (strawberry, orange, cherry, grape, banana, blackberry, kiwi, apple, pear) numbered 1 through 10. Below the grid are 10 numbered lines for classification.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

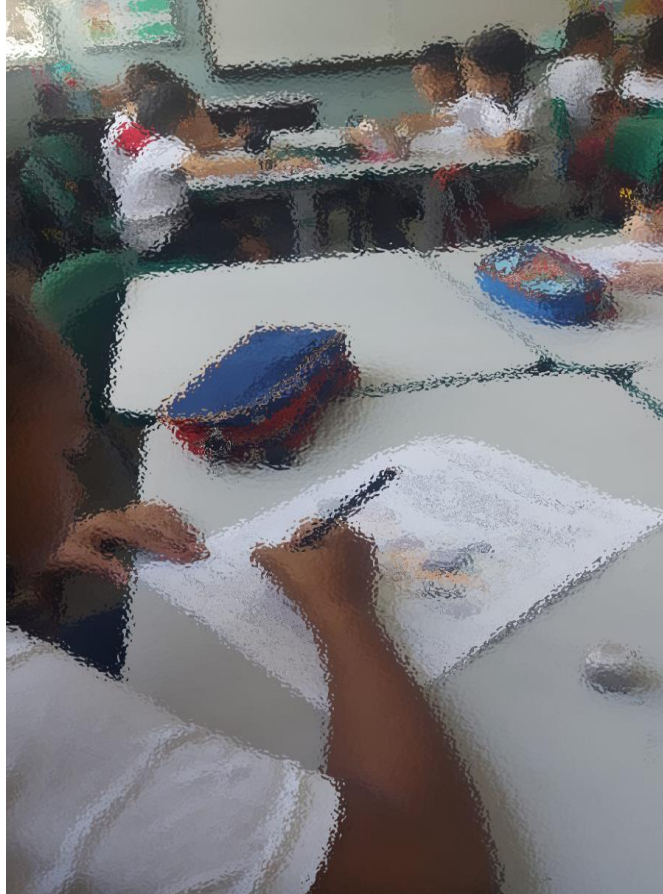
Ao mesmo tempo, na escola acontecia um projeto paralelo através das estagiárias do PIBID da Unirio, onde elas haviam trabalhado com os estudantes das séries maiores sobre a importância de uma alimentação saudável através do uso deste livro, o que contribuiu para que a professora pesquisadora escolhesse o mesmo. Havia uma cesta que foi produzida pelas estagiárias do PIBID e a mesma pôde ser utilizada nas aulas desenvolvidas a partir da Sequência Didática 3, como ponto de partida para as propostas didáticas que seriam desenvolvidas nesse período.

Para começar a Sequência Didática 3, a professora pesquisadora iniciou com a apresentação do livro que seria lido/ouvido por eles nas próximas aulas. Foi permitido que os estudantes manuseassem o livro e, em seguida, houve uma conversa com a turma sobre quais informações estavam presentes na capa do livro e o que eles pensavam sobre qual seria o assunto tratado na história. Neste momento, foi possível observar que os estudantes estavam mais atentos às informações contidas na capa do livro, visto que esta atividade foi realizada nas sequências didáticas anteriores.

Após o momento de conversa e escuta dos estudantes, foi realizada a primeira atividade proposta na sequência didática, na qual os estudantes deveriam localizar e identificar as informações explícitas dos elementos da capa do livro (Figura 33), sendo eles: autora, ilustrações, editora e título. Além de desenvolverem de forma coletiva uma lista com palavras que nomeassem o que aparecia na capa do livro, podendo ser elementos verbais e não verbais (Figura 34). Durante a realização dessa atividade coletiva, pôde ser explorado, de forma oral,

alguns estímulos defendidos por Moraes (2012) como: a contagem das sílabas das palavras listadas, identificação de palavras que iniciem com a mesma sílaba e/ou letra, a produção de palavras iniciadas ou terminadas com a mesma sílaba e exploração sonora de rimas.

**Figura 33 - Exploração da capa do livro “A cesta de Dona Maricota”**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 34 - Primeira atividade de escrita da Sequência Didática 3**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ao longo do prosseguimento das atividades elaboradas na Sequência Didática 3, foi possível perceber que os estudantes demonstraram empolgação em continuar ouvindo a história

que estava sendo contada pela professora pesquisadora. Acredita-se que a animação na participação dos estudantes foi devido ao apelo lúdico da literatura selecionada, pois os vegetais, legumes e frutas eram personagens com características humanas, que falavam coisas engraçadas aos ouvidos da turma.

De acordo com Bettelheim (2002), a identificação das crianças com o animismo de personagens nos livros se dá por várias razões. Primeiramente, esses personagens muitas vezes simbolizam aspectos do desenvolvimento psicológico e emocional das crianças. Por exemplo, objetos que ganham vida podem representar o desejo infantil de dar sentido e ordem ao mundo ao seu redor. Além disso, o animismo dos alimentos na história poderia refletir os desejos e as dúvidas das crianças, permitindo-lhes explorar e resolver essas questões em um ambiente seguro e controlado como a escola.

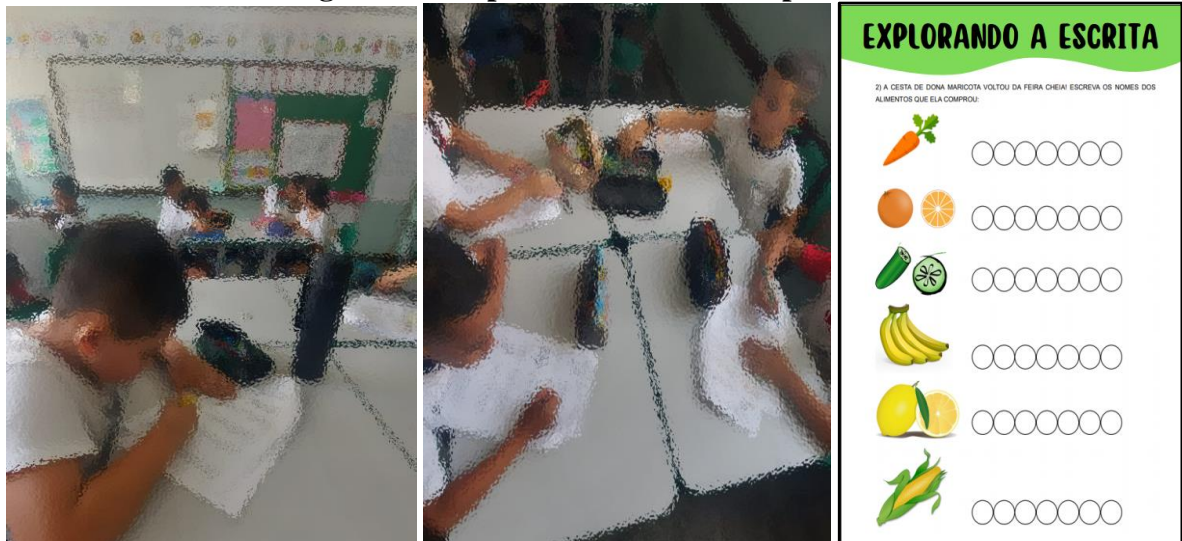
Uma das evidências sobre a melhor participação e envolvimento dos estudantes nesse período foi, novamente, a busca pela leitura dos livros que estavam disponíveis na sala de aula, nos momentos em que os estudantes terminavam a atividade proposta ou quando retornavam de outras aulas (Figura 35).

**Figura 35 - Leitura livre**

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Dentre as atividades propostas neste período (ditado, autoditado, escrita coletiva de frases, entre outras) houve o estímulo autônomo dos estudantes em escreverem palavras através da localização de quantidade de letras e organização dos grafemas em círculos ao lado da imagem (Figura 36). Tais propostas pedagógicas são fundamentadas por Soares (2016, p.124) ao afirmar que “para aprender a ler e a escrever, é necessário que o aprendiz volte a sua atenção para os sons da fala, e tome consciência das relações entre eles e sua representação gráfica”.

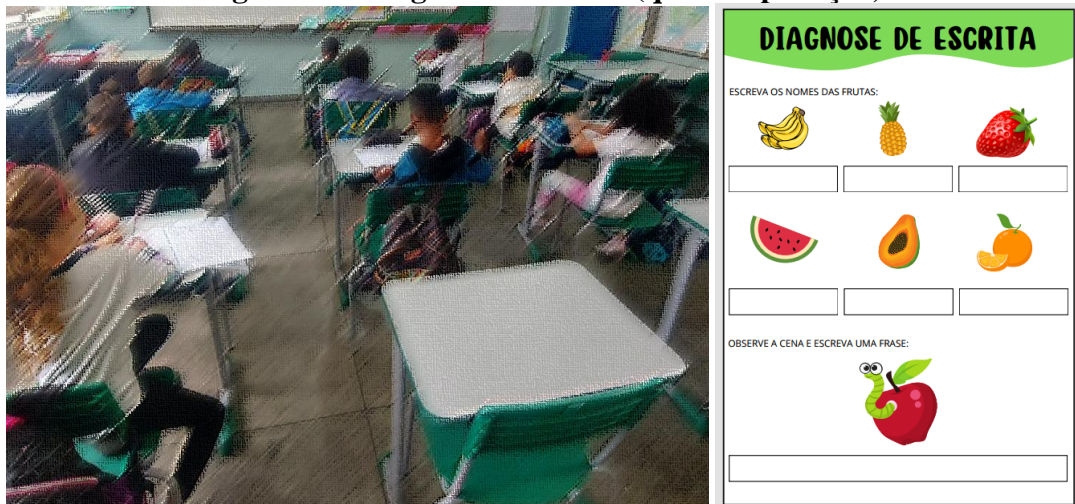
**Figura 36 - Explorando a escrita de palavras**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

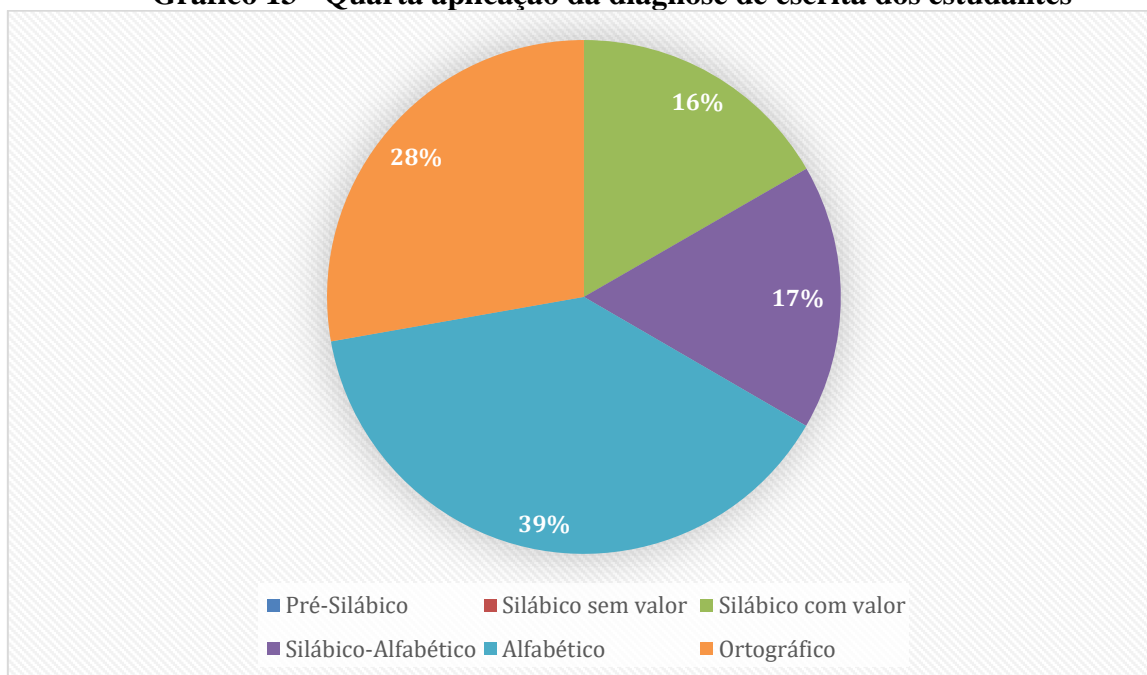
Ao término da realização de todas as atividades propostas na Sequência Didática 3 foi realizada a avaliação de escrita dos estudantes, conforme pode ser observado na Figura 37.

**Figura 37 - Diagnóstico de escrita (quarta aplicação)**



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A partir da análise da escrita dos estudantes nesta quarta aplicação, foi possível chegar ao seguinte resultado apresentado no gráfico a seguir.

**Gráfico 13 - Quarta aplicação da diagnose de escrita dos estudantes**

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao observar o Gráfico 13 é possível compreender que o desenvolvimento da escrita dos estudantes foi positivo, pois a partir da realização de três sequências didáticas não houve nenhum estudante estacionado nos níveis de escrita mais iniciais, que são o Pré-Silábico e o Silábico sem valor sonoro. Ambos os níveis de escrita são característicos de estudantes recém-chegados da Educação Infantil e costumam ser um dos grandes desafios dos professores alfabetizadores, ao longo do 1º ano do Ensino Fundamental, superar estes níveis de escrita durante o processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ressaltar aqui que no grupo de estudantes participantes desta pesquisa não foram considerados os dados, para a análise, dos estudantes público-alvo da Educação Especial. O estudante participou da realização das atividades, mas seu desenvolvimento de escrita não foi utilizado junto aos outros para gerar os dados aqui examinados, conforme já havia sido descrito na parte de metodologia desta pesquisa.

Ao tratar os dados gerados nesta pesquisa, fica evidente que usar a contação de histórias para envolver os estudantes no processo de ensino e aprendizado da escrita é um caminho viável e pode ser prazeroso, mas como na educação e, principalmente, no processo de alfabetização não há uma forma única e inquestionável para o ensino é importante que o professor alfabetizador mantenha seu planejamento flexível aos interesses demonstrados pelos estudantes durante as atividades que propõe. A relação entre oralidade, aqui posta através da contação de

histórias, e a escrita se confirma para estimular o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita na alfabetização dialogando com os estudos de Soares (2016, p.124) ao declarar que:

[...] para compreender e produzir textos, é necessário que a atenção se volte para o texto escrito, as peculiaridades estruturais e linguísticas que o distinguem do texto oral. Ou seja: para aprender a ler e a escrever, e para se tornar um leitor e um produtor de textos competente, o aprendiz precisa desenvolver a *consciência metalinguística*<sup>5</sup>, entendida não só como a capacidade de ouvir a língua, mas entendida também como capacidade de refletir sobre o texto escrito, sua estrutura e organização, suas características sintáticas e contextuais.

Além disso, ao examinarmos a comparação das três aplicações diagnósticas de escrita (Tabela 2) realizadas ao término das sequências didáticas, fica evidente que quanto maior o interesse e identificação dos estudantes pela história que está sendo lida/ouvida, maior é a possibilidade de melhoria no desempenho da turma na aprendizagem da língua escrita. Pois, segundo Ferreiro e Teberosky (1986) a escrita alfabética é atingida pelo estudante através da compreensão de que cada uma das letras do alfabeto corresponde a valores sonoros que são menores que as sílabas e quando o mesmo realiza, constantemente, um reconhecimento sonoro dos fonemas das palavras que irá escrever.

**Tabela 2 - Segunda comparação dos níveis de escrita**

NÍVEIS DE ESCRITA	AVALIAÇÃO DE ESCRITA		
	Segunda Diagnose	Terceira Diagnose	Quarta Diagnose
Pré-Silábico	7%	11%	0
Silábico sem Valor Sonoro	7%	6%	0
Silábico com Valor Sonoro	7%	6%	16%
Silábico-Alfabético	0	11%	17%
Alfabético	50%	44%	39%
Ortográfico	29%	22%	28%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

É seguro afirmar que a dificuldade que os alfabetizandos demonstram na aprendizagem da língua escrita se difere da facilidade com que aprendem a língua oral, visto que, como afirma

<sup>5</sup> De acordo com Magda Soares (2020, p.125) é a capacidade de se apropriar da língua como objeto de reflexão e análise, dissociando-a de seu uso habitual como meio de interação. Afirma ainda que é fundamental para a aprendizagem da língua escrita.

Soares (2020, p.168) “a escrita exige consciência de atividade, o que não ocorre na fala”. A autora defende a necessidade de ensinar através do desenvolvimento, concomitante, da escrita alfabética, com a consciência fonológica e o conhecimento das letras, para que haja uma efetiva aprendizagem da língua escrita.

Durante a elaboração das atividades propostas na construção das sequências didáticas aplicadas na pesquisa, foram utilizadas tarefas que, segundo Soares (2016), contribuem para o desenvolvimento da consciência fonêmica, são elas: o destaque, inicial ou final, do fonema de uma palavra; a identificação de um mesmo fonema em diferentes palavras; a diferenciação de um fonema em meio a palavras semelhantes; a união de fonemas apresentados separadamente para a formação de palavras e a retirada de um fonema de uma palavra na intenção de gerar outra. Há uma relação de reciprocidade entre alfabetização e consciência fonêmica, pois quanto maior o nível de consciência fonêmica, melhor é o desempenho no processo de alfabetização da língua escrita.

Os resultados positivos da aplicação das sequências didáticas refletiram não apenas uma melhoria na habilidade de escrita, mas também um enriquecimento dos alunos na capacidade de expressar ideias de forma mais clara e criativa. Este progresso das crianças é uma demonstração do benefício do uso de narrativas como ferramenta pedagógica, capaz de engajar os alunos e estimular o desenvolvimento cognitivo e a criatividade. Nesta pesquisa, a contação de histórias revelou-se um recurso valioso no processo de alfabetização, contribuindo significativamente para a formação dos estudantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho gerou contribuições em três principais linhas teóricas, são elas: aprofundamento nas discussões acerca dos conceitos de alfabetização e letramento (Soares, 2016, 2020), promoção de elucidações sobre o processo de ensino e aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabético (Morais, 2012) e produção de reflexões sobre as contribuições do uso da contação de histórias para a alfabetização (Busatto, 2012 e Sisto, 2005).

A primeira contribuição teórica da pesquisa trata-se da perspectiva do entrelaçamento de práticas de alfabetização e letramento de forma concomitante. Segundo Soares (2020) o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização não ocorre sem que haja práticas de letramento. Esta pesquisa consolida e avança nesta teoria a partir do momento em que os dados obtidos através de práticas de letramento contribuíram para o desenvolvimento da aprendizagem inicial da língua escrita, um dos pilares da alfabetização.

A segunda contribuição teórica sobressai-se pela perspectiva da pesquisa, que enfatiza a relevância do planejamento pedagógico no ensino da língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente, nas turmas de alfabetização. Moraes (2012) enfatiza que a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabético precisa ser realizada em ambiente escolar e de forma intencional, diferente do processo de aprendizagem inicial da leitura que pode ocorrer de forma menos organizada e sistemática. Este trabalho ressalta a necessidade de haver um planejamento e o desenvolvimento de práticas que contribuam para a efetiva aprendizagem da língua escrita, que não é um processo natural, precisa ser ensinado.

A terceira contribuição teórica evidencia-se na produção de reflexões acerca do uso da prática de contação de histórias como metodologia para o desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita na alfabetização. Com base no suporte teórico de Busatto (2012), a pesquisa revelou que o uso de literatura infantil, através da prática de contação de histórias realizada pela docente, tornou as aulas mais atrativas e dinâmicas. Foi observado que a seleção de temas de maior interesse do grupo ao qual as atividades foram propostas foi um fator que interferiu positivamente na participação dos estudantes neste processo, resultando em um avanço no desenvolvimento da escrita dos alfabetizandos. A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa é possível observar três principais contribuições práticas, são elas: o planejamento e a estruturação de sequências didáticas, a integração da leitura do livro infantil nas atividades propostas no processo de ensino e aprendizagem e as intervenções didáticas estratégicas que têm um papel crucial no ensino da língua escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

A primeira contribuição prática proposta nesta pesquisa refere-se à organização e ao planejamento docente de sequências didáticas. A explicação mais clara e objetiva desse processo encontra-se no Produto Educacional elaborado ao longo dessa pesquisa. Demonstrou-se de grande relevância para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização, o investimento em tempo de planejamento e as orientações fornecidas nas atividades didáticas, que contribuem com os docentes na aplicação dessas sequências didáticas em sala de aula.

A segunda contribuição prática desta pesquisa incide na estruturação temporal e metodológica do uso da contação de histórias na sala de aula, visando proporcionar maior envolvimento e participação ativa dos estudantes inseridos neste processo de aprendizagem inicial da alfabetização, com foco na língua escrita. Para iniciar este processo, é importante identificar os temas que despertam maior interesse do público, os alfabetizandos, ao qual será proposta a contação de histórias. A partir daí, deve-se planejar as pausas, repetições e intervenções que deverão ser realizadas durante a narração, não esquecendo que o planejamento deve ser flexível e aberto às indagações e interações dos estudantes.

A terceira contribuição prática da pesquisa manifesta-se através da aplicação do *E-book* Didático-Pedagógico, que é um dos resultados deste trabalho, que oferece atividades e intervenções pedagógicas para o desenvolvimento da escrita dos estudantes que estão no processo inicial de alfabetização. A aplicação deste e-book em sala de aula orientou a revisão e aprimoramento das atividades e diretrizes do produto educacional. As atividades foram elaboradas de forma que pudessem ser replicadas e adaptadas por professores alfabetizadores. Forneceu-se orientações iniciais aos docentes sobre como elaborar e/ou aplicar uma sequência didática a fim de proporcionar o aprendizado significativo da escrita dos estudantes.

As limitações apresentadas durante a pesquisa foram: 1) os participantes deste trabalho são estudantes constituintes de uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal do Rio de Janeiro, um grupo específico para o estudo de caso proposto; 2) a reduzida participação das professoras alfabetizadoras que fazem parte da equipe docente da escola onde ocorreu a pesquisa; 3) o período em que houve a aplicação das sequências didáticas e das sondagens de escrita, foi um período mais curto do que o previsto inicialmente, devido aos atrasos nos processos burocráticos para a aprovação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa, consequentemente isso gerou resultados limitados quanto ao diagnóstico do desenvolvimento de escrita dos estudantes.

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de compreender de que maneiras a prática de contação de histórias interfere no desenvolvimento do processo de ensino e

aprendizagem da língua escrita, em uma turma de alfabetização. De acordo com os objetivos específicos que foram traçados para este trabalho foi possível constatar através da análise dos dados que o uso adequado da literatura infantil na contação de histórias, como prática docente permanente nas séries de alfabetização, contribui com a aprendizagem inicial da língua escrita e evidencia uma maior participação dos estudantes nas aulas.

Inicialmente na pesquisa houve a identificação das estratégias mais utilizadas por professores alfabetizadores no intuito de desenvolver a escrita dos alfabetizandos. Um *E-book* Didático Pedagógico foi produzido contendo orientações para o docente e sequências de atividades relacionadas a livros literários infantis. Esse material educativo é o Produto Educacional oriundo desta pesquisa. Realizou-se a aplicação do material didático desenvolvido e proposto na pesquisa, que foi revisado e aprimorado ao longo do trabalho. Por último, foi realizada a análise dos dados por meio das avaliações diagnósticas da escrita dos estudantes de forma inicial e contínua para acompanhar todo o processo de aprendizagem da escrita (ver Tabela 3), que proporcionaram reflexões acerca dos resultados obtidos.

**Tabela 3 - Acompanhamento das Avaliações Diagnósticas de Escrita**

NÍVEIS DE ESCRITA	AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE ESCRITA			
	Primeira Diagnose	Segunda Diagnose	Terceira Diagnose	Quarta Diagnose
Pré-Silábico	11%	7%	11%	0
Silábico sem Valor Sonoro	17%	7%	6%	0
Silábico com Valor Sonoro	17%	7%	6%	16%
Silábico-Alfabético	22%	0	11%	17%
Alfabético	33%	50%	44%	39%
Ortográfico	0	29%	22%	28%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Esses resultados indicaram que é preciso promover maior conhecimento de estratégias didáticas que envolvam a prática de contação de histórias nas aulas de turmas de alfabetização, de forma planejada, organizada e sistemática em busca de melhoria no desempenho da

aprendizagem da língua escrita. Identificamos que é essencial estabelecer diálogos entre os resultados empíricos e os referenciais teóricos, na busca por embasamento teórico consistente para sustentar as práticas pedagógicas relacionadas à contação de histórias no desenvolvimento da escrita.

Quanto à metodologia estipulada para a realização desta pesquisa foi possível perceber que o estudo de caso se mostrou adequado, uma vez que investigamos situações de aprendizado das crianças, no qual os comportamentos não podem ser manipulados, a pesquisa buscou explorar as dimensões causais desses fenômenos em uma situação de vida real. Já em relação às etapas da pesquisa escolheu-se dividi-la em duas partes: a primeira quanto à aplicação do questionário semiestruturado que pretendia coletar informações para contribuir na elaboração do material didático e a segunda quanto a realização do acompanhamento e desenvolvimento das sequências didáticas com a turma participante para o monitoramento da escrita dos estudantes.

Apesar dos desafios que ocorreram neste processo, foi possível gerar dados suficientes para a realização da análise que foi proposta aqui, considerando as limitações mencionadas anteriormente. De forma conjunta, as evidências apontam que, enquanto profissionais da educação, é de nossa responsabilidade garantir que a aprendizagem da língua escrita aconteça de forma efetiva e igualitária. Fato este que tem significativas implicações para a área da alfabetização, do letramento, das linguagens e da educação básica inicial.

Essas descobertas avançam nas discussões acerca dos procedimentos e metodologias para a alfabetização e o letramento nos anos iniciais do ensino fundamental e evidenciam a importância de inserir a contação de histórias como prática pedagógica regular. A replicação empírica do material didático e/ou a sua adaptação produzida nesta pesquisa e/ou a sua adaptação em outras instituições de ensino, poderá contribuir para o aprimoramento das práticas metodológicas de ensino da escrita, proporcionando um ambiente mais motivador e significativo para os estudantes.

Apesar dos avanços obtidos nesta pesquisa é necessário ressaltar a necessidade de novas investigações nesse campo, uma vez que alcançamos resultados a nível exploratório e limitado a um grupo específico. Pois, como afirma Soares (2016) pouco se sabe sobre como diferentes ações mediadoras podem contribuir para o avanço da escrita e as habilidades iniciais relacionadas a ela. Torna-se fundamental que estudos e pesquisas sobre a contação de histórias e a exploração da oralidade, de forma regular na sala de aula de turmas de alfabetização, continuem a ser realizados e que isto tenha um reflexo na formação docente inicial e continuada,

para que os professores alfabetizadores consigam promover de forma qualitativa o ensino da língua escrita.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: A formação do leitor: alternativas. **Metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- BAPTISTA, Mônica Correia. As Crianças e o Processo de Apropriação da Linguagem Escrita: Consensos e Dissensos nos Campos da Alfabetização e da Educação Infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 15-32, 24 mar. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994. 230 p.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução N° 466 de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, n. 12, p. 59, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. 7. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 2002.
- CARTAXO, Simone Regina Manosso; FONTANA, Maria Iolanda; SMAIOTTO, Giselle Cristina. As facetas da alfabetização nos cursos de Pedagogia: desafios para a formação do professor. **Currículo sem fronteiras**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 1126-1147, set./dez., 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Simone-Cartaxo-2/publication/348925087\\_As\\_Facetas\\_da\\_Alfabetizacao\\_nos\\_Cursos\\_de\\_Pedagogia\\_desafios\\_para\\_a\\_formacao\\_do\\_professor/links/60188416a6fdcc071bac2752/As-Facetas-da-Alfabetizacao-nos-Cursos-de-Pedagogia-desafios-para-a-formacao-do-professor.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Simone-Cartaxo-2/publication/348925087_As_Facetas_da_Alfabetizacao_nos_Cursos_de_Pedagogia_desafios_para_a_formacao_do_professor/links/60188416a6fdcc071bac2752/As-Facetas-da-Alfabetizacao-nos-Cursos-de-Pedagogia-desafios-para-a-formacao-do-professor.pdf). Acesso em: 07 ago. 2023.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- ESCRITA COLETIVA NA ALFABETIZAÇÃO. *In*: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-coletiva-na-alfabetizacao>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- ESCRITA ESPONTÂNEA. *In*: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-espontanea>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- FERREIRO, Emilia. Deve-se ou não se deve ensinar a ler a escrever na pré-escola? Um problema mal colocado. *In* FERREIRO, Emilia. **Reflexão sobre alfabetização**. 18. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. p. 96- 103.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: Editora Senac, 2019.

FREITAS, Orozina Cândida de; DIAS, Tatiane Lebre. **Desenvolvimento humano e aprendizagem**: por uma compreensão desses percursos na cultura e na ação educativa. *In*: GRANDO, Beleni Saléte. (org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 95-110.

GÊNEROS LITERÁRIOS PARA CRIANÇAS. *In*: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/generos-literarios-para-criancas>. Acesso em: 13 jan. 2024.

GONÇALVES, Silvana; LIMA, Edilma Machado de. **A contação de história como recurso para a alfabetização**. SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UERGS (SIEPEX), 10., v. 1, 2021, [s. l.]. Disponível em: <http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/article/view/3630/746>. Acesso em: 07 ago. 2022.

LUCENA, Hillka Bragante. **As contribuições da literatura infantil e da contação de história para o processo de alfabetização das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17893/1/HBL13082020.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PALMA, Victor Flávio Alves; COELHO, Maria Teresa Barros Falcão. Formação de Professores Contadores de Histórias Através das Mídias Sociais. *In*: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 7., 2020, [s. l.]. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO\\_EV150\\_MD1\\_SA101\\_ID2730\\_30092021222509.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA101_ID2730_30092021222509.pdf). Acesso em 08 jul. 2023.

PIMENTA, Paula. Educação busca superar os estragos da pandemia. **Agência senado**, Brasília, p. sem página, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/educacao-busca-superar-estragos-da-pandemia>. Acesso em: 15 maio 2022.

ORALIDADE. *In: Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em: 13 jan. 2024.

ORALIDADE E ESCRITA. *In: Glossário Ceale*: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2024, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade-e-escrita>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PEDRAÇA, Ardélia Silva et al. A Importância da Contação de História no Ensino-Aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], p. 06–57, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2114>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SHIRLEI Barros Canto; SONCO, Cláudia Hernandez Barreiros; MOREIRA, Helena Maria Alves. A alfabetização na perspectiva freiriana: práticas ressignificadas. **@rquivo Brasileiro de Educação**, v. 9, n. 18, p. 354-375, 23 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/27515>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVA, Andrea Alves da; CARVALHO, Elivane Lacerda C.; ROCHA, Ana Paula de Araújo. As contribuições da contação de história e da literatura no processo de alfabetização. *In: ANAIS DO SIMPÓSIO DE TCC, DAS FACULDADES FINOM E TECSOMA*, 2., 2020. Patos de Minas: 2020. p. 303- 315. Disponível em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202101280801175.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WILWERT, Maria Lucia; SILVA, Solange Maria da; FADEL, Luciane Maria; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. Revisão sistemática de estudos sobre a contação de história (storytelling) como facilitador da aprendizagem no ensino fundamental. **Cadernos de Educação**. Santa Catarina, n. 65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.15915>. Acesso em: 06 ago. 2023.

## APÊNDICE A – TCLE PARA PROFESSORES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPPII



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa denominada DA ORALIDADE À ESCRITA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) e que diz respeito a um(a) trabalho de dissertação de mestrado.

**1. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é compreender as estratégias de desenvolvimento da escrita na alfabetização a partir da contação de histórias.

**2. PROCEDIMENTOS:** sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário, que foi elaborado pela pesquisadora Niele Rosa Pereira da Silva, para obter informações sobre práticas de alfabetização utilizadas por você no desenvolvimento da escrita dos alunos. O questionário estará disponível através do *Google Forms* e será enviado pelo *WhatsApp*, para que possa respondê-lo quando for melhor para você.

**3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar algum tipo de constrangimento ao responder as perguntas do questionário ou pelo fato das respostas dadas gerarem dados para a pesquisa. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não obrigatoriedade de participação na pesquisa, havendo a possibilidade de, a qualquer momento, desligar-se da mesma. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: contribuir com informações relevantes que proporcionem o maior envolvimento e participação dos alunos nas aulas através da contação de histórias, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento e avanço da escrita dos alunos inseridos no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização.

**4. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. O(a) pesquisador(a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

**5. LIBERDADE DE RECUSA:** a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

**6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

**7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES:** você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação,  
Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão –  
Rio de Janeiro, CEP 29921-903  
TEL: 21 3891-0020 – Email: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)  
Site : <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/>



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Niele Rosa Pereira da Silva pelo telefone (21) 979024774 ou pelo e-mail: nielerosa@yahoo.com.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: __/__/__
-------------------------------	----------------

Eu, Niele Rosa Pereira da Silva obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: __/__/__
---------------------------------	----------------

## APÊNDICE B – Questionário Semiestruturado - Professores

# Contribuições de Professores Alfabetizadores

Querid@ Professor@,

Agradeço pela disponibilidade em responder a este questionário que contribuirá para minha pesquisa de mestrado. A pesquisa em andamento "DA ORALIDADE À ESCRITA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO" propõe a elaboração de um material didático que servirá de apoio aos professores alfabetizadores durante suas aulas, na busca pelo desenvolvimento da escrita dos alunos.

Sua participação é muito importante!

Agradeço a colaboração e...vamos lá?!

\* Indica uma pergunta obrigatória

---

1. 1) Em qual categoria você se encontra? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Regente do 1º ano.
- Regente do 2º ano.
- Regente do 3º ano.
- Outro: \_\_\_\_\_

2. 2) Qual é a sua formação? (Pode marcar mais de uma opção) \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Formação de Professores (Nível Médio ou Pós-Médio).
- Graduação em Pedagogia.
- Graduação em Licenciatura de Letras.
- Pós-Graduação na área de Educação.
- Outro: \_\_\_\_\_

3. 3) Há quanto tempo atua em sala de aula? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 2 anos.
- De 2 a 5 anos.
- De 6 a 10 anos.
- Mais de 10 anos.
- Outro: \_\_\_\_\_

4. 4) Há quanto tempo atua nesta escola (*local da pesquisa*)?

*Marcar apenas uma oval.*

- Há menos de 1 ano.
- De 1 a 5 anos.
- De 6 a 10 anos.
- Mais de 10 anos.

5. 5) O que lhe motivou a trabalhar com alfabetização? \*

---

---

---

---

---

6. 6) Em relação a aprendizagem dos estudantes, que observações você faz acerca do retorno das aulas presenciais após o período de isolamento social, devido a pandemia da Covid-19? \*

---

---

---

---

---

7. 7) Qual é a sua opinião a respeito da inclusão de livros literários na alfabetização? \*

---

---

---

---

---

8. 8) O que faz parte da rotina de sua sala de aula? (*Pode marcar mais de uma opção*) \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Chamada/Chamadinha.  
 Calendário (dia, mês, ano, como está o tempo? etc.)  
 Contagem de alunos (presentes e faltosos).  
 Leitura literária (livros infantis, poesias, fábulas etc.).  
 Organização do caderno (cabeçalho, "para casa").  
 Correção da atividade de casa.  
 Outro: \_\_\_\_\_

9. 9) Que estratégias você utiliza para motivar a participação dos alunos nas atividades propostas? \*

---

---

---

---

---

10. 10) Quais são os tipos de texto mais usados por você durante em sala de aula? (Pode marcar mais de uma opção) \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Receitas, manuais e regras de jogos.
- Gráficos e tabelas.
- Biografias e notícias.
- Contos, poemas e fábulas.
- Parlendas, lendas e letra de música.
- Carta e bilhete.
- Outro: \_\_\_\_\_

11. 11) Como são realizados os planejamentos de suas aulas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Individualmente.
- Com meu(s) par(es).
- Outro: \_\_\_\_\_

12. 12) Você tem o hábito de contar histórias na sala de aula? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim.
- Não.

13. 13) Caso tenha respondido SIM na questão anterior: com que frequência?

*Marcar apenas uma oval.*

- Diariamente.
- Semanalmente.
- Mensalmente.
- Outro: \_\_\_\_\_

14. 14) Que estratégias e/ou recursos você usa para desenvolver a escrita dos alunos? \*

---

---

---

---

---

15. 15) Ao identificar que o aluno encontra-se estagnado em um nível de escrita, silábico ou pré-silábico, o que faz para promover o avanço? \*

---

---

---

---

---

16. 16) Na sua opinião, existe relação entre a contação de histórias e o processo de ensino aprendizagem da alfabetização? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim.
- Não.

17. 17) Acredita que seja possível desenvolver a escrita através da contação de histórias em sala de aula? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim.

Não.

18. 18) Agora é a sua vez!

Se puder, compartilhe uma prática pedagógica que você considere ter sido bem sucedida, em sua sala de aula, para o avanço da escrita dos alunos:

---

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE C - TCLE PARA OS RESPONSÁVEIS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL LEGAL

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar a sua autorização para o(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ participar como voluntário(a) da pesquisa denominada **DA ORALIDADE À ESCRITA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO**, realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II e que diz respeito a um(a) trabalho de dissertação de mestrado. A pesquisa será realizada pela professora da turma, Niele Rosa Pereira da Silva, na Escola Municipal Francisco Alves.

**1. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é compreender as estratégias de desenvolvimento da escrita na alfabetização a partir da contação de histórias.

**2. PROCEDIMENTOS:** a forma de participação do(a) aluno(a) consistirá em, ao aceitar a participação na pesquisa, permitir que imagens e falas da criança no processo de desenvolvimento da alfabetização sejam registrados para gerar dados e contribuir com elaboração de atividades e aplicação de estratégias que serão usadas em sala de aula, para melhorar a sua escrita. Além disso, o(a) aluno(a) participará de atividades diagnósticas de escrita durante todo o ano letivo, para que seja possível acompanhar a sua evolução.

**3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco é mínimo, não-físico, associado a possíveis constrangimentos no registro das aulas e na participação de rodas de conversa sobre os livros literários que serão usados. É importante ressaltar que haverá o esclarecimento prévio aos alunos de todo o processo da pesquisa. Para minimizar esses riscos, o(a) aluno(a) não será obrigado a participar da pesquisa e, a qualquer momento, pode desligar-se da mesma. Por outro lado, a participação na pesquisa pode gerar benefícios para todos os participantes, como: a contação de histórias, de forma lúdica e divertida, durante as aulas pode proporcionar o maior envolvimento dos alunos nas atividades propostas pela professora e, com isto, contribuir com o avanço de sua escrita e evolução na alfabetização.

**4. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do(a) menor será respeitada e o nome dele(a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. O(a) pesquisador(a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

**5. LIBERDADE DE RECUSA:** a participação do(a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele(a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o(a) menor saia da pesquisa ele(a) não sofrerá qualquer prejuízo.

**6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do(a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903  
TEL: 21 3891-0020 – Email: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)  
Site : <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/>

Rubrica Pesquisador: \_\_\_\_\_  
Rubrica participante: \_\_\_\_\_



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CP II



**7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES:** você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Niele Rosa Pereira da Silva pelo telefone (21) 979024774 ou pelo e-mail: [niclerosa@yahoo.com.br](mailto:niclerosa@yahoo.com.br). Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CP II), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)

**CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo com a participação do(a) menor \_\_\_\_\_ na pesquisa.

Assinatura do(a) responsável /representante legal	Data: __/__/__
---	----------------

Eu, Niele Rosa Pereira da Silva obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do (a) responsável /representante legal pelo (a) menor participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: __/__/__
---------------------------------	----------------

## APÊNDICE D – TALE PARA OS ALUNOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPPII



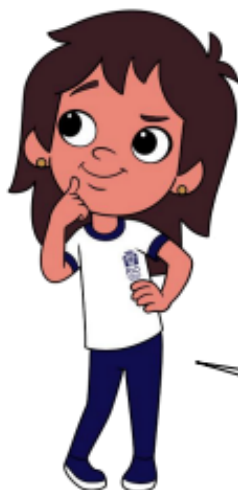
### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CRIANÇAS DE 6 A 9 ANOS)

OLÁ, CRIANÇA!

VOCÊ É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS, POR ISSO VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO(A) PARA PARTICIPAR DA PESQUISA “DA ORALIDADE À ESCRITA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO”. ESTA PESQUISA SERÁ REALIZADA PELA PROFESSORA NIELE ROSA, COM A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA GISELE DOS SANTOS, NA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO ALVES.



O QUE É PESQUISA? PARA QUÊ?



QUEREMOS SABER QUE ATIVIDADES PODEM AJUDAR A MELHORAR A SUA ESCRITA ATRAVÉS DE LIVROS E CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS.

DURANTE A PESQUISA, VOCÊ IRÁ PARTICIPAR DE CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS FEITAS POR SUA PROFESSORA, FAZER ATIVIDADES DE ESCRITA E RODAS DE CONVERSA COM SEUS COLEGAS DE TURMA. NÓS VAMOS USAR OS MATERIAIS ESCOLARES QUE JÁ TEM EM SUA SALA DE AULA!

E SE EU ESTIVER COM DÚVIDAS?

ISTO NÃO SERÁ UM PROBLEMA!

O USO DE ATIVIDADES DE ESCRITA E RODAS DE CONVERSA É CONSIDERADO SEGURO, MAS VOCÊ FICAR COM DÚVIDAS OU SENTIR-SE ENVERGONHADO(A) EM UMA OU MAIS ATIVIDADES, VOCÊ PODE PROCURAR A SUA PROFESSORA, NIELE ROSA, PELO TELEFONE (21) 979024774.



Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903  
TEL: 21 3891-0020 – Email: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)  
Site : <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/>

Rubrica Pesquisador: \_\_\_\_\_

Rubrica participante: \_\_\_\_\_



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
COLÉGIO PEDRO II  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



MAS HÁ COISAS MUITO BOAS QUE  
PODEM ACONTECER, POIS ESSA  
PESQUISA PODERÁ CONTRIBUIR PARA  
MELHORAR A SUA ESCRITA E DEIXAR  
AS AULAS MAIS INTERESSANTES COM  
A CONTACÃO DE HISTÓRIAS!



SE VOCÊ NÃO QUISER PARTICIPAR DESTA PESQUISA, NINGUÉM FICARÁ CHATEADO, A **ESCOLHA É SUA!** PENSE E CONVERSE COM SEUS RESPONSÁVEIS SOBRE ISSO E FALE DEPOIS. VOCÊ TEM O TEMPO QUE PRECISAR PARA ISSO. TAMBÉM PODE CONVERSAR COM A PESQUISADORA, QUE É SUA PROFESSORA, QUANDO QUISER! ELA RESPONDERÁ TODAS AS SUAS DÚVIDAS, EM QUALQUER MOMENTO.



VOCÊ NÃO TERÁ QUE PAGAR NADA PARA PARTICIPAR DA PESQUISA E NÃO RECEBERÁ NENHUM DINHEIRO. NINGUÉM VAI SABER QUE VOCÊ ESTÁ PARTICIPANDO DA PESQUISA, NÃO FALAREMOS A OUTRAS PESSOAS, NEM DAREMOS A ESTRANHOS AS SUAS INFORMAÇÕES. OS RESULTADOS DA PESQUISA SERÃO PUBLICADOS, MAS SEM IDENTIFICAR AS PESSOAS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA.

#### ASSENTIMENTO

Eu \_\_\_\_\_ li este termo e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
-------------------------------	-------------------

Eu, Niele Rosa Pereira da Silva obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a).	Data: ___/___/___
----------------------------------	-------------------

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação,  
Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão –  
Rio de Janeiro, CEP 29921-903  
TEL: 21 3891-0020 – Email: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)  
Site : <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcepii/>

## APÊNDICE E – Diagnose Inicial de Escrita

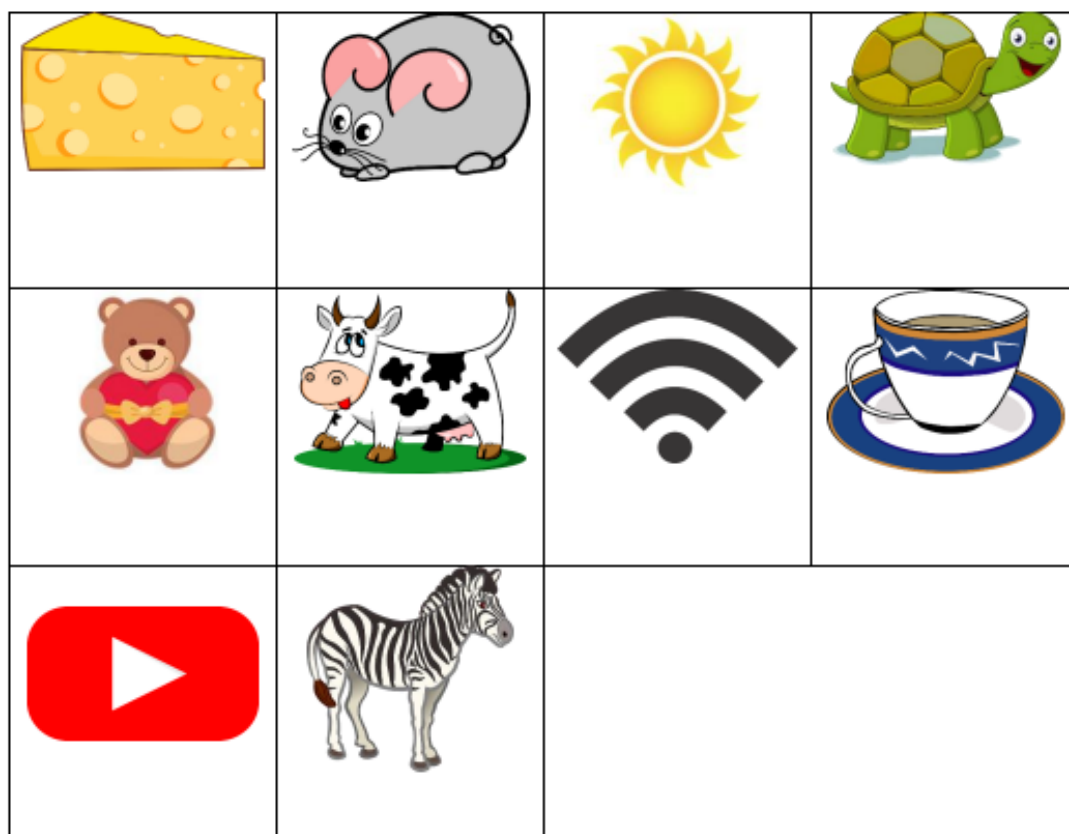
### AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE ESCRITA

MEU NOME É \_\_\_\_\_

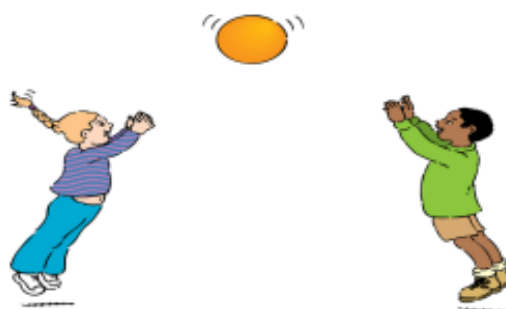
1) ESCREVA OS NOMES DAS FIGURAS:



\*Todas as imagens foram retiradas do site <https://pixabay.com/pt/>



2) VEJA A CENA E ESCREVA UMA FRASE:



\*Todas as imagens foram retiradas do site <https://pixabay.com/pt/>

## APÊNDICE F - Sequência de Atividades “O Pequeno Príncipe Preto”

**EXPLORANDO A CAPA DO LIVRO**



**TÍTULO DO LIVRO:**

**AUTOR DO LIVRO:**

**ILUSTRADORES:**

**EDITORA:**

RODRIGO FRANÇA

**O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO**

ILUSTRAÇÕES  
Juliana Barbosa  
Pereira

EDITORA  
FRONTENA

A PARTIR DO QUE OUVIU NA LEITURA DE HOJE DO LIVRO "O PEQUENO PRÍNCIPE", PINTE A RESPOSTA CERTA:

1) QUAL É O NOME DA ÁRVORE QUE APARECE NA HISTÓRIA?

BANANEIRA

BAOBÁ

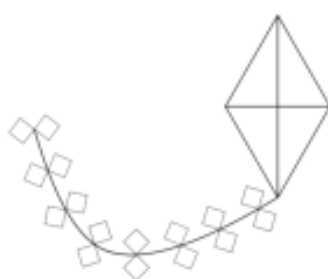
PALMEIRA

2) ONDE ESTAVA O PEQUENO PRÍNCIPE?

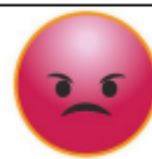
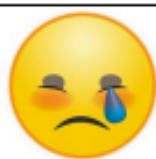
EMBAIXO DA BAOBÁ


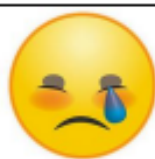
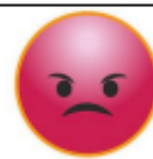
ATRÁS DA BAOBÁ

3) O QUE FICOU PRESO NO GALHO DA BAOBÁ?



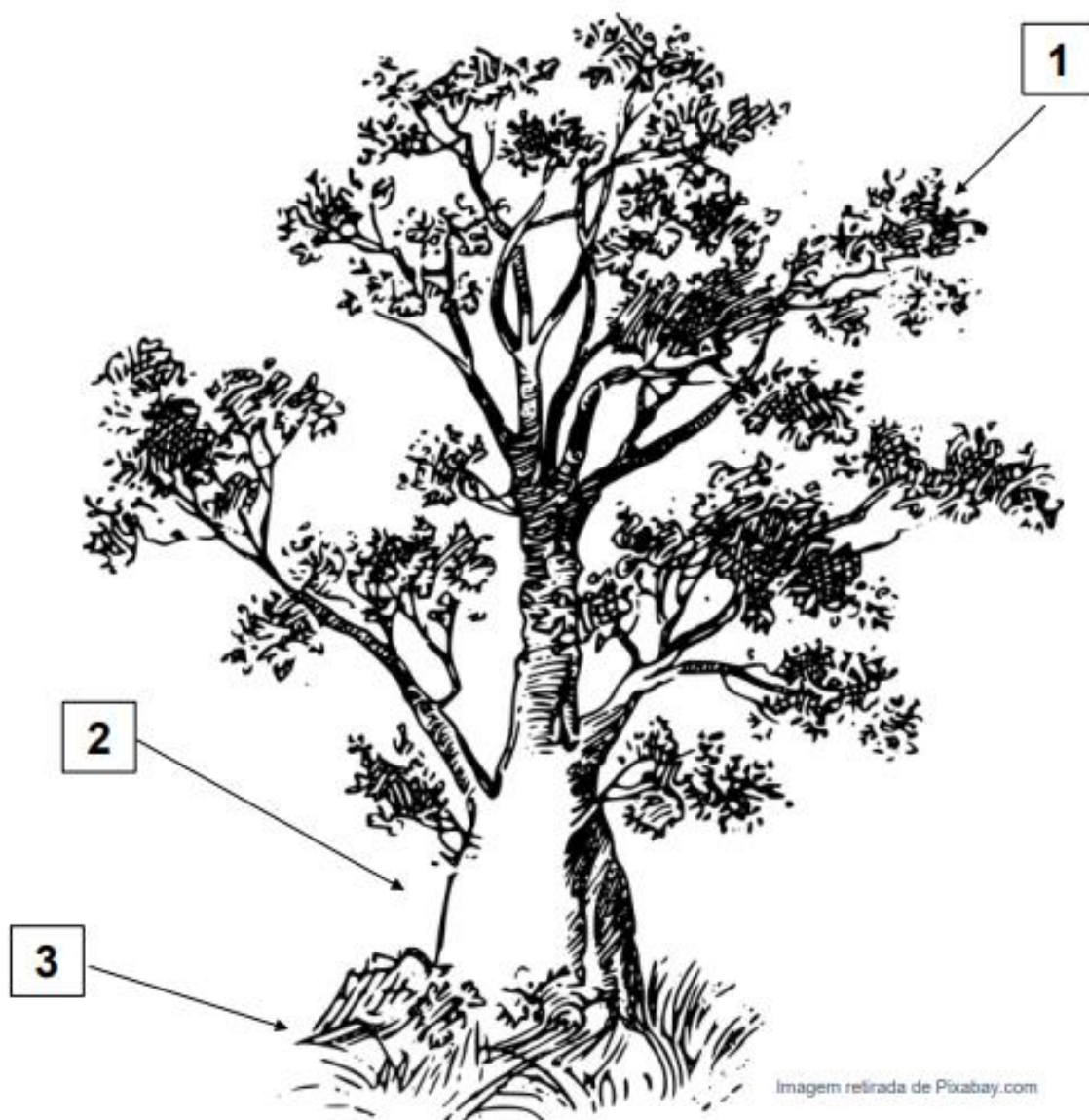
AGORA É A SUA VEZ! DESENHE O QUE TE DEIXA...



JÁ ESTUDAMOS SOBRE AS PARTES DO CORPO HUMANO E ASSIM COMO NÓS, AS PLANTAS TAMBÉM SÃO COMPOSTAS POR PARTES.

➤ NUMERE, CORRETAMENTE, OS NOMES DAS PARTES DO BAOBÁ.



NÚMERO	NOME DA PARTE DA PLANTA
_____	RAÍZES
_____	FOLHAS
_____	TRONCO

ENCONTRE, NO **CAÇA-PALAVRAS**, AS PALAVRAS QUE ESTÃO NO QUADRO:

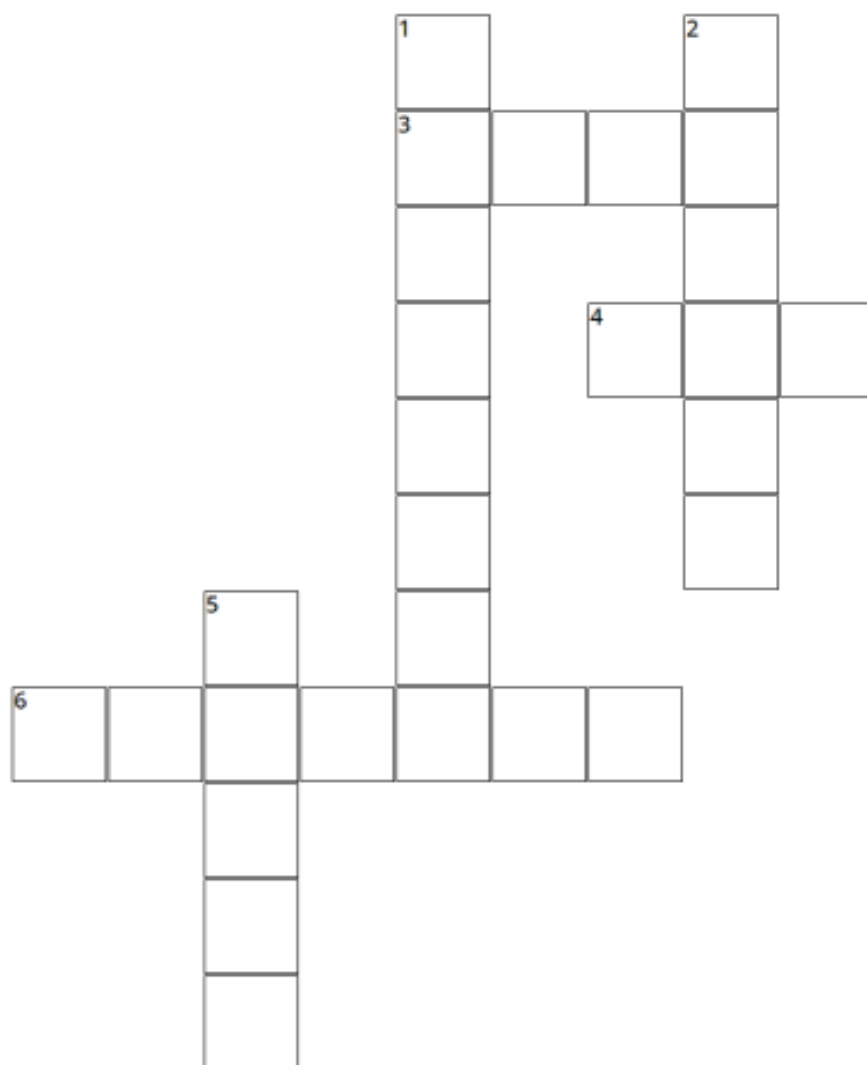
PRÍNCIPE – REI – PLANETA – BAOBÁ – UNIVERSO  
SEMENTE – PIPA – CÉU – PELE – FLOR

P	H	U	N	I	V	E	R	S	O
X	K	R	T	F	H	B	C	P	B
K	Q	E	P	L	A	N	E	T	A
Y	C	I	J	B	A	O	B	Á	Z
F	L	P	R	Í	N	C	I	P	E
L	C	S	S	E	M	E	N	T	E
O	É	F	J	W	W	V	L	Z	P
R	U	C	D	M	K	Y	J	F	E
V	X	F	K	T	K	X	Y	Z	L
P	I	P	A	S	T	L	Z	J	E

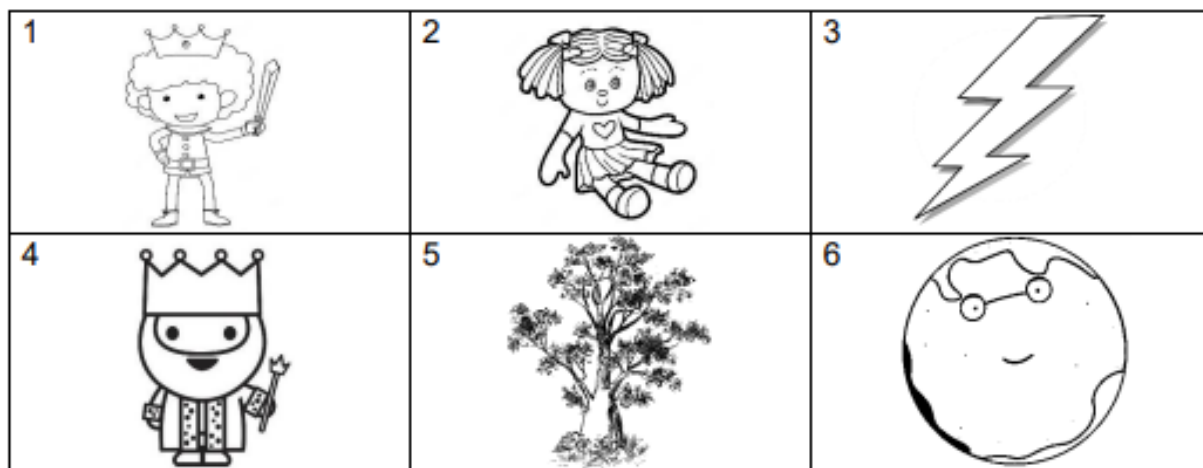
Atividade gerada no smartkids.com

- AGORA, ESCOLHA 1 PALAVRA E ESCREVA UMA FRASE.
- DEPOIS, DESENHE!


## CRUZADINHA



Gerada no <https://www.educolorir.com>



### ATIVIDADES DE MATEMÁTICA

1) COMPLETE A SEQUÊNCIA DE 5 EM 5 E LEVE O PEQUENO PRÍNCIPE ATÉ A BAOBÁ:



5



20



2) PINTE O RESULTADO CORRETO DE CADA OPERAÇÃO:

$8 + 2 =$

9

10

11

$10 + 8 =$

16

17

18

$9 - 3 =$

6

7

8

$10 - 2 =$

7

8

9

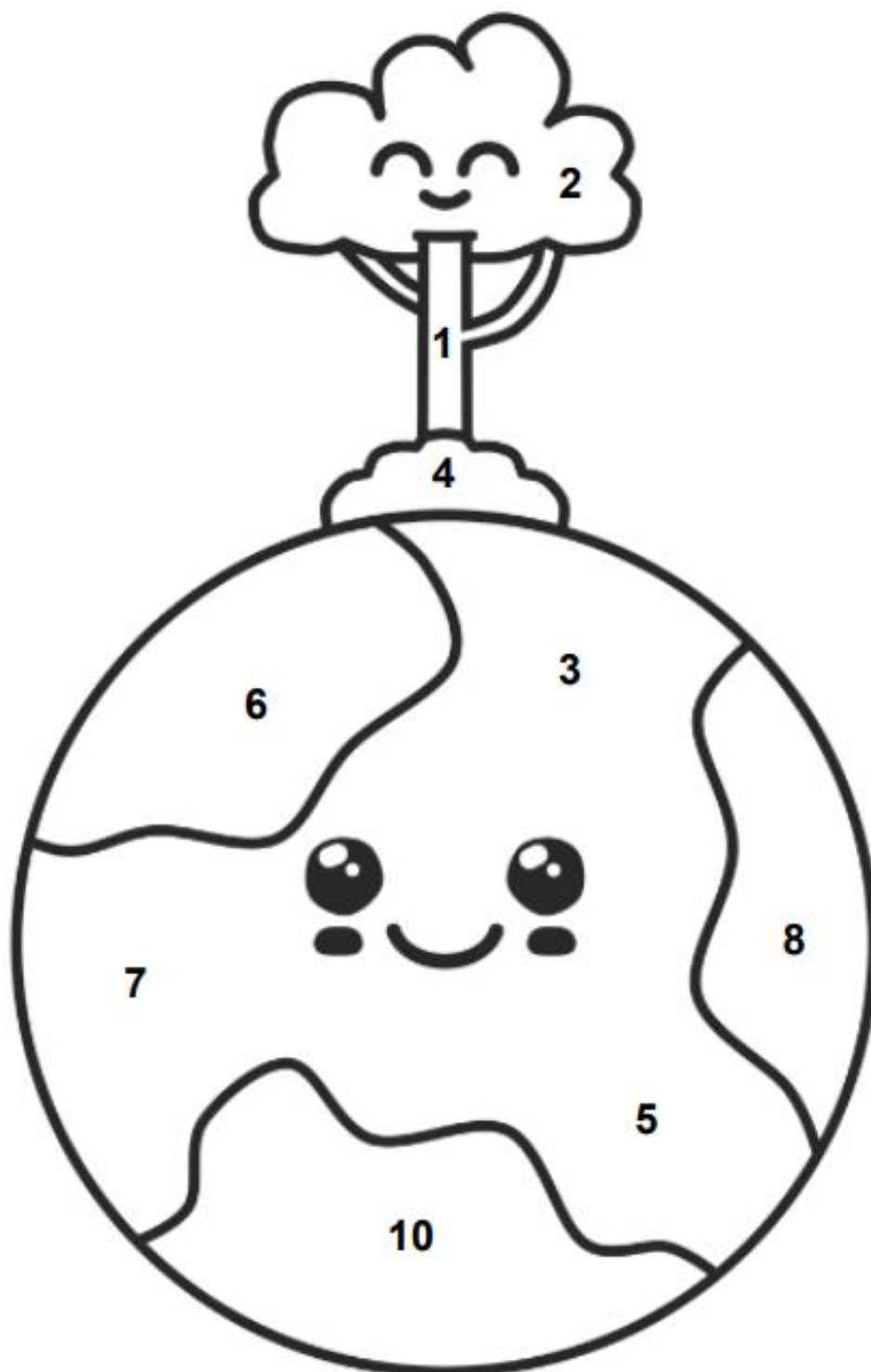
3) PINTE O DESENHO ABAIXO, CONFORME A LEGENDA:

VERDE

NÚMEROS PARES

AZUL

NÚMEROS ÍMPARES

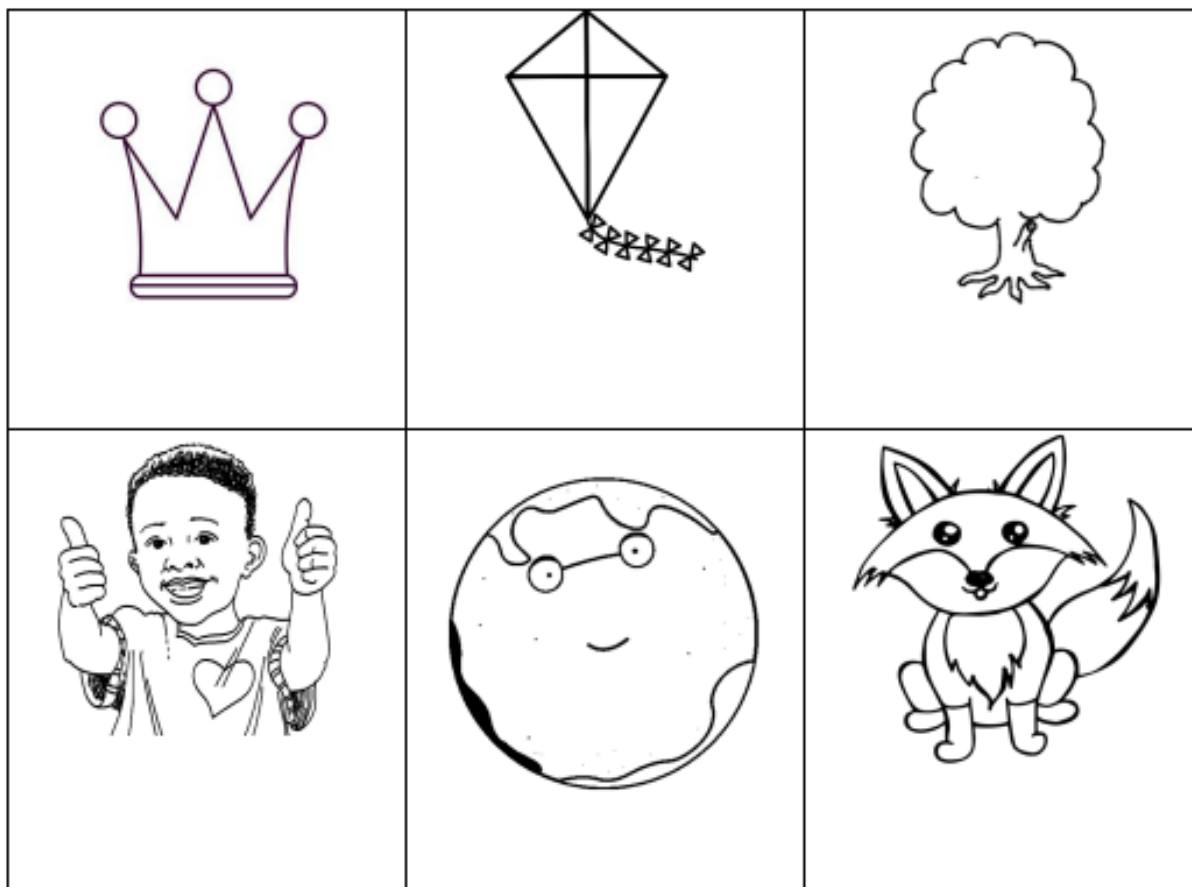


NOME: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_ PROFESSORA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**DIAGNOSE DE ESCRITA**

1) ESCREVA OS NOMES DAS FIGURAS:



Imagens retiradas do pixabay.com

2) ESCREVA UMA FRASE SOBRE A IMAGEM:



--